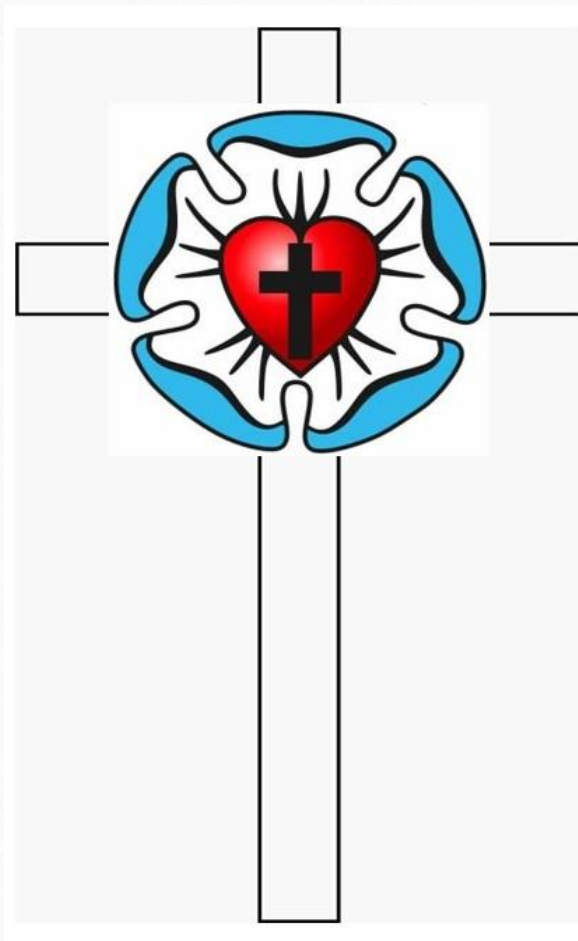


REFLEXÕES SOBRE O PRONTUÁRIO
DO CULTO EVANGÉLICO LUTERANO

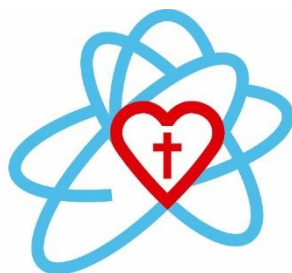


História, Teologia e Musicalidade

Reflexões sobre o Prontuário do Culto Evangélico Luterano

História, Teologia e Musicalidade

**Publicação coordenada pelo Conselho Sinodal de Liturgia e Culto
em parceria com o Conselho Sinodal de Música**



**Sínodo
Espírito Santo
a Belém**

**Rua Eng. Fábio Ruschi, 161 - Bento Ferreira
CEP 29001-670 - Vitória /ES - Brasil
Fone(s): (27) 9 9719-0690; (27) 9 9788-6625**

**secretaria@sesb.org.br
www.luterano.org.br/meu-sinodo/espírito-santo-a-belem/
<https://www.facebook.com/sinodoluteranoesbelem>**

**Impressão: Graficol
Santa Maria de Jetibá/ES
Agosto de 2023**

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	05
PREFÁCIO	06
I – COMO ENTENDEMOS E USAMOS O ESPAÇO LITÚRGICO EM NOSSAS COMUNIDADES?	08
1.1 - A “Confissão de Augsburgo” – ponto de partida	09
1.2 - Pastor/a no espaço litúrgico – existem “regras” de como deve ser sua postura?	10
1.3 - Relação Deus x ser humano – espaços – fé – Igreja	13
1.4 - Igreja: lugar “santo”? “sagrado”?	15
1.5 - Existe um espaço adequado para uma igreja?	18
1.6 - Breve olhar histórico sobre espaços nas Igrejas luteranas	20
1.7 - Espaço litúrgico: o que dele faz parte?	22
1.8 - Linguagem litúrgica?	37
1.9 - O que quer a linguagem litúrgica?	38
1.10 - Postura - comportamentos básicos na celebração litúrgica	39
1.11 - Exercício: como me sinto no espaço litúrgico?	41
Bibliografia	44
II – ASPECTOS DA HISTÓRIA DO “PRONTUÁRIO DO CULTO EVANGÉLICO LUTERANO”	47
2.1 – Introdução	48
2.2 - O culto no período da ortodoxia, do pietismo, do iluminismo e racionalismo (1550-1850)	48
2.3 - A restauração litúrgica no séc. XIX	50
2.4 – Vertentes	53
2.5 - Pastor Siegmund Wanke	55
2.6 - “ <i>Repetitio est mater studiorum...</i> ”	61
Bibliografia	64
III - PRONTUÁRIO DO CULTO EVANGÉLICO LUTERANO - PASSO A PASSO	66
3.1 - Ordinário do Culto Principal	66
3.2 - Complementando “É bom saber”	107
3.2.1 - Talar ou alba na Santa Ceia?	107
3.2.2 - Pão e vinho: o que acontece com eles na consagração?	108

Bibliografia	111
IV - LECIONÁRIOS E INTRÓITOS NO ANO LITÚRGICO	113
4.1 – Lecionários	113
4.2 - Os introitos no Ano Litúrgico	114
V - A MÚSICA DO PRONTUÁRIO DO CULTO EVANGÉLICO LUTERANO	118
5.1 - História por trás da música do Prontuário	118
5.2 - A escrita musical do Prontuário	119
5.3 - Acompanhamento instrumental	122
5.4 - Algumas orientações para musicistas	123
VI – PARTITURAS DA LITURGIA DO PRONTUÁRIO	125

APRESENTAÇÃO

“Que fazer, pois, irmãos? Quando vos reunis, um tem salmo, outro, doutrina, este traz revelação, aquele, outra língua, e ainda outro, interpretação. Seja tudo feito para edificação... Tudo, porém, seja feito com decência e ordem” (1 Coríntios 14.26,40).

Caro leitor, cara leitora! No Artigo 8º, parágrafo único, da **Constituição da IECLB**, lemos: “A Comunidade congrega os membros da Igreja em torno de um centro comum de culto, pregação e celebração dos sacramentos”.

Ao responder sobre o porquê nos reunirmos em culto, o Guia de Vida Comunitário “**Nossa Fé - Nossa Vida**”, afirma: “*Confiamos na promessa de Jesus Cristo de estar presente onde duas ou três pessoas estão reunidas em seu nome. O Espírito Santo faz-nos reconhecer que Deus é nosso Pai e doador de todas as coisas. Faz-nos saber que Deus veio ao nosso encontro e nos serviu em Jesus Cristo. Faz-nos agradecer a Deus por este serviço, adorando-o e louvando-o. O Espírito Santo fortalece a comunhão no encontro com outras pessoas. Faz-nos sair do isolamento. Confronta-nos com a palavra de Deus, fazendo-nos conhecer sua vontade. Pelo sacramento do santo Batismo certifica-nos de sua aliança. Pelo sacramento da Ceia do Senhor une-nos no mistério do corpo de Cristo, fortalecendo-nos para a missão de servir a Deus e ao próximo*”. O mesmo guia nos lembra que: “*A forma de culto facilita a participação consciente das pessoas. Historicamente, nossa ordem de culto apresenta variações na forma, devido às diferentes tradições e situações de nossas comunidades.*” Como vemos, a Igreja sempre se preocupou com o fato de que é necessário que haja ordem no culto. É também com esta preocupação que, há quase 70 anos, surge o “Prontuário do Culto Evangélico Luterano”.

A presente obra, **Reflexões sobre o Prontuário do Culto Evangélico Luterano**, tem o propósito de resgatar aspectos históricos e bíblico-teológicos, bem como a musicalidade da liturgia do Prontuário. O material bibliográfico, que compõe esta publicação, bem como o material em áudio e vídeo, que compõem o conjunto do projeto, é fruto de árduo trabalho de pesquisa e estudo de diferentes pessoas que, em maior ou menor grau, se dedicaram para que ela se tornasse possível. Por este motivo, cabe-nos agradecer, em especial:

- Ao Sínodo Espírito Santo a Belém, que nos proporcionou esses momentos de formação;
- Aos Conselhos Sinodais de Liturgia e Culto e de Música;
- Ao P. Helmar R. Rölke, por sua assessoria na parte histórica e teológica;
- À Micaela Berger, por sua assessoria na parte musical;
- Ao Izidoro Boldt, por sua dedicação na digitação das partituras;
- Ao P. Edivaldo Binow, por sua colaboração na correção das partituras;
- Ao Vinícius Ponath, assessor de música do SESB, por sua colaboração;
- À Associação Diacônica Luterana – ADL, pela parceria na gravação dos áudios e vídeo do culto;
- À Comunidade em Lagoa I, pela parceria na gravação do culto, em 04.06.2023;
- Ao P. Jianfranco Figer Berger, pela correção dos textos e diagramação.

Com gratidão a Deus, disponibilizamos esta obra, com seu riquíssimo conteúdo, como ferramenta litúrgica e teológica, a todas as pessoas que buscam servir a Deus a partir da confessionalidade luterana. Rogamos que Deus a transforme em benção.

Vitória, agosto de 2023.

P. Ismar Schiefelbein
Pastor Sinodal do Sínodo Espírito Santo a Belém – IECLB

PREFÁCIO

Por que um Prontuário do Culto Evangélico-Luterano? A conferência de pastores, reunida em Jequitibá, de 12 a 14 de janeiro de 1954, decidiu elaborar um “livrinho para cultos”. Havia a necessidade, segundo os pastores, de que houvesse uma liturgia comum para todas as comunidades. A finalidade do Prontuário, naquele momento histórico, era unificar a liturgia dos cultos nas comunidades capixabas.¹ Após longo período de trabalho, a 1ª edição do Prontuário foi lançada na Páscoa de 1955. A partir de então, o Prontuário está presente nos cultos nas comunidades luteranas capixabas, alcançando sua 8ª edição, lançada em 2013.

Há um clamor por parte de membros e de ministros/as de não deixar de lado o Prontuário. E não é por menos. Sua riqueza teológica e litúrgica é imensa e necessita ser preservada, pois faz parte do ser luterano em terras capixabas. Nesse sentido houveram três seminários sinodais de formação para ministros/as: nos dias 03 a 05/09/2013, em Santa Maria de Jetibá; 28 a 30/06/2022, em Vila Velha; e 27 a 29/09/2022, em Santa Isabel, Domingos Martins, especialmente os de 2022. O tema dos seminários foi o Prontuário. Esta publicação, **Reflexões sobre o Prontuário do Culto Evangélico Luterano**, é o resultado de reflexões sobre a história, a teologia e a musicalidade presentes na liturgia do Prontuário.

Os conteúdos dos seminários foram abordados pelo **P. Helmar R. Rölke**, sob os seguintes aspectos, que também são apresentados em sequência nesta publicação:

Como entendemos e usamos o espaço litúrgico em nossas comunidades?

P. Helmar refletiu sobre espaço e postura litúrgica, tendo como ponto de partida a Confissão de Augsburgo.

Aspectos da história do “Prontuário do Culto Evangélico Luterano”

P. Helmar compartilhou um rico relato histórico, destacando as vertentes da ciência litúrgica que influenciaram os pastores que vieram atuar em solo capixaba; a restauração litúrgica no século 19, com algumas ênfases no modo de entender liturgia em **Wilhelm Löhe** (pastor com uma visão missionária, diaconal e litúrgica muito pertinentes), até chegar no período em que surgiu o Prontuário do Culto Evangélico-Luterano, através do trabalho do P. Siegmund Wanke e P. Gothard Grottke.

Prontuário do Culto Evangélico Luterano - passo a passo

P. Helmar fez a análise de cada parte da liturgia (passo a passo) destacando as observações com a frase: “**É bom saber**”.

¹ Heimatbote, ano 4, número 5, maio de 1954. Tradução e pesquisa do P. Rubens Stuhr.

Outro aspecto abordado nesta publicação refere-se aos lecionários e uma breve orientação sobre os introitos no Ano Litúrgico, tentando responder à questão qual introito usar em determinado domingo.

Outro tema estudado nos seminários foi o canto, a **musicalidade da Liturgia do Prontuário**. Toda a liturgia do Prontuário pode ser cantada. Nessa parte tivemos o privilégio de contar com a presença de **Micaela Berger**, que ensaiou com ministros/as. Micaela também fez importantes observações sobre a musicalidade presente na liturgia do Prontuário. Ela preparou os arranjos, que foram digitados por **Izidoro Boldt**. Essa dupla trabalhou com dedicação nos ajustes e correção das partituras, que estão presentes nesta publicação. Outro caderno será publicado, somente com a parte da música, o qual será disponibilizado para os diversos grupos musicais. Esse trabalho contou com a participação de **Vinícius Ponath**, assessor de música do SESB, e do **P. Edivaldo Binow**.

Desde a concepção deste projeto de formação litúrgica, a proposta do Conselho Sinodal de Liturgia e Culto, com o apoio do Conselho Sinodal de Música, foi de produzir e disponibilizar partituras, áudios e vídeos referentes à liturgia do Prontuário, para que os músicos das comunidades/paróquias possam auxiliar ministros/as e toda a comunidade na parte do canto.

A música e o canto desempenham um papel fundamental na história das igrejas advindas da Reforma Luterana do século XVI. Está no DNA das comunidades luteranas. Liturgia e música cristã têm o mesmo objetivo: favorecer o encontro de Deus com as pessoas! A liturgia e o canto comunitário aproximam as pessoas, colocando-as a serviço de Deus, e tornam a comunidade mais alegre, atrativa, viva e melhor preparada para a missão de propagar o Evangelho de Cristo.

Além da formação com ministros/as, o projeto prevê formação com as diversas lideranças que atuam nas comunidades e, num passo seguinte, com toda a comunidade. A formação de lideranças acontecerá nas Uniões Paroquiais, com assessoria do P. Helmar R. Rölke e do musicista Vinícius Ponath. Essa formação de lideranças faz parte de uma ação conjunta entre os Conselhos de Liturgia e de Música do SESB. Num terceiro passo, ministros/as e lideranças são desafiados a replicar essa formação e realizar uma **catequese litúrgica com toda a comunidade** e nos seus diversos grupos e setores de trabalho. O desafio é celebrar cultos com o cerne que a tradição nos legou, alicerçados na base bíblica, teológica, confessional e litúrgica, capazes de envolver o ser humano integral e seu contexto existencial. Para tanto, é preciso o estudo contínuo da liturgia, da música, do culto, sua história, sua teologia.

Confiamos **Reflexões sobre o Prontuário do Culto Evangélico Luterano** às mãos graciosas do Trino Deus, suplicando que este testemunho edifique sua Igreja entre nós, seja de muito proveito na tarefa de formação e catequese litúrgica e contribua para a celebração de cultos, sabendo que, ao terminar a liturgia do templo, deve continuar a liturgia do culto diário, na vida pessoal, familiar e pública. *Soli Deo Gloria!*

I - COMO ENTENDEMOS E USAMOS O ESPAÇO LITÚRGICO

EM NOSSAS COMUNIDADES?

P. Helmar R. Rölke

PARA INÍCIO DE CONVERSA...

Já no final do ano passado, o Conselho de Liturgia solicitou que eu apresentasse no SESB um apanhado do surgimento do **Prontuário do Culto Evangélico Luterano**, que, neste ano, completa 67 anos. Não via dificuldades, pois já no passado eu fizera essa busca para o colégio de ministros/as. Agora apenas ampliei a busca.

Mas então veio uma segunda solicitação: trabalhar também em outro momento um assunto relacionado com Liturgia. A motivação foi aprofundar alguns assuntos relacionados com a nossa prática celebrativa. Mas, também se lembrou que essa contribuição deveria ser ampliada para as comunidades, inclusive com a possibilidade da confecção de um livreto. Refletimos sobre diversas possibilidades, quando tomei a liberdade de sugerir algo em torno do uso que fazemos do espaço litúrgico. Seria um assunto que nos envolve diretamente como oficiantes, mas também toda a comunidade, principalmente os/as que ajudam na condução das celebrações: lideranças, músicos, leitores/as, zeladores/as, “puxadores” de sino...

Aí veio o momento da pesquisa. Foi gratificante, pois percebi que esta poderia trazer muita inspiração não só para as lideranças e demais pessoas envolvidas nas celebrações, mas também para todos os membros das nossas comunidades. Como o material que estava formulando por escrito não se voltava somente às lideranças e membros, mas também visava ministros/as, percebi que muitos assuntos provavelmente fizeram parte do período dos estudos destes/as nos centros de formação da IECLB. Chover no molhado para ministros/as? Ou oferecer mais uma vez? (ou, quem sabe, tem aí algo novo???). Resolvi oferecer o texto para todos/as, pois me veio à lembrança uma história da minha infância.

Meu pai tinha um cavalo com o qual realizava os seus compromissos como pastor. O “*Mofadim*” era muito amigo do pastor e, como recompensa pelos serviços que prestava, toda tarde lhe era oferecida uma pequena ração de milho, dada numa cuia. Mas, tinha um detalhe. Mesmo de longe, vendo alguém com a cuia na mão, não se aproximava. Só vinha num passo alegre e rápido quando se mexia o milho dentro da cuia. O convite era aquele barulhinho típico. Então, ele só vinha para se alimentar quando ouvia o barulho do milho na cuia.

Com o perdão da comparação, ofereço agora a minha cuia com alguns assuntos referentes à nossa prática nos espaços litúrgicos, fazendo um barulhinho. Quem sabe, vocês se animam para pelo menos ver e, quem sabe, se interessar pelo que ofereço nessa cuia!

Observações: Onde, por um lapso, a linguagem inclusiva não foi usada em relação ao gênero, ela está subentendida. Uso a terminologia “pastor/a” e também “ministro/a”. Nesses casos, nada altera o sentido.

1.1 A “Confissão de Augsburg” – ponto de partida

Desde aquele 31 de outubro de 1517, em que o monge Lutero havia afixado suas teses contra alguns desmandos da sua Igreja lá na Igreja do Castelo em *Wittenberg*, suas ideias não mais paravam de circular pela Alemanha. Suas ideias de provocar para um debate encantaram estudiosos e a população, espalhando-se por toda a Europa.

As teses foram seguidas de outras e outras. As perguntas que vinham até aquele professor de teologia eram por ele respondidas em panfletos, escritos, folhetos, livros. Mas, também muitos questionamentos de sua própria igreja romana forçaram Lutero a escrever e se posicionar sobre suas ideias, sua redescoberta central de que o justo viverá por fé.

As suas autoridades eclesiásticas o citaram para diversos encontros, com calorosas discussões teológicas. Finalmente, o próprio Imperador foi envolvido, pois a igreja romana se viu atingida cada vez mais por crescentes ataques de Lutero. Roma reagiu, publicando, em 1520, a bula papal “*Exurge Domine*” (*Levanta-te, ó Senhor*), pela qual Lutero fora convidado a rever suas doutrinas num espaço de 60 dias. Se não abjurasse neste prazo, seria excomungado.

Lutero, porém, permanece com suas doutrinas. Ele reage queimando a bula papal e chama à luta contra as leis papais. A reação da igreja romana foi a bula da excomunhão, em janeiro de 1521. Com isso, toda a situação religiosa na Alemanha ficou agitada. A descoberta de Lutero, de que Deus é um Deus que quer salvar e não condenar, se tornou o lema da liberdade. E, onde se vive e pratica a liberdade, há mudanças que logo se traduziram na compreensão diferente da concepção vigente do que é Igreja, da compreensão dos sacramentos e do sacerdócio.

Todo esse novo movimento significou perigo para a igreja romana, que, desde o século IV, vivia uma unidade com o Estado, onde uma instituição dependia da outra. O que fazer com aquele monge lá na Alemanha, que questionava essa história gêmea? Se a igreja se sentia atingida, também o Estado sentia o questionamento.

Por questões políticas da época, o Imperador *Carlos V* não pôde agir no campo religioso para combater o movimento desencadeado por Lutero. Só a partir de 1529, *Carlos V* viu-se em condições de zelar pela fé católica. Era necessário tomar atitudes contra os hereges e traidores do reino.

Assim, no ano de 1530, o Imperador convocou os representantes dos principados e das cidades alemãs que formavam o Império Alemão para uma reunião na cidade de *Augsburgo*. Era a “*Dieta de Augsburg*”. *Carlos V* estava disposto a erradicar as heresias e demover essas pessoas dos “abusos que praticavam contra o Evangelho”.

Os príncipes alemães e os representantes das cidades que tinham aderido ao novo movimento receberam a convocação com preocupação. Para não serem surpreendidos, solicitaram que a universidade de *Wittenberg* elaborasse um documento, chamado de “*Artigos de Torgau*”, nos quais eram citadas as mudanças havidas na Igreja. Mas, também levaram para *Augsburgo Felipe Melancthon*, colaborador de Lutero e professor na universidade de *Wittenberg*.

Carlos V atrasou-se para chegar a *Augsburgo*. Este tempo de espera foi aproveitado para a elaboração de um novo documento, que abrangia os “*Artigos de Torgau*”, mas também outros

escritos. Surgiu assim a *“Confissão de Augsburgo”* (CA), uma apologia da nova fé. Em maio, o texto da CA foi enviado para Lutero tomar conhecimento. Ele, porém, nada acrescentou. A *“Confissão de Augsburgo”* é um testemunho público da confissão de sua fé em Jesus Cristo.

Finalmente, em 25 de junho de 1530, o texto foi lido diante da *Dieta*, na presença do Imperador e todas as autoridades da igreja romana. Após a leitura, o Imperador proibiu a divulgação do documento, mas convocou uma comissão de teólogos católicos para elaborar uma *“Confutatio”*, uma *refutação* dos artigos. Após a apresentação da *“Confutatio”*, Carlos V considerou a *“Confissão de Augsburgo”* como refutada. Tentou-se ainda manter algumas conversações, mas sem resultado.

Em resposta à *“Confutatio”*, Melancthon, com colegas teólogos, escreveu a *“Apologia da Confissão de Augsburgo”*, em que questiona teologicamente, artigo por artigo, as refutações produzidas pelos teólogos católicos. Esmiúça nesta Apologia a compreensão detalhada dos 28 artigos. Estes artigos fazem hoje parte dos escritos confessionais das Igrejas Luteranas.

1.2 - Pastor/a no espaço litúrgico – existem “regras” de como deve ser sua postura?

Existem “regras” ou “convenções” de como deve ser a postura de pastor/a - ministros/as - no espaço litúrgico? Essa pergunta é pertinente? Talvez, mais do que se possa imaginar!

Como orientação na reflexão desta pergunta, vamos nos reportar aos artigos 7 e 8 da *“Confissão de Augsburgo”*, que tratam *“Da Igreja”* e *“O que é Igreja”* e também à reflexão levantada na sua Apologia:

Artigo 7: *Ensinam outrossim que sempre permanecerá uma santa igreja. A igreja é a congregação dos santos na qual o evangelho é pregado de maneira pura e os sacramentos são administrados corretamente. E para a verdadeira unidade da igreja basta que haja acordo quanto à doutrina do evangelho e à administração dos sacramentos. Não é necessário que as tradições humanas ou os ritos e cerimônias instituídos pelos homens sejam semelhantes em toda parte. Como diz Paulo: “Uma só fé, um só batismo, um só Deus e Pai de todos”, etc. (Ef 4.4s).*

Artigo 8: *“Ainda que a igreja, propriamente, é a congregação dos santos e verdadeiramente crentes, contudo, visto que nesta vida muitos hipócritas e maus lhe estão misturados, pode fazer-se uso dos sacramentos administrados por maus, segundo a palavra de Cristo: “Na cadeira de Moisés estão sentados os escribas e os fariseus,” etc. Tanto os sacramentos quanto a palavra são eficazes por causa da ordenação e do mandado de Cristo, mesmo quando administrados por maus. Condenam os donatistas e outros a eles semelhantes, os quais negavam fosse lícito fazer uso do ministério de maus na igreja e julgavam que o ministério dos maus era inútil e ineficaz”.*

Sobretudo o artigo 8 indica para a pergunta sobre pastor/a no espaço litúrgico – e se existem “regras” de como deve ser sua postura. Historicamente é neste ponto que houve muitos conflitos na história das comunidades capixabas.

Os membros que inicialmente foram atendidos pelos pastores enviados pelo *“Evangelischer Oberkirchenrat”* (EOK) de Berlim, com tradição reformada, diziam que os pastores enviados pelo *“Gotteskasten”* (*“Caixa de Deus”* da Baviera) diante do altar *“viravam a bunda”* para a comunidade

reunida nos cultos. Esses comentários eram fomentados pelos pastores, pois também diziam que os pastores do *Gotteskasten* não tinham formação acadêmica, portanto não eram aptos para o pastorado.

Sobre a história do altar, sabe-se que inicialmente os cristãos usavam apenas uma mesa (como altar), atrás da qual o dirigente dirigia a celebração. Isto significa que nada impede o altar de ser móvel e distanciado de paredes ou de outra estrutura. Também possibilita o/a pastor/a colocar-se atrás do altar.

Deve ainda ser acrescentado que, na história da igreja cristã, os dirigentes das celebrações se viravam para o altar, não por ser o altar. Viravam-se para ele, pois ele sempre estava colocado em direção leste, onde o sol nascia. Essa era, desde o início, a direção à qual se orava, pois o sol nascente simbolizava o Cristo ressuscitado que voltaria e que assim se instalaria definitivamente o Reino de Deus. Assim, quando a comunidade ora, ela se volta a este Reino esperado: “*Venha o teu reino!*”

Quando pastores/as oram, não falam à comunidade, como o fazem na saudação inicial, nas leituras, na pregação, nos avisos, na bênção. Neste momento se colocam **junto com** a comunidade na mesma direção e oram **com ela** nesta direção.

Para as diferentes posições/posturas litúrgicas do/a pastor/a diante do altar, tem-se as seguintes explicações:

Quando se dirige para a comunidade, pastor/a se coloca do lado oposto a ela, ou, como se lê na “*Apologia da Confissão de Augsburgo*”, Artigos 7 e 8 (28): “*como substituto de Cristo e em seu lugar*” (“*Christi vice et loco*”). O texto da *Apologia* diz: “*Estes (referindo-se aos ministros) são membros da igreja segundo a sociedade externa dos sinais e, por isso, ocupam cargos na igreja. E não priva os sacramentos de sua eficácia o serem administrados por indignos, porque, em virtude do chamado da igreja, representam a pessoa de Cristo* (negrito meu), *não suas próprias pessoas, conforme testifica Cristo: “Quem vos der ouvidos, vos ouve-me a mim”. Quando oferecem a palavra de Cristo e os sacramentos, não-os oferecem como substitutos de Cristo e em seu lugar* (negrito meu). *É o que nos ensina aquela palavra de Cristo, para que não nos ofendamos com a indignidade dos ministros*”.²

Ao se virar do altar para a comunidade, pastor/a o faz “*como substituto de Cristo e em seu lugar*”. Isto se concretiza na Saudação “*O Senhor seja convosco*” quando ela é dada com mãos abertas e estendidas. O gesto está carregado de forte simbologia: pode indicar o sinal de entrega, devotamento e convite de Cristo. Mas, também como imitação simbólica do ressuscitado, que encontra os seus discípulos reunidos na tarde do domingo da Páscoa. Eles estão amedrontados e, então, Jesus chega, fica no meio deles e diz: “*Que a paz esteja com vocês! Em seguida Ihes mostrou as suas mãos e o seu lado. E eles ficaram muito alegres ao verem o Senhor. Então Jesus disse de novo: - Que a paz esteja com vocês! Assim como o Pai me enviou, eu também envio vocês. Depois soprou sobre eles e disse: - Recebam o Espírito Santo*”. (João 20.19-22. Também Lucas 24.36-49).

Com isso os discípulos reconhecem que Jesus realmente está no meio deles. E este é o acontecimento central do culto. O ressurreto serve sua comunidade, que se reuniu em seu nome e

² Livro de Concórdia – As Confissões da Igreja Evangélica Luterana. São Leopoldo: Sinodal/Concórdia, 1980. p. 181s.

sua presença. Da mesma forma, no final do culto, pastor/a, de frente para a comunidade e *representando Cristo*, a abençoa e imprime/deita, por incumbência de Cristo, sobre ela o nome de Deus.

Pastor/a nesta função não desempenha a função de ator/atriz que a todo momento troca de papel, uma vez como “*substituto de Cristo e em seu lugar*”, outra “*como guia (= pastor/a) da comunidade*”. Quando se volta para o altar, pastor/a indica que sua função é conduzir (= ir na frente = guiar) a comunidade em direção do Jesus que voltará. Ou seja, ele/a não lhe dá as costas, mas mostra que olha esperançoso/a na mesma direção que a comunidade que aguarda a volta do Senhor Jesus. Alguns teólogos chamam este gesto de “*democratização*” da esperança.

Observação: Quando se canta o prefácio, a *anamnese* e a *epiclese*, o/a pastor/a empresta sua boca para a comunidade, dando à sua oração musicalidade. É assim, por dizer, representante da comunidade. Diferente quando pastor/a canta as palavras da instituição. Aqui se torna *voz de Cristo* que, com suas palavras, abençoa pão e vinho e está presente com seu corpo e sangue.³

Onde pastor/a senta durante o culto, quando não está no altar ou no púlpito? Quando se quer sublinhar o papel de *substituto/a de Cristo e em seu lugar*, o local mais adequado seria nos bancos com a comunidade, em meio da comunidade. O deslocamento do banco para o altar e o púlpito sublinha a dupla forma que pastor/a desempenha na comunidade: *substituto/representante de Cristo*, mas, ao mesmo tempo, estando no meio da comunidade, *seu guia, que vai na frente* e assim nela exerce o seu pastoreio.

O costume de se colocar uma cadeira perto do altar remonta à compreensão luterana de que pastores/as são professores que, como bispos, apascentam, pastoreiam e guiam com a Palavra o seu rebanho. Os bispos, na história da igreja, tinham seu lugar perto do púlpito ou até no lugar do púlpito, de onde, como de uma cátedra, ensinavam.

Inadequado é usar uma cadeira na *abside*, pois, na compreensão luterana, pastor/a não é sumo-sacerdote, ao qual, somente a ele, competia estar e agir no espaço mais sagrado do templo, para ser distinguido do povo simples.

Sobre a prática de como pastor/a, ministro/a se vira para o altar e do altar para a comunidade, sabe-se que ela remonta a manuscritos litúrgicos medievais. Usa-se a terminologia latina “*cor ad altare*”, ou seja, “*coração para o altar*”. Finalmente, a prática foi incorporada no “*Ordo Missae Romanae Curiae*” em 1502. Como tal, foi assumida pelos reformadores. É vista como “*Adiaphora = adíáforo*” (do grego: não essencial, nem ruim, nem bom, indiferente). Enfim, a prática tem sua importância histórica, mas não interfere na confessionalidade.

Alguns teólogos luteranos, como *Wilhelm Stählin*, e principalmente *Cristoph Marksches* (professor de História da antiguidade), veem esse gesto litúrgico “*coração para o altar*” como algo pertinente ao espírito ecumênico da igreja luterana. Preserva-se, assim, concretamente algo da “*catolicidade*”

³ Gert Kelter – *Gott ist gegenwärtig – Anregungen für die Feier des lutherischen Gottesdienstes*, p. 10. <http://www.sola-gratia-verlag.de> PDF.

das igrejas luteranas, quando no *Credo Niceno* se confessa: ... “*Creio numa só Igreja, santa, universal e apostólica*” ...

Para evitar arbitrariedades individuais, gestos e movimentos estranhos diante do altar, preconiza-se o seguinte gesto litúrgico: o giro do/a oficiante no altar é feito de tal forma que o lado esquerdo, o lado do coração, nunca se distancie do altar (“*cor ad altare*” = *coração para o altar*). O giro para a comunidade acontece virando-se para a direita. O giro para o altar, virando-se para a esquerda.

A denominação “*Culto Principal*”, usada na liturgia da IECLB aprovada no Concílio em 2000 (Chapada dos Guimarães - MT), bem como também usado pelo *Prontuário do Culto Evangélico-Luterano* (1955), indica que se trata de uma celebração que engloba toda a comunidade: sem distinção de idade. Enfim, a comunidade se reúne como grande família no culto dominical.

Dentro da tradição luterana, essa celebração do “*Culto Principal*”, presidida pelo/ pastor/a, realça toda função que lhe é concedida pela ordenação ao ministério: *pastoreio do rebanho, aconselhamento, visitação e reconciliação, proclamação e ensino do evangelho, instrução, formação, fortalecimento, administração dos sacramentos, envio, ouvir a confissão e proclamação do perdão...*

Dentro da IECLB, o ministério eclesiástico se desdobra em quatro ministérios específicos, que são: o *pastoral*, o *catequético*, o *diaconal* e o *missionário*. Eles têm incumbências comuns e específicas/peculiares. Qual a postura que cabe ao ministério catequético, diaconal e missionário no espaço litúrgico? O mesmo indicado pela “*Confissão de Augsburg*”, na sua Apologia nos artigos 7 e 8?

1.3 – Relação Deus x ser humano – espaços – fé – Igreja”

Após essa percepção da CA sobre conveniências de postura de pastor/a e ministro/a no altar e na comunidade, levanta-se agora a pergunta sobre o significado daquele espaço como um todo.

Percebe-se, em alguns artigos de pesquisadores no âmbito das igrejas luteranas europeias, interesse em entender qual seria a relação do “*espaço-igreja*” e a concepção de que este *espaço* teria uma “*dimensão sacra*”. E também entender como essa “*dimensão sacra*” e tudo que ela desperta significa, para o ser humano, sua espiritualidade e sua fé, pois constata-se que qualquer *espaço* invoca no ser humano sua história, suas lembranças, suas experiências, enfim, a sua história local e mundial, e como se insere nela.

Quando, por exemplo, visito meus pais na casa onde cresci e sou recebido por eles na sala onde passei os meus primeiros 20 ou 25 anos de vida, este *espaço* vai despertar em mim lembranças. Vejo as janelas, as portas, os quadros na parede, a colocação dos móveis, o tapete, as poltronas... As lembranças começam a fluir em mim. Elas podem se constituir em lembranças individuais, familiares ou até comunitárias. Depende quais acontecimentos do passado vividos e experimentados naquele *espaço* são despertados em mim.

Observa-se, porém, que, para cada *espaço* que adentramos, fazemos uma nova experiência relacional. Quando adentramos num quarto, fazemos uma experiência relacional de *espaço*

diferente do que, por exemplo, da cozinha. Se o quarto estiver vazio, a experiência relacional com este *espaço* será bem diferente do que se estiver com mais pessoas. Isto significa que os fatores que encontramos vão nos guiar na nossa percepção do *espaço*.

O mesmo acontece com o “*espaço-igreja*”. Este *espaço* guarda, para todos que o frequentam, histórias individuais e coletivas/comunitárias. São despertadas lembranças carregadas de história familiar que ultrapassam o passado e o presente. E mais: a Igreja luterana, em sua confessionalidade, sempre de novo indica que este é o *espaço* onde se é relembrado do passado, se experimenta o presente e a esperança, e se almeja e pede por um futuro que ainda está por vir de forma completa. Isso sempre de novo é expresso quando, comunitariamente, aos domingos dizemos: “*Venha o teu reino!*” Este *espaço* tem também o poder de nos situar dentro do universo, na terra, com Deus e o ser humano. Também isto sempre expressamos aos domingos, quando naquele *espaço* nos reunimos comunitariamente: “*Seja feita a tua vontade, assim na terra como no céu!*”

Percebe-se que ***fé*** e ***espaço*** têm uma conexão que se explica pelas lembranças que o *espaço-igreja* evoca nas pessoas a partir de experiências que lá foram vividas no passado, são vividas hoje e a cada vez despertam a esperança pelo futuro. Trata-se de uma experiência íntima única, carregada de símbolos e de linguagem.

Mas, há aí uma porta de entrada para designar o *espaço-igreja* como um *espaço* especial que carrega algo de *sacro*. Está assim aberta a possibilidade de ver esse *espaço* como “diferente” de outros, quem sabe até carregado de certa “***santidade***”, ou até significando um “***espaço sagrado***”, enfim, carregado de uma “***dimensão sacra***”. Esse aspecto tão importante para o ser humano viver individualmente e coletivamente sua fé e sua espiritualidade nesse *espaço* “diferente”, como “***dimensão sacra***”, não se choca com o Movimento Reformatório?

A Reforma trouxe em seu bojo uma atitude anticlual e antisacra/antisagrado. Lutero entendia que a construção/igreja tem como destinação servir para a celebração de cultos e só indicada para experiências de fé no Evangelho e Sacramentos.

Deus está presente na comunhão dos que estão na celebração do culto, mas só ali onde sua Palavra acontece. Com isso, a igreja não é local da presença permanente de Deus e, por consequência, também não pode ser vista e entendida, além dos cultos, como *espaço santo*. Ao mesmo tempo, a igreja é um *espaço* especial, como Lutero o realça: “... *para que não aconteça nela (igreja) nada além de que nosso querido Senhor mesmo fale conosco através de sua santa Palavra, é nós por nossa vez falemos com Ele através de oração e louvor*”.⁴

O *espaço* é reservado para a relação clual com Deus. Isto o faz diferente de outros *espaços seculares* e assim abre a possibilidade de ser novamente entendido como um *espaço sagrado*, com “***dimensão sacra***”, mas sempre em relação a *espaços* “diferentes” dos de igreja.

Essa ambivalência na compreensão talvez tenha levado à tradição comum nas comunidades luteranas de manter as igrejas abertas só para celebrações comunitárias. No restante do tempo,

⁴ *Prédica de Lutero na dedicação da igreja do castelo da cidade de Torgau, em 05/10/1544.*

ficam fechadas. A partir desta constatação, percebe-se que, na teologia luterana, a pergunta pelo *espaço* como algo importante na relação entre Deus e o ser humano nunca foi de grande destaque. O *espaço* nunca foi considerado como “*meio de salvação*” (“*medium salutis*”). Para a relação Deus - ser humano, a construção da igreja, o seu *espaço*, não é visto como relevante para a salvação. Ele só é relevante para proporcionar e criar um *espaço* de meditação, de devoção individual e coletiva, oferecer *espaço* adequado para “... *que nosso querido Senhor mesmo fale conosco através de sua santa Palavra, e nós por nossa vez falemos com Ele através de oração e louvor*”.⁵

Para estabelecer vida adequada, o ser humano necessita de *regras e recursos/material*. *Regras e recursos/material* possibilitam o ser humano viver de forma mais harmoniosa possível. As *regras* estabelecem formas de comportamento e os processos de estabelecer padrões. Os *recursos/material*, por sua vez, possibilitam simbolicamente criar conteúdo para que rotinas sejam estabelecidas.

Os *espaços-igreja* se tornaram assim *espaços* institucionalizados, onde o comportamento é regido de forma diferente do que em *espaços* “diferentes”, seculares. Conversas são realizadas em tom de voz adequado. Todos se locomovem com calma, com devoção, não como na correria do dia-a-dia, pois as *regras* e os *recursos/material* assim o estabeleceram para esse *espaço*. O estabeleceram em consonância com a constante reprodução de rotinas ritualizadas durante a história.

Assim, na rotina exercitada neste *espaço*, *recursos/material* estão registrados individualmente e coletivamente, como, por exemplo, a *prédica*. Registra-se pela rotina estabelecida e exercitada, que ela seja feita no *púlpito*. Espera-se que *liturgos* se postem diante do altar ou atrás dele. Está registrado que a comunidade tem seu *espaço* nas bancadas, que a Ceia é recebida na mesa do Senhor, o altar.

Tudo isso tem como consequência a criação de estruturas em relação ao *espaço* que constantemente são reproduzidas e inspiram ou ditam o agir. Não só o agir de marcar presença, mas também em estruturar o *espaço* para que sirva a todos os participantes.⁶

1.4 - Igreja: lugar “santo”? “sagrado”?

Igreja é um lugar “santo”? “Sagrado”? Desde a antiguidade, a construção onde cristãos se reúnem para ouvir a palavra de Deus, orar em comunidade, receber os sacramentos e celebrar a Ceia do Senhor, é denominada “igreja”. A palavra “igreja” vem da língua grega εκκλησία = *ecclesia*, que significa “*reunião do povo*”, “*os reunidos*”, “*comunidade*”.

No Novo Testamento esta palavra é usada em muitas passagens para sublinhar que ela é *igreja de Cristo*, como, por exemplo, em Atos 20.28, onde o apóstolo Paulo chama os presbíteros da igreja de

⁵ Tobias Woydack – Raum, Glaube, Mensch und Kirche – Die Gottesbeziehung als räumliches Geschehen – <https://www.liturgische-konferens.de> — Zeitschrift der gemeinsamen Arbeitsstelle für gottesdienstliche Fragen der EKD - 21. Jahrgang 02/2007 ISSN 1619-4047 – p. 14s.

⁶ Tobias Woydack – Raum, Glaube, Mensch und Kirche – Die Gottesbeziehung als räumliches Geschehen – <https://www.liturgische-konferens.de> — Zeitschrift der gemeinsamen Arbeitsstelle für gottesdienstliche Fragen der EKD - 21. Jahrgang 02/2007 ISSN 1619-4047 – p. 19.

Éfeso e recomenda: *“Cuidem bem de vocês mesmos e de todo o rebanho que o Espírito Santo entregou aos seus cuidados, como pastores da igreja de Deus, que ele comprou por meio do sangue de seu próprio Filho”*.

Na pregação de dedicação da igreja do castelo de *Torgau*, em 05 de outubro de 1544, Lutero inicia da seguinte maneira: *“Meus queridos irmãos, queremos agora abençoar e dedicar essa casa ao nosso Senhor Jesus Cristo, o que não me cabe e compete sozinho, mas que também vocês logo peguem o aspersório e o incensário, para que esta casa seja preparada para que não aconteça nela nada além de que nosso querido Senhor mesmo fale conosco através de sua santa Palavra, e nós por outro lado falemos com Ele através de oração e louvor”*.

Como filho de seu tempo, Lutero deixa claro que a igreja é dedicada pela própria comunidade, diferentemente dos *“papistas”*, onde este ato é sacramentado através de autoridades eclesiásticas, água benta e incenso. A igreja deve ser dedicada para que, a partir de agora, se repita sempre o mesmo, - pois esta é sua função -, qual seja, a disputa de palavras entre Deus e o homem com amor e paixão.⁷

Os tempos e ambientes santos e construções de igrejas não existem porque há domingos, mas porque é necessário que a comunidade escolha tempos e períodos para se reunir e assim *“... ouvir a Palavra de Deus e por sua vez novamente de forma comunitária chamá-lo e orar por necessidades de toda espécie e agradecer por benefícios recebidos”*. (WA 49.592, 17-19).⁸

Nesta pregação, Lutero sempre de novo sublinha a necessidade da comunidade se reunir. Ele lembra que a oração pode ser feita em qualquer lugar e ambiente. Ele indica Mateus 18.20, onde ela pode acontecer a partir da reunião de mais de duas pessoas. Mas, ela em *“... lugar nenhum é tão poderosa e forte, senão quando toda comunidade de forma harmoniosa ora em conjunto”*. (WA 49, 593, 25 f.)⁹

Para que este lugar *“tão poderoso e forte”* alcance seu verdadeiro sentido, Lutero ainda destaca três pontos como partes integrantes de um culto:

- *Que a Palavra de Deus seja pregada de forma pura e santa. E quem a ouve deve ajudar para que ela seja pregada e preservada.*
- *Que a Palavra de Deus ouvida penetre em nosso coração e que ele seja sempre regado por ela.*
- *Que a Palavra de Deus, após ouvida, seja elevada a Deus quando o invocamos e oramos.*

No final da pregação, ele convida para uma oração, dizendo: *“Que agora tudo que foi dito a partir do Evangelho para a dedicação desta casa seja suficiente. E que agora vocês, queridos amigos, que ajudaram a aspergir com a água benta da Palavra de Deus, peguem também o incensário, isto é a oração. E clamemos a Deus e oremos (...) WA 49, 613, 26-29)”*¹⁰.

⁷ Alexander Deeg, in Ein liturgischer Aufbruch – <https://bibliographie.uni-Tuebingen.de> >Deeg-052, p. 88.

⁸ Alexander Deeg, in Ein liturgischer Aufbruch – <https://bibliographie.uni-Tuebingen.de> >Deeg-052, p. 88.

⁹ Alexander Deeg, in Ein liturgischer Aufbruch – <https://bibliographie.uni-Tuebingen.de> >Deeg-052, p. 88.

¹⁰ Alexander Deeg, in Ein liturgischer Aufbruch – <https://bibliographie.uni-Tuebingen.de> >Deeg-052, p. 89.

Com essa afirmação e na percepção de que a dedicação acontece através do ministro e da comunidade, estes, em última análise, zelam pela “*santidade*” da igreja. Isto naturalmente traz consequências litúrgicas. Como a comunidade se comporta na igreja? Como pastor/a se comporta nela? Como nela são feitas as leituras bíblicas? Como nela são feitos os anúncios? Como nela é usado o altar? Como nela é usado o púlpito? Onde nela se coloca a pia (fonte) batismal? Como nela se lida com os gestos? Como nela se zela pelos utensílios?

Já pelo formato, igrejas se distinguem de outras construções. Na igreja luterana, elas são dedicadas em culto (ato comunitário) para abrigar o povo de Deus. Mas, isto não as torna diferentes de outros ambientes, como entendido na Igreja Católica Romana. Ali, através da consagração, elas se tornam algo como um lugar separado/imune do profano/mundo. Através de um rico ritual de consagração, elas não são só dedicadas, mas acontece algo como uma santificação do local. Tanto é que vinho e hóstias, que conforme a compreensão da *transubstanciação* são transformados em sangue e corpo de Cristo, são ali guardadas no *sacrário*. É um local seguro, espécie de armário ricamente ornamentado e fechado à chave dentro da igreja.

Para que seja efetivada a finalidade e função da igreja, no luteranismo ela é dedicada através da palavra de Deus, oração e bênção, para se tornar local da presença do Santo Espírito. Com a dedicação, o local se torna apto ao culto. Ou seja, nesta compreensão o local é entendido como “*especial dentro do profano*”, no que percebemos na nossa lida diária sempre corrida.

Nesta compreensão, de entender o local como “*especial dentro do profano*”, também se evita cair na tentação de usar o local para qualquer finalidade. A finalidade sempre deve visar colocar o espaço a serviço da comunidade no serviço a Deus e do serviço Dele à comunidade. Deve se repetir sempre o mesmo, - pois esta é a função do local -, qual seja, promover a disputa de palavras entre Deus e o homem, com amor e paixão.

Além da diferença de compreensão do que é dedicação e consagração, deve ser ainda apontado para mais uma demarcação. Pelo rico ritual de consagração, o espaço na igreja católica passa por um processo de “*desprofanização*” - limpeza do profano. A igreja se torna como um espaço *cultural*, ou seja, objeto de culto, tanto é que, debaixo de muitos altares, são guardadas relíquias de santos ou outros objetos merecedores de veneração.

Tanto no catolicismo como no luteranismo, percebe-se que nos espaços das igrejas/ ambientes reina uma atmosfera diferente daquela do “*mundo*”. Os encontros comunitários lhes são comuns. Mas, para luteranos isto não afasta ou tira esta construção do meio social e geográfico onde foi construída. Sua inserção no mundo continua intacta.¹¹

¹¹ Christoph Albrecht, Einführung in die Liturgie, Vandenhoeck und Ruprecht – 4. Auflage – Göttingen, 1989 – p. 78.

Na compreensão luterana, o ambiente que emana da igreja não é qualidade material conseguida ou garantida pela sua dedicação/consagração por intermédio de autoridade eclesiástica superior. A espiritualidade que emana e envolve as pessoas é atingida e sentida quando lá se permite que Deus **fale** e seja **ouvido**, quando Jesus se torna presente pela sua palavra e sacramentos, quando pessoas são consoladas e animadas pelo evangelho.

Na percepção luterana, a igreja tem a qualidade de indicar, - num mundo marcado por momentos históricos adversos e controversos, que muitas vezes tornam a vida sem esperança e sem perspectivas -, que existe **Alguém** que venceu o mundo e que oferece a todos que **Nele** creem, esperança e perspectivas. A promessa de Jesus foi essa: *“No mundo vocês vão sofrer; mas tenham coragem. Eu venci o mundo”* (João 16.33).

O que tudo emana e pode ser sentido com intensidade nas igrejas, vemos quando se instalam catástrofes, guerras e outros. É nestes momentos que lá pessoas se reúnem em silêncio, oram, acendem velas, se abraçam, se amparam, trocam suas angústias, carregam-se mutuamente. Enfim, vivenciam a *“santidade”* da casa de Deus. A história mostra que, nesses momentos, nem todos que lá procuram viver espiritualidade são cristãos e cristãs.

A *“santidade”* do local é mantida eternamente se a comunidade batizada permanecer na fé. Assim, o que acontece na igreja que foi dedicada ao serviço da comunidade não é nada mais do que se permitir que Deus lá fale através de sua santa Palavra e que a comunidade reunida responda com orações e louvor.

Por isso, se diz que, ao se entrar na igreja numa igreja luterana, cada cristão deveria ser confrontado com os três elementos chamados de *“recantos da graça”*:

O altar, onde na Ceia participamos da *“graciosa mesa do Senhor”*: *“Pensem no cálice pelo qual damos graças a Deus na Ceia do Senhor. Será que, quando bebemos desse cálice, não estamos tomando parte no sangue de Cristo? E, quando partimos e comemos o pão, não estamos tomando parte no corpo de Cristo?”* A mesa, onde em oração nós como comunidade nos voltamos para Deus pedindo salvação: *“Então todos os que pedirem a ajuda do Senhor serão salvos”* (Atos 2.21).

O púlpito, de onde vem a nós a Palavra que cria fé, conforme atesta o apóstolo Paulo em Romanos 10.17: *“Portanto, a fé vem por ouvir a mensagem, e a mensagem vem por meio da pregação a respeito de Cristo”*.

A pia batismal, lugar pelo qual passamos para sermos integrados ao corpo de Cristo. *“Muitos acreditaram na mensagem de Pedro e foram batizados. Naquele dia quase três mil se juntaram ao grupo dos seguidores de Jesus”*. (Atos 2.41).

1.5 – Existe um espaço adequado para uma igreja?

Cristãos creem num Deus que é invisível, mas perceptível através de suas ações e seu agir, tornando-se carne. Isso os levou a construir *espaços* que julgam adequados para perceber e celebrar, comunitariamente e de forma concreta, a presença divina em seu meio.

Os *espaços* que conhecemos são os mais diversos. Alguns maiores, outros menores. Alguns largos, outros estreitos. Alguns com pé de vento alto, outros mais baixos. Alguns com forros bonitos, em outros logo se vê as telhas. Em alguns temos janelas que permitem muita luminosidade. Em outros, menos. Em alguns as janelas são baixas e permitem boa ventilação. Em outros são bem acima do tamanho de uma pessoa. Em alguns há bancos de madeira de lei, trabalhados com entalhes e pintados com verniz. Em outros, bancos simples, sem verniz. Em alguns se vê cadeiras...

Mas, em todos os *espaços* vê-se logo o **altar**. Nas igrejas luteranas está colocado sobre ele um **crucifixo**, lembrando o Apóstolo Paulo, quando indica para a comunidade que resolveu esquecer tudo, a não ser Cristo e sua morte na cruz: *“Porque, quando estive com vocês, resolvi esquecer tudo, a não ser Jesus Cristo e principalmente a sua morte na cruz”* (1 Coríntios 2.2). Se não tiver um crucifixo sobre o altar, uma **cruz** pode estar fixada na parede dos fundos ou presa atrás do altar. Também logo se percebe o **púlpito** e a **pia batismal**.

Qual o cheiro que sentimos ao entramos num *espaço-igreja*? O ser humano consegue, através do olfato, decifrar e lembrar ou relembrar instintivamente acontecimentos vivenciados, sejam bons ou ruins. Cheiramos mofo? Poeira? Estrume de morcegos? Flores secas que ficaram sobre o altar? Vemos poeira nos bancos? Vemos poeira sobre o altar? O tapete no altar está sujo, corroído, carcomido?

O altar, em igrejas luteranas, se situa na direção leste. O simbolismo é forte: a comunidade é convidada para olhar para o oriente, para Jerusalém, no Oriente Médio, região geográfica onde Jesus foi crucificado, mas não permaneceu na sepultura. Olha assim para onde nasce o sol, simbolizando o rosto brilhante do Cristo ressuscitado.

O *espaço* deve possibilitar às pessoas viver sua fé, alicerçada no passado para ser concretizada no presente. Como *espaço litúrgico*, escolheram então locais onde percebem poder melhor sentir o encontro com o divino. A princípio, poderia ser qualquer local, mas algo fez com que esse fosse percebido como quase que especial individualmente e comunitariamente.

O povo de Israel já fez experiências assim em locais como *Hebron*, *Berseba* e outros. Finalmente, com o reinado, o local se concentrou no templo em *Jerusalém*. O templo é amado, mas também sempre objeto de críticas dos profetas.

O *espaço* tem função cultural, mas não cerceia Deus nem o torna funcional ou maleável para o ser humano. O cristianismo viu isso com clareza. O templo lhe era importante, mas, conforme Atos dos Apóstolos, os encontros domiciliares eram igualmente importantes. Isto significa que inicialmente o cristianismo não desenvolveu qualquer noção de projetar espaços especiais para seus encontros de culto. Qualquer espaço maior era aproveitado para acolher a comunidade. Na compreensão de 1 Coríntios 3.16, *as pessoas são o templo do Espírito Santo*. E, conforme 1 Pedro 2.5, pessoas são chamadas de *pedras vivas, que permitam que Deus as use na construção de um templo espiritual onde deverão servir como sacerdotes dedicados a Deus. E que por meio de Jesus ofereçam sacrifícios que Deus aceite*.

Nesta percepção, finalmente as *“pedras vivas”* cederam espaço para que *“pedras reais = material, mineral sólido”* fossem usadas para a construção de locais com caráter cultural/sacral onde podia ser

exercitado o encontro com o divino. Cristo, porém, permanece e se constitui na pedra angular. Fala-se de *espaços litúrgicos*, pois esta casa, conforme Lutero, foi “... *preparada para que não aconteça nela nada além de que nosso querido Senhor mesmo fale conosco através de sua santa Palavra, e nós por outro lado falemos com Ele através de oração e louvor*” (prédica proferida por Lutero na dedicação da igreja do castelo de *Torgau*, em 05 de outubro de 1544). Ou, em outro momento, ele diz que a oração em “... *lugar nenhum é tão poderosa e forte, senão quando toda comunidade de forma harmoniosa ora em conjunto*”.¹²

O *espaço* é “*sagrado*”, como se percebe em alguns estudos sobre liturgia? Em alguns comentários, o “*sagrado*” é realçado através de elementos litúrgicos e símbolos que naquele espaço ligam as pessoas à presença e à palavra concreta de Deus. Estes comentários indicam para a importância de se cuidar de como o espaço é preparado para as celebrações, já que no dia-a-dia as igrejas costumam estar trancadas. Entendem sob “*sagrado*” não uma construção alheia ao mundo “*profano*”, mas merecedora de todos os cuidados possíveis para ser o local do encontro da comunidade com seu Criador e Mantenedor.

Parte-se do princípio de que uma visita precisa ser recebida de tal forma que se sintam bem, já no primeiro olhar. É inadequado quando, com a comunidade já presente, alguém se lembra de trocar as velas do altar, empunhando uma faca para tirar a cera do castiçal. Ou, quando em último momento, alguém ainda enfia algumas flores na jarra. Ou, quando em último momento alguém percebe que os paramentos não condizem como o período litúrgico. Aí inicia uma agitação enorme, pois, ao fazer a troca, se mexeu nas toalhas do altar, que agora estão pendendo no lado de forma irregular.

Também as pessoas responsáveis (sacristãos?) pela ornamentação e limpeza dos nossos espaços deveriam receber orientações específicas. Que orientações possuem a respeito do significado do altar? Dos paramentos? Sobre uso das velas? Sobre o crucifixo? A Bíblia aberta sobre o altar? Os aparelhos para a Ceia do Senhor...?

Os *espaços* bem preparados possibilitam perceber uma realidade que transcende a realidade do nosso dia. Percebe-se que neles se sente uma espiritualidade diferente daquela percebida no dia-a-dia, onde vale competir, progredir financeiramente, acumular bens. O *espaço* bem preparado proporciona o encontro consigo mesmo, chamando para analisar se a vida é vivida com dignidade ou não. Enfim, trata-se de um *espaço* que convida as pessoas para o culto (*Gottesdienst* = *Deus nos serve e nós servimos a Ele*). Torna-se assim, por excelência, um *espaço litúrgico*.

1.6 - Breve olhar histórico sobre espaços nas Igrejas luteranas

Sabe-se que, nos inícios da Reforma, com algumas exceções, continuou-se a reunir as comunidades nas igrejas existentes, mesmo com características medievais na arquitetura. Porém, algumas poucas

¹² (WA 49, 593, 25 f.) Alexander Deeg, in *Ein liturgischer Aufbruch* – <https://bibliographie.uni-Tuebingen.de> >Deeg-052, p. 88.

adaptações foram feitas. Dos muitos altares laterais existentes, usava-se apenas um, o central. Com poucas exceções, não se mexia nas figuras, esculturas, pinturas e vitrais. Com o tempo, foram introduzidas bancadas para que a comunidade pudesse, sentada, ouvir as pregações.

O púlpito tornou-se o centro nas igrejas. Era de lá que o pastor anunciava a palavra de Deus, agora na língua alemã, o que fez com que as igrejas se enchessem com ouvintes. Em algumas igrejas, o púlpito era erguido sobre o altar, o que facilitava todo o envolvimento da comunidade na celebração. Não mais tinha que deslocar seu olhar ou até trocar de lugar para enxergar o altar ou o púlpito.

A procura da população em ouvir o Evangelho fez com que espaços como galerias e mezaninos, antes reservados à nobreza ou outras pessoas relevantes da época, fossem também tomados pela comunidade.

Investiu-se forte no altar. Ele deixou de ser apenas o centro da liturgia, mas a mesa da Ceia do Senhor, onde agora Cristo, conforme Lutero dizia, podia se voltar à comunidade, como Jesus o fizera com seus discípulos.

A pia batismal foi tirada do ostracismo e recebeu lugar central, pois é lá que a comunidade recebe seus novos membros no Corpo de Cristo.

Depois da *Guerra dos Trinta Anos* (1618-1648), a percepção de que a comunidade deveria ver e ouvir bem, cantar e participar ativamente da liturgia, iniciou a procura por adaptações e construções de espaços condizentes. Altar e púlpito receberam lugar central simétrico, para a comunidade ter a percepção de unidade e olhar direcionado. Também para que percebesse a presença de Cristo na Palavra pregada e nos Sacramentos.

Enfim, o centro da preocupação arquitetônica e litúrgica era a própria comunidade. As bancadas eram colocadas de tal forma que transmitissem sentimento de pertença comunitária. O olhar da comunidade era direcionado para Cristo, quase sempre representado por um crucifixo sobre o altar e uma Bíblia aberta.

No século XIX, com a industrialização na Europa e o surgimento de enormes bairros de operários, a igreja luterana voltou-se para a construção de igrejas que poderiam trazer à lembrança dos moradores a época em que residiam no interior. Apostou-se em construções em estilo gótico ou neorromano. Altar e púlpito receberam lugar distinto, não mais púlpito sobre o altar. O espaço em torno do altar, agora representando uma mesa acolhedora, recebeu peso como local de oração, da Ceia do Senhor e da bênção.

Posteriormente, abriu-se mão deste estilo de construção de igrejas. Teve início o aproveitamento de cimento, aço e vidro. Investiu-se em tornar os espaços mais familiares, inclusive com a possibilidade de, através de divisórias com portas, tornar o ambiente da igreja um grande salão para encontros e festas.

A partir dos anos de 1945-1950, optou-se por construções que não serviam exclusivamente para cultos. Tornou-se comum centralizar o altar no meio da nave, agora apenas representando a mesa para a comunhão. Nas proximidades, a pia batismal e púlpitos móveis. O uso de cadeiras foi uma

consequência lógica nessa visão de espaço litúrgico. Com isso, era possível transformar o espaço para outras atividades comunitárias.

Esta nova proposta tinha como objetivo sinalizar a presença de Cristo em meio à comunidade. Tanto é que pastores/as não mais tinham uma cadeira especial perto do altar ou do púlpito, ou diante da comunidade. Simplesmente sentavam-se junto com a comunidade.

É interessante observar que, nos anos de 1970, vários projetos de construção de igrejas nesta nova proposta também foram executados no Espírito Santo. Geralmente com auxílio do *“Gustav-Adolf Werk” – Obra Gustavo Adolfo*. Mas, percebeu-se que, no imaginário místico dos membros, faltava algo. Por isso, quase todas essas construções receberam posteriormente uma torre e sinos.

No estado do Espírito Santo, optou-se desde o início por construções simples, pois os inícios foram de penúria financeira. Também contribuiu para esta simplicidade a formação teológica/confessional dos pastores que, bem no início, eram enviados pela *“Sociedade Missionária da Basiléia”*. Importava uma vida simples, devotada a Deus. Em seguida, vieram pastores enviados pelo *“Conselho Superior Eclesiástico da Igreja Territorial da Prússia”*. Partiu-se então para construções sólidas. Em comunidades mais bem estruturadas, também financeiramente, trabalhou-se com paredes socadas com pedras, terra úmida e grama/palha. Depois optou-se por tijolos.

Mas, a maior influência para construções simples nos inícios foi a Constituição do Império, outorgada no ano de 1824. No parágrafo 5 do Art. 179, ela dizia: *“A religião católica romana continuará a ser a religião do Império. Todas as outras religiões são permitidas com o seu culto doméstico ou particular, em casas para isso destinadas, sem forma alguma exterior de templo”*.¹³

O Art. 276 do Código Criminal do Império previa sanções, caso adeptos de uma outra religião, que não a do Estado, realizassem seu culto em construções com alguma forma exterior de templo. Com esse pano de fundo, as primeiras igrejas luteranas aqui eram construídas em *enxaimel*, como todas as moradias, técnica trazida pelos imigrantes. Em muitos casos, só o formato das janelas indicava, de forma tímida, ser um templo.

Comunidades onde não havia torres colocavam seus sinos em campanários de madeira. Somente após a Proclamação da República, quando o catolicismo deixou de ser religião oficial, iniciou-se com a construção de torres com sinos. Única exceção foi a construção da torre da igreja de Domingos Martins, inaugurada no ano de 1887, um ano antes da proclamação da República.

1.7 – Espaço litúrgico: o que dele faz parte?

Criar *espaço litúrgico* requer que sejam observadas algumas premissas. Conforme Löhe¹⁴, a experiência de exercitar a fé acontece através de diversas formas de comunicação: podem ser

¹³ Helmar R Rölke - *Raízes da imigração alemã – História e cultura alemã no Estado do Espírito Santo – Coleção Canaã* – Arquivo Público do Estado do Espírito Santo – 2016.

¹⁴ Wilhelm Löhe, fundador do *“Seminário para Missão e Diáspora”*, de onde muitos pastores foram enviados para o Espírito Santo, através do *“Gotteskasten”*.

corporais (gestos, sinais); visuais (paramentos, veste litúrgica); sensoriais (pão e vinho na Ceia do Senhor, água no Batismo, cheiros); acústicas (canto, música, falar).

Para essas experiências litúrgicas, a igreja deve oferecer *espaço*, por excelência. O ambiente deve convidar a vivenciar uma experiência que transcende a nudez e aridez do dia-a-dia. A construção em si, seu tamanho, a disposição da luz, a disposição dos objetos, as cores, paramentos, flores, velas, altar, púlpito, cruz, coro/mezanino, gazofilácio, cheiros, enfim, tudo deve possibilitar a fé poder ser vivenciada e percebida de forma concreta. A comunhão experimentada deve abrir novos horizontes no exercício concreto da fé.

Perceber e viver a liturgia não se restringe apenas a momentos cognitivos, cuja validade pode ser medida pela razão. Necessita também que a pessoa se abra para a dimensão sensorial. E uma das características da liturgia é justamente essa de conduzir a comunidade coletivamente e também cada pessoa individualmente para um momento único. Ou, como dizia Löhe: “... a liturgia é um drama cheio de vida e movimento, ou seja, a mais relevante criação do espírito cristão, uma santa ação de adoração”.¹⁵

A liturgia quer atingir o ser humano em sua totalidade, em todas as áreas intelectuais, emocionais, sensoriais. Liturgia só alcança a sua finalidade e só atinge os seus objetivos se conseguir atingir todos os presentes em seu ser total para a celebração ser completa. Qual seja, a liturgia quer alcançar que “a raça escolhida, os sacerdotes do Rei, a nação completamente dedicada a Deus, o povo pertencente a ele” exerça sua função concretamente (1 Pedro 2.9). A liturgia quer despertar o compromisso batismal em todas suas dimensões.¹⁶

Todo o agir e desenrolar litúrgico acontece na esfera do mundo em que vive a comunidade. Todo o agir litúrgico permanece no campo humano, mas na celebração o ultrapassa. Isso se dá através de agir humano através do liturgo e comunidade em sinais concretos. Mas é Deus que consuma (ratifica) o invisível. Por isso, a liturgia só pode ser entendida e consumada pela fé, quando existe uma predisposição para a dimensão divina, ou comunicação com Deus.

O que, afinal faz parte do *espaço litúrgico* na concepção luterana?

1 - Altar

Pequeno histórico

a) O altar no espaço da igreja

Inicialmente, o cristianismo não usava altar, em contraposição ao judaísmo e outras religiões, onde este era usado para realizar sacrifícios como mediação diante de Deus ou divindades. As primeiras comunidades cristãs se guiaram em textos, como Hebreus, para a compreensão de não terem altar: “Assim, quando os pecados são perdoados, já não há mais necessidade de oferta para tirá-los”

¹⁵ In Johannes Deinzer) Wilhelm Löhes Leben (Band 2) in:

https://de.wikisource.org/wiki/Wilhelm_Löhes_Leben_Band_2/Löhe_als_Liturg, p. 4, 11.

¹⁶ Ewald Volgger- Leiblich da sein. Die Sprache des Körpers in der Liturgie – <https://www.diozese-linz.at>.> PDF, p. 6ss.

(Hebreus 10.18). Conclusão era que, onde não há necessidade de sacrifícios, também não mais se precisa de altar, nem de um sacerdote especial. Como se reuniam em domicílios e o centro era a celebração da Ceia, o altar costumava ser uma simples mesa removível de madeira, coberto com uma toalha de linho.

Se até então os cristãos, ao qualificarem seus cultos, usavam a expressão *“ensinar e anunciar”* (Atos 5.42), *“reunir-se”* (Atos 20.7s), ou no *“dia do Senhor”* (Apocalipse 1.10), e *“em nome do Senhor Jesus”* (Mateus 18.20), durante o primeiro e terceiro século instalou-se uma mudança. Quando, no século IV, o cristianismo se tornou religião oficial, iniciou-se a construção de igrejas com altares fixos.

Nos séculos seguintes, a posição do altar foi deslocada cada vez para o fundo das igrejas, muitas vezes até com um cercadinho, separando sacerdote da comunidade. No cercado sentavam o bispo e os sacerdotes. Enfim, o lugar do altar chegou cada vez mais perto da parede dos fundos da igreja. Era dado o início para a construção de altares bem altos e ricamente ornamentados. Em compensação, construía-se pequenos altares laterais para os mais diversos usos, como interceder pelos mortos, agradecer por milagres alcançados, etc.

Iniciou assim uma caminhada que até hoje ainda constitui o centro da compreensão de culto da Igreja Católica. Lançou-se mão de compreensões veto-testamentárias em torno da função do altar e de seu sacerdote. Insinuou-se então o serviço do altar do bispo e do sacerdote na Eucaristia. O bispo assumiu a função de, através do sacerdote, persuadir Deus a se mostrar misericordioso com sua comunidade. Desse processo de persuasão fazia parte trazer diante de Deus as dádivas da santa igreja, colocando-as sobre o altar. Com isso estava dada a posição relevante e intermediação salvadora do bispo e também ao sacerdote por ele escolhido para agir no altar. O altar assim adquiriu a função de ser o receptor daquilo que a igreja, através do bispo/sacerdote, trazia para ali como sacrifício.

A Reforma nasce neste contexto. Mas, com suas descobertas a partir da Bíblia, o acento muda. Quando Lutero inaugura a igreja do Castelo de Torgau, em 1544, ele pontua que *“nesta casa não deverá acontecer outra coisa, senão que o próprio Senhor fale conosco através de sua Palavra, e que nós por nossa vez falemos com ele através da oração e louvor”*.

Esta Palavra também acontece de forma bem visível na Ceia do Senhor, que é recebida na *“graciosa mesa do Senhor”*, o altar. Mas, lhe é tirada a compreensão de que lá aconteça um sacrifício. Não somos nós que trazemos algo para o altar como sacrifício, mas é lá, *“na graciosa mesa do Senhor”*, que nós tudo recebemos - nossa salvação e bem-aventurança. Por isso, o pastor e a pastora, na consagração dos elementos da Ceia, não se voltam para o altar, como se quisessem santificar ou transformar algo. Eles se viram para a comunidade para dizer: eis aqui o Evangelho de Jesus, prometido a vocês em pão e vinho *“na noite em que ele foi traído”* (1 Coríntios 11.23).

b) Localização do altar

O altar é *“orientado”*, ou seja, sua posição na igreja sempre deveria indicar para a direção do *“oriente”*, direção leste, direção de *Jerusalém*, local da ressurreição de Jesus Cristo. Na direção

celestial leste, o sol se levanta, simbolizando a ressurreição de Cristo e sua vinda. Desta forma, provavelmente a expressão “orientar-se” tem a origem nessa simbologia: colocar-se na direção certa. Nesta simbologia, desde a antiguidade, as igrejas são construídas com o altar voltado para o oriente/leste. Com isso, a porta de entrada era voltada para o ocidente.

Entendia-se o sol nascente como o símbolo de Jesus Cristo, que traz vida e luz para o mundo (João 8.12): *“De novo Jesus começou a falar com eles e disse: - Eu sou a luz do mundo; quem me segue nunca andará na escuridão, mas terá a luz da vida”*. No ano de 197, Tertuliano (nascido por volta de 150/55) descreve que cristãos oram em direção do sol nascente, portanto, direção leste/oriente. Santo Agostinho (353-430), bispo de Hipona, num de seus escritos assim se manifesta: *“Quando nos erguemos para orar, nos voltamos para o oriente de onde o céu se ergue. Não porque Deus ali estivesse ou abandonasse as outras regiões do mundo (...), mas para que o espírito seja lembrado (admoestado) para se erguer para uma natureza maior, qual seja, para Deus”*.¹⁷

Em relação às direções celestiais na construção das igrejas, cabe resgatar alguns aspectos que carregam uma forte simbologia. Nos momentos da oração, a comunidade juntamente com o oficiante, se dirigem para o leste/oriente, onde nasce o sol, na esperança da ressurreição que é esperada dessa direção. A direção celestial leste/oriente, é entendida como direção espiritual, em direção ao Salvador. O crente, porém, inicia a sua caminhada no ocidente, daí as portas de entrada das igrejas serem localizadas nesta direção. Em muitos casos, essa caminhada iniciava através de um espaço debaixo da torre ou outro espaço que antecedia a entrada da nave da igreja propriamente dita. Em muitos casos, ali podia ser encontrada a pia batismal.

Com a entrada por esta porta, iniciava, simbolicamente, a partir do ocidente, onde o sol se põe, portanto, a escuridão, o caminho em direção à luz – leste/oriente, onde o sol nasce. No ocidente se está preso ao material (as coisas que preocupam no dia a dia para a sobrevivência). No oriente se encontrava o altar, o espiritual (as coisas relativas ao sentido da vida, finitude, salvação). Simbolicamente, assim se dá as costas ao material e tudo passa a girar em torno do espiritual.¹⁸

c) O altar no culto

Os antigos mestres da Igreja sublinham o *Batismo*, a *Ceia* e a *Pregação/Prédica* como elementos essenciais, ou também “*meios de graça*”, através dos quais Deus se comunica. Isso se concretiza através do *altar* na igreja (sacramento da Ceia do Senhor), na *pia batismal* (sacramento do Batismo) e no *púlpito*, o espaço por excelência como “*meio de graça*”, onde a Palavra vem à comunidade.

d) O altar como “Graciosa mesa do Senhor”

A função é clara. Para Lutero o altar está intrinsecamente irmanado com o pão e o vinho, pois é ali que o Evangelho é distribuído e recebido de forma concreta. A Reforma entende que a Ceia é tão “*Palavra*” quanto a própria prédica. Ou seja, na Ceia o Evangelho se torna “*Palavra corporal*” que é

¹⁷ <https://w.w.w.adjutorium.de> - Warum Ausrichtung nach Osten?

¹⁸ <https://w.w.w.inana.info> <Qualität der Himmelsrichtungen – Osten.

servida e posta na mesa para nos ser dada na mão com o pão que comemos e no cálice, do qual bebemos.¹⁹

A partir desse entendimento, pode-se apontar para alguns pontos que devem ser observados por pastores/as nos cultos com a Ceia do Senhor:

1 - Deve haver clareza nas palavras. Na absolvição, nada de conjuntivos. *“O onipotente e misericordioso Deus teve compaixão de nós... Como credes, assim vos seja feito. E eu como ministro ordenado da Igreja cristã, anuncio-vos, pelo mandamento de nosso Senhor Jesus Cristo, a remissão do todos os vossos pecados em nome de Deus Pai e do Filho e do Espírito Santo”* (Prontuário, p. 8).

2 - Palavras na distribuição: pão e vinho não podem ser distribuídos de forma silenciosa. O Evangelho deve ser pregado diretamente a todos os povos. Por isso, as palavras devem ser audíveis, ditas e repetidas tantas vezes quanto necessário. *“Tomai e comei, isto é o corpo de nosso Senhor Jesus Cristo, entregue à morte por vós. Tomai e bebei! Isto é o sangue de nosso Senhor Jesus Cristo, derramado por vós, para remissão dos pecados”*.

3 - Onde possível, na *consagração* pastor/a se coloca atrás da mesa/altar, dirigindo-se para a comunidade. Quando não é possível, onde o altar é fixo e “colado na parede”, *consagrar* os elementos diante da comunidade.

e) O altar como mesa da Escritura Sagrada

Nas igrejas luteranas, a Bíblia não é objeto de adoração. Mesmo assim, no centro do altar deve estar a Bíblia, sempre aberta, indicando que a Palavra de Deus nos antecede na igreja. É ela que espera por nós. Indica igualmente que é a Palavra de Deus que consola e nos envolve como filhos e filhas. Ela simboliza que a Palavra de Deus é a *fonte*, o princípio daquilo que acontece no culto. Ou, usando palavras de Lutero, que *“... nesta casa não deverá acontecer outra coisa, senão que o próprio Senhor fale conosco através de sua Palavra, e que nós por nossa vez falemos com ele através da oração e louvor”*.

Sobre o altar, a Bíblia deve ser colocada aberta sobre uma armação, que pode ser de madeira, com uma inclinação para a comunidade. Isto possibilita que as páginas sejam vistas por todos. Sugere-se que as leituras do dia sejam feitas dessa Bíblia, observando-se o seguinte procedimento: no momento do anúncio das leituras, ela é retirada e levada para ser colocada sobre o ambo. Ali ela será aberta com as duas mãos no texto do dia, que, preferencialmente antes do início da celebração, já tenha sido marcado com uma fita e anteriormente lido e relido pela pessoa que fará a leitura. Quem fizer a leitura, deve fazê-lo com a entonação e as nuances que o texto exige.

¹⁹ Der Altar im evangelischen Gottesdienst - www.calwer.com>media PDF.

f) O altar como lugar da oração e respeito

Como “*Graciosa mesa do Senhor*”, onde o próprio Senhor põe a comida, os reformadores sempre tiveram o cuidado de vê-la como local de oração e respeito. O Senhor da mesa é invisível, mas a sua “*graciosa mesa*” é visível, tornando assim a Palavra ali não só audível, mas também visível. Ou seja: assim como existe a tentação de se defender a invisibilidade ou a obscuridade de Deus, também existe o milagre da visibilidade que se manifesta diante da comunidade reunida.

No altar, nessa “*Graciosa mesa do Senhor*”, a comunidade reunida vê e percebe, de forma concreta, os “*meios da graça*”. É a Palavra de Deus “*tornada corpo no pão e no vinho*”, como Lutero certa vez o expressa no Catecismo Maior.

g) Tipos de altar

Percebemos vários tipos de altar em nossas igrejas, desde altares maiores, com uma mesa que, na parte de trás, recebe uma construção que se ergue numa altura razoável. Esta construção chama-se *retábulo* e significa peça sobreposta no altar. Esta peça, geralmente dividida em três ou quatro partes, na parte frontal apresenta figuras, como o Cristo pregado na cruz, com algumas indicações bíblicas. Esta parte costuma ser encimada com uma cruz. O fundo geralmente contém espaços ou gavetas, para guardar velas, hóstias, etc.

Além destes altares denominados de “*altar-caixote/blocos*”, há também aquele que se compõe de uma mesa mais longa, apenas. Também é conhecido o “*Kanzelaltar*” – *altar de púlpito*. É o caso da comunidade de Santa Leopoldina I (Luxemburgo), onde há um púlpito sobre o altar. Esta forma de altar, nos primeiros tempos da Reforma, teve ampla aceitação, pois se entendia o altar como local do “*meio de graça*” do Sacramento e o púlpito como local do “*meio de graça*” da Palavra. Essa prática, com o tempo, foi abandonada, pois abria a possibilidade de interpretar-se essa forma como tentativa de sobrepor a Palavra ao Sacramento. Ou pior, enxergar nessa forma a tentativa do/a pastor/a se ver como superior/a à Palavra e o Sacramento.²⁰

Nessas discussões também pesou a percepção teológica calvinista, onde essa prática existia. Talvez como forma de se distanciar da possibilidade de se superpor a Palavra sobre os Sacramentos. O calvinismo não conhece altares, mas sim “*mesas da Ceia*”, que só são usadas para a Ceia, e não como lugar de onde pastor/a conduz a comunidade em oração. Mas, há também a possibilidade de se entender que, nesta forma arquitetônica do uso do *altar de púlpito*, Palavra e Sacramento formam uma unidade.

Inicialmente, se usava madeira na construção do altar. Com o tempo, passou-se a usar a pedra para confeccioná-lo, pois queria se dar neste local espaço para sepultar mártires ou cristãos que, de uma ou outra forma, foram importantes para a Igreja. Com os mártires tinha-se uma preocupação especial, a partir do texto de Apocalipse 6.9: “*Então o Cordeiro quebrou o quinto selo. Eu vi debaixo*

²⁰ Gert Kelter - *Gott ist gegenwärtig – Anregungen für die Feier des lutherischen Gottesdienstes* – sola-gratia - verlag.de - p. 7.

do altar as almas dos que tinham sido mortos porque haviam anunciado a mensagem de Deus e tinham sido fiéis no seu testemunho”.

Com isso, o altar foi *perdendo* o aspecto de mesa. Em algumas igrejas, recebeu colunas sobre a mesa em si. Estas sustentavam um telhado, debaixo do qual se colocava figuras. Em muitos casos uma pomba. No interior ela era oca e ali era guardada a hóstia. Toda essa parte coberta recebia um cortinado, de forma que o crucifixo, velas e flores ornavam a parte de cima do telhado.

O cortinado era importante, pois os catecúmenos não poderiam ver os elementos da Ceia. Eles só eram admitidos a participar das celebrações da Ceia depois de batizados. Com o crescimento do cristianismo e o subsequente aumento de convertidos, essa prática foi abolida. Quando o cortinado foi retirado, a proteção dos fundos do altar, uma parede de tábuas, ficava à vista. Passou-se então a enfeitar esta área com pinturas e quadros. Com o passar do tempo, também se abriu mão dos telhados e, com isso, se tornou necessário enfeitar mais e mais a proteção de fundo. Sem o telhado, receberam lugar sobre o tampo da mesa crucifixo, velas e flores.

h) O enfeite do altar

Desde o século IV, o altar recebeu como enfeite os *Antependium* ou *Frontale*, que o envolviam em sua totalidade. Eram também chamadas de *pallium* ou *vestus altaris*. Principalmente a parte da frente do altar recebia ricos quadros, que podiam ser de madeira, metal, entalhes em pedra ou tecido.

Para cobrir a mesa em si, usava-se toalhas de linho, visto que Jesus também foi colocado numa mortalha de linho (Mateus 27.59: “*Então José [de Arimatéia] pegou o corpo, enrolou num lençol novo de linho*”). Em diferentes épocas, a mesa podia receber várias toalhas. Elas não eram enfeitadas com rendas, mas poderiam ser franzidas, com linhas de diversas cores. Nada também impedia de se bordar Maria com o menino Jesus.

O pano superior, que só era usado na Ceia, é chamado de εἰλητόν ou *corporale*. Ele só cobria o tampo da mesa e não podia ter sobras que pendessem do lado. Uma das pontas podia ser usada para cobrir o cálice e o pão. Posteriormente, se confeccionava uma pequena toalha para cobrir somente o cálice. Esse pano foi seguido pelo que hoje conhecemos como *velum*, cuja cor acompanhava o ano litúrgico, mas que agora cobria todos os elementos. Após a celebração, o εἰλητόν sempre era retirado e guardado em lugar próprio.

Porém, era comum o altar receber três toalhas. A primeira era algo como “roupa de baixo” sem enfeites, que cobria toda a mesa do altar com o propósito de proteger e realçar as outras que seriam colocadas após. Sobre esta, era colocada outra, que podia receber enfeites como bordados. Quando era celebrada a Ceia, era colocado o εἰλητόν. Como última, se colocava a *palla*, que tinha a função de cobrir o cálice. Era comum ela ser de linho puro. Até o século IV, a cor dominante era o branco. No século XII, começa o uso de várias cores litúrgicas.

Como em algumas igrejas do SESB temos tipos de altares diferentes, vale resgatar mais alguns aspectos históricos sobre o altar. A maioria das igrejas assumidas pela Reforma eram dotadas de altares confeccionados na Idade Média. Neles se observava quatro aspectos na construção do altar:

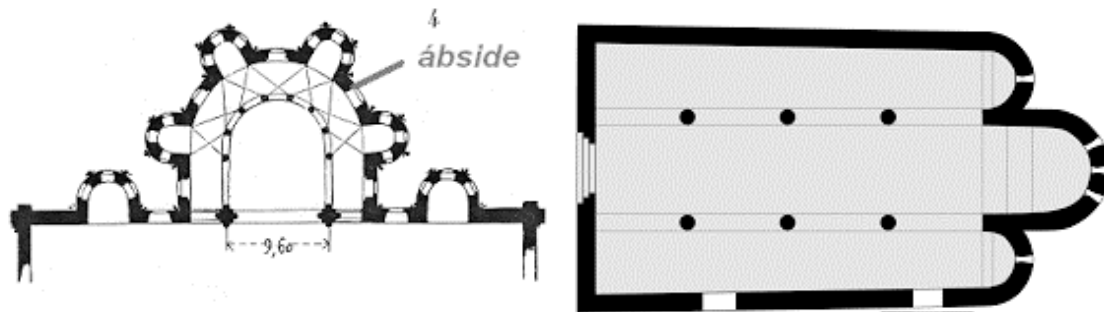
- 1- A *mensa*, ou seja, a mesa propriamente dita. Podia ser de madeira, colocada sobre pilastras, sobre blocos de pedra, etc. Ficava um pouco mais alta, sobre degraus que eram usados para os comungantes se ajoelharem, principalmente quando participavam na Ceia do Senhor.
- 2- A *predella*, ou degrau sobre a mesa do altar. Geralmente tratava-se de uma pintura ou de um quadro com motivos bíblicos. Na *Stadtkirche de Wittenberg*, por exemplo, onde Lutero pregou muitas vezes, vê-se o Jesus crucificado no centro. À direita, Lutero, no púlpito, aponta para a cruz e a comunidade, atenta, está à esquerda.
- 3- O *santuário* ou *relicário*. Situa-se sobre a *predella* e geralmente consistia de três partes, também chamados arcos. Podiam ser fechados, pois recebiam dobradiças. Também recebiam pinturas/quadros com motivos religiosos. O número três simbolizava alguns interiores de igrejas que se constituíam de três naves paralelas na mesma construção.
- 4- A *moldura* e a coroação do altar recebiam cuidados especiais, pois davam o toque de uma construção artística. O cimo do altar recebia destaque, sempre coroado com a cruz.



Altar da Staddkiche, em Wittenberg, onde se percebe os quatro elementos na construção do altar.

i) O altar no espaço da igreja

Ao entrarmos numa igreja luterana num dia de culto com a Ceia do Senhor, logo nos deparamos com o altar na abside da construção.



É aquele nicho ou espaço semicircular que, nos fundos, recebe a luz do sol nascente através das janelas que lá se encontram. Logo, o nosso olhar é guiado para os objetos que se encontram sobre o altar, ou deveriam se encontrar:

- *Crucifixo*. Sobre o altar se encontra um crucifixo com o Cristo crucificado. Isso se justifica a partir do texto do apóstolo Paulo em 1 Coríntios 2.2: *“Porque, quando estive com vocês, resolvi esquecer tudo, a não ser Jesus Cristo, e principalmente a sua morte na cruz”*. O crucifixo quer apontar para esta centralidade da fé.

Durante a história houve questionamentos sobre o uso do crucifixo (do latim *crucifixus* = *o pregado na cruz*). Tanto é que, em alguns templos, apenas se colocava uma cruz. Como argumento, usava-se o texto de Êxodo 20.4-5, que proibia que se fizesse imagens de nenhuma coisa e que ninguém se ajoelhasse diante de imagens. Para manter o crucifixo, se argumentava que o cerne da fé cristã está no fato de Deus ter se tornado carne em Cristo. Ele quer ser visto em Cristo como o *crucificado*. Isto significa que não o “retratamos” conforme nossos anseios, desejos e projeções, mas pelos anseios do próprio Deus.

Além do mais, o próprio Cristo diz em João 14.9: *“Quem me vê, vê também o Pai”*. Desde que Deus se tornou carne para habitar entre nós, não mais nos é possível deixar de falar dele e com ele. Pedro e João, diante do conselho superior do templo, testemunham que não podem deixar de falar daquilo que ouviram e viram (*“Pois não podemos deixar de falar daquilo que temos visto e ouvido”* - Atos 4.20). Desta forma, o crucifixo sobre o altar nos coloca diante de toda a caminhada de Cristo na terra.²¹

- *Velas*. Inicialmente usava-se velas pequenas que eram colocadas num castiçal com apoio largo para se manterem firmes sobre o altar. Desse apoio saía um cabo ou cano, encimado com uma pequena bacia, para dentro da qual se projetava a cera das velas que ardiam. Com as construções góticas, retilíneas e altas, também os castiçais sofreram influência: eles se tornaram cada vez mais

²¹ Gert Kelter, *Gott ist gegenwärtig* – Sola Gratia Verlag, p. 31s.

altos e decorados. Os pés dos castiçais eram feitos com figuras de leões, grifos e golfinhos. Comum era o uso de metais, como latão e prata.

Sobre as figuras, vale destacar que, na Bíblia, a figura do leão aparece muitas vezes. Jesus é mencionado em Apocalipse 5.5 como o *leão da tribo de Judá*, o famoso descendente do rei Davi. Na antiguidade, o golfinho era valorizado pela sua inteligência e amizade com o ser humano. Era visto como uma espécie de âncora ou navio, pois tinha o costume de acompanhar o homem no mar, transmitindo segurança. Na simbologia cristã, Cristo é comparado com o golfinho, que salva, que acompanha. Assim, no início do cristianismo o golfinho passa a simbolizar o Cristo que guia sua igreja com segurança.²²

- *Flores*. Santo Agostinho (353-430) relata que, em dias festivos, meninas adolescentes da comunidade de *Hipona* enfeitavam o altar com pétalas de flores, bem como também trançavam flores em guirlandas.²³ Flores expressam a beleza da criação e simbolizam a nossa finitude. Nesta simbologia, convém colocar flores naturais e colhidas (cortadas) recentemente. Por isso, nunca colocar flores plantadas em vasos no altar.

- *“Vasa Sacra”*. São os elementos usados para a distribuição da Ceia do Senhor que têm contato com o pão e o vinho. Quando, no ano de 1526, Lutero edita a liturgia da *“Deutsche Messe”* = *“Missa e ordem do culto alemão”*, a Ceia passa a ser distribuída sob as duas formas: pão e vinho. A Ceia se torna uma celebração da comunidade toda, reunida em torno de um só altar, de uma mesa só. Como Lutero não almejava uma ruptura, não foram introduzidas modificações em relação aos objetos até então usados na Igreja.

Porém, agora quatro objetos de culto são necessários para a Ceia sob as duas formas: O cálice (calix), a patena, o cibório/âmbula (recipiente para hóstias) e a jarra de vinho. A jarra é novidade, pois na igreja católica só se necessitava de jarrinhas, tendo em vista que somente o sacerdote recebia vinho. Agora toda comunidade recebia o vinho e, para tal, era necessário ter recipientes maiores, como as jarras. Inicialmente se usava jarras doadas, que eram usadas no dia-a-dia das casas, portanto, *“profanas”*. Com o tempo, surgiu a preocupação de se estabelecer uma certa uniformidade na aparência e formato. Convém observar que a jarra não destoe demais do cálice, da patena e do cibório.

Novidade mesmo foi a introdução de aparelhos para a administração da Ceia em casos de pessoas doentes e moribundas, que não mais estavam em condições de deixar suas casas para participar na comunidade toda reunida. Eram pequenos estojos que continham um pequeno cálice, uma patena e o cibório/âmbula.

O cálice consistia da base, do tubo com o *nodus*, o nódulo, e da *cuppa*, uma bacia que recebia o vinho, que deveria por isso ser feita de metais mais nobres. O *nodus* era confeccionado para ter um tamanho adequado para que o oficiante pudesse segurá-lo com firmeza.

²² In: kirchenrundgang.antonpock.at/delphin.htm.

²³ Wilhelm Löhe – *Vom Schmuck der heiligen Orte*, p. 6, 18.

A *patena*, ou “prato”, deveria ser do mesmo metal da *cuppa* do cálice, cuja concavidade devia caber exatamente na circunferência da *cuppa*, deixando uma beirada/borda da patena para fácil manuseio. Nos grupos luteranos mais ortodoxos, seu uso para a distribuição do pão era visto como uma atitude desajeitada, pois o correto seria o uso do *cibório/âmbula*.

O *cibório/âmbula* deve ser de metal nobre. Podia ser baixo, mas também em formato de cálice. Neste modelo, a base era mais pesada, como no cálice, para não tombar com facilidade. Em cima havia uma tigela redonda para receber as hóstias. Devia ter um nódulo, para que o oficiante o pudesse segurar com mão firme. Geralmente tinha uma pequena tampa, cujo pegador costumava representar uma cruz ou a figura de Cristo.

2 - Púlpito

Pequeno Histórico

Os protótipos de púlpitos nas igrejas surgem na Idade Média, quando ordens religiosas mendicantes de pregadores itinerantes (Dominicanos e Premonstratenses) se propõem a pregar o Evangelho em cidades e vilas. O objetivo é alertar os fiéis sobre heresias e firmá-los na fé. Para serem ouvidos pelas pessoas que encontravam nas igrejas, precisavam se colocar em posição mais elevada. Copiaram o costume usado nas ruas e praças, onde as pessoas que tinham a fazer comunicações ou vender algo no comércio, colocavam-se sobre estrados de madeira. Essas ordens religiosas carregavam consigo estrados de madeira desmontáveis.

Os pregadores itinerantes também copiaram a atitude de *Esdras*, que, para ler ao povo o Livro da Lei, o fez de pé num estrado de madeira que havia sido feito para aquela ocasião (“*Esdras estava de pé num estrado de madeira que havia sido feito para aquela ocasião*” - Neemias 8.4). O púlpito adquire assim uma função relevante nas igrejas.

Inicialmente não havia um lugar fixo para a colocação do púlpito. Os “*sermões*” eram proferidos da cadeira do bispo, chamada *cátedra*, ou do ambo, de onde também se fazia as leituras. Era da *cátedra* que o bispo explicava e ensinava a palavra de Deus para os fiéis. A partir da função da *cátedra*, desenvolveu-se o *púlpito*, que, juntamente com o ambo, era cercado por uma balaustrada, chamada *cancelli*. Isso persistiu até o século XII.

A partir do século XIII, o púlpito passa a ser usado exclusivamente para os sermões, pois percebe-se a importância deles. Se, no início, esses púlpitos eram estruturas removíveis de madeira, agora foram transformadas em púlpitos com construções cada vez mais sólidas e passaram a fazer parte da construção da igreja como um todo.

Preferencialmente, ele era colocado o mais próximo possível da comunidade reunida, o que significava construí-lo perto de um dos pilares/colunas no meio da igreja. Também logo descobriu-se que uma proteção acima do púlpito proporcionava que o som se multiplicasse e se propagasse melhor por todo o ambiente. Eram então feitas ricas coberturas sobre o púlpito, com decoração requintada.

A construção do púlpito recebeu atenção especial, pois era o local para onde toda a comunidade dirigia seu olhar. Era comum colocá-lo sobre uma coluna, que podia ser redonda ou oitavada. No pé da coluna podiam ser colocados leões, cobras ou outros animais da natureza, para indicar que o Evangelho pregado lá de cima era senhor, superior sobre todas as coisas.

O próprio púlpito, do qual o pregador falava, era construído em formato de polígono, formado por quatro ou mais lados, onde cada área recebia ricas pinturas que, por exemplo, podiam ser dos evangelistas, pois a função do pregador era pregar sobre os evangelhos. Mas, também podiam ser representações de Cristo, do apóstolo Paulo ou motivos religiosos.²⁴

Na Reforma, o púlpito se tornou praticamente a marca registrada do protestantismo, pois era de lá que os fiéis eram instruídos sobre a doutrina da justificação, a redescoberta de que o justo é justificado pela fé, e não por obras. Enfim, o Evangelho foi traduzido para o dia-a-dia da vida.

Esta ênfase teve consequências sobre a colocação dos chamados “*três meios da graça*” no espaço das igrejas: *pia batismal*, *altar e púlpito*. Surge a disposição transversal de altar púlpito e pia batismal na abside, o espaço semicircular no lado leste das igrejas. Tem-se o cuidado de não colocar o púlpito muito à frente do altar, pois cabe ao pregador sempre apontar para a Bíblia e o crucifixo com Jesus ali exposto.

3 - Pia Batismal - Fonte Batismal – Batistério

Pequeno Histórico

a) Onde aconteciam os batismos?

Nos inícios do cristianismo, os batismos aconteciam por imersão total. Para esta prática, eram necessários locais com espaço. Tratava-se de espécies de piscinas, construídas em pequenas capelinhas ou nos átrios, isto é, na entrada de grandes igrejas, que podia ser debaixo da torre. O formato dessas piscinas para imersão variava da forma circular à poligonal. As piscinas inicialmente eram escavadas dentro de blocos de pedras, mas também podiam ser feitas de bronze. Onde possível, buscava-se, através de canais ou de canos, água corrente para abastecê-las. Isto dentro da tradição de que batismos eram realizados em rio, com água corrente, ou seja, “*água viva*”. Daí também se explica o termo *fonte Batismal* em vez de *pia batismal*.²⁵

Com a expansão do cristianismo, inicia-se com o batismo das pessoas em pé, dentro da piscina, regando-as com água. Com cada vez mais crianças sendo batizadas, desde o século VI passa-se a usar bacias com capacidade de 150 a 180 litros de água.

Desde o século XV, usa-se apenas molhar a cabeça dos batizando. A motivação foi também climática, pois a imersão de crianças recém-nascidas trouxe consigo, em algumas ocasiões, consequências negativas em relação à saúde. Com essa mudança, o rito de batismo requeria menos água e, por conseguinte, apenas bacias (pratos fundos) para acolher a água.

²⁴ Wilfried Steller – *Die Kanzel in der Kirche* – <https://www.efo.magazin.de/magazin/gott.glauben/kanzel>

²⁵ Taufstelle – <https://www.kirchbau.de/inhalte.php?ziel=8taufstelle>

Em algumas comunidades, fazia-se uso de uma “*jarra batismal*”, na qual se trazia água para o pastor despejá-la sobre o/a batizando/a ou depositá-la na bacia para então, com a mão, colocar água sobre a cabeça do/a batizando/a. Em algumas regiões era comum as crianças serem vestidas com o “*Westerhemd*”, um camisolão branco.²⁶

b) Olhar histórico sobre as formas de batismo

No Novo Testamento apenas se conhece batismos realizados em água corrente, como no rio Jordão, conforme atestam as passagens dos evangelistas Mateus, Marcos e Lucas. A *Didaquê*, escrita no século I, menciona batismos com água morna sobre a cabeça, mas prioriza o batismo em água corrente. O nome *Didaquê* vem da língua grega e significa “*ensino*”, “*instrução*”, “*doutrina*”. A “*Didaquê*” é também conhecida como *Catecismo Cristão*.

Desde o século IV, surgem construções de capelas com formato octogonal perto de igrejas maiores, onde os/as batizando/as eram submergidos em água trazida para encher piscinas. Mas, já cedo as pessoas recebem o batismo em pé, dentro das piscinas, sendo-lhes regada água sobre a cabeça. Como não se permitia o acesso de pessoas não batizadas às igrejas, essas capelas tinham a sua localização perto das igrejas, ou encostadas nelas.

Desde o século VIII, com a prática do batismo de infantes, onde apenas se aspergia ou despejava água sobre as cabeças, surgem pias ou bacias batismais confeccionadas em pedra, que requeriam pouca água em relação às antigas piscinas. Com o tempo, as bacias eram feitas de metal (latão amarelo e prata) e, em alguns casos, recebiam tampas com ornamentação. Comum eram bacias octogonais.

Com a época do barroco, no século XVIII, a bacia batismal de metal se torna comum. Os soquetes eram numa altura média de 90 centímetros, então construídos de acordo com o diâmetro das bacias. O material podia ser madeira ou pedra. Sobre o formato do soquete que recebe a bacia há uma rica simbologia:

Octogonais (com oito cantos) simbolizam os sete dias da criação do mundo com a soma de mais um dia. Este novo dia identifica uma nova criação, que inicia com a ressurreição de Cristo. Também oito dias após a ressurreição, Jesus aparece aos seus discípulos: “*Naquele mesmo domingo, à tarde, os discípulos de Jesus estavam reunidos de portas trancadas, com medo dos líderes judeus. Então Jesus chegou, ficou no meio deles e disse: - Que a paz esteja com vocês*” (João 20.19). Na história de Noé, oito pessoas sobreviveram às águas do dilúvio e lhes foi dada nova chance, “*emergindo*” para uma nova vida (“*Esta é a história de Noé. Ele era pai de três filhos: Sem, Cam e Jafé... - Gênesis 6.9*) e “*Mas com você vou fazer uma aliança. Portanto, entre na barca e leve com você sua mulher, os seus filhos e suas noras*” (Gênesis 6.18).²⁷

²⁶ Evangelisches Kirchenlexikon – Vierter Band S-Z, Dritte Auflage – Vandenhoeck&Ruprecht in Göttingen, 1996, p. 686s. e Karl-Heinz Mohr - Lexikon der Symbole – Eugen Dieterichs Verlag - 4. Auflage, Dusseldorf. Köln – 1976.

²⁷ [HTTPS://www.kirchbau.de/inhalte.php?ziel=8taufstelle](https://www.kirchbau.de/inhalte.php?ziel=8taufstelle)

Em igrejas onde não havia a pia batismal, era comum a confecção de pombas, que eram suspensas no teto através de roldanas. As pombas sustentavam uma bacia batismal que era baixada até a altura do altar, mas observando-se certa distância entre ele e onde eram realizados os batismos. Após este ato, a pomba era novamente suspensa e marcava presença visível para todos os fiéis. A pomba remetia à lembrança do batismo de Jesus. Mateus 3.16: *“Logo que foi batizado, Jesus saiu da água. O céu se abriu, e Jesus viu o Espírito de Deus descer como uma pomba e pousar sobre ele”*.

c) Pia batismal: na entrada, no centro ou na abside?

Em algumas igrejas, a pia batismal era colocada na entrada, num recinto que muitas vezes se situava debaixo da torre ou já no início da nave central. A escolha deste local tinha a seguinte simbologia: o/a batizando/a inicia a sua caminhada como pessoa integrada no corpo de Cristo no ocidente. Por isso, as portas de entrada das igrejas serem localizadas nesta direção. Com a entrada por esta porta, iniciava simbolicamente, a partir do ocidente, onde o sol se põe (escuridão), o caminho em direção à luz – leste/oriente, onde o sol nasce.

No ocidente, se está preso ao material. No oriente, se encontrava o altar, o espiritual. Simbolicamente, assim se dá as costas ao material e tudo passa a girar em torno do espiritual. Essa localização possibilita que, a cada ida à igreja, crentes podem deter-se junto à pia batismal, tocar a água e, com o sinal da cruz, rememorar o seu próprio batismo.²⁸

Em outras localidades, a pia batismal era colocada no centro da nave, para indicar a centralidade do batismo para a comunidade.

Finalmente, era comum a pia batismal ser colocada na área que abrange a área da abside, para ser vista logo que se adentra na igreja. Era a forma de se ser lembrado do próprio batismo. A comunidade toda se tornava testemunha do batismo e recebia o/a batizado/a em seu meio. Também com essa colocação, logo se tornavam visíveis os *“três meios da graça”* na igreja: *altar, pia batismal e púlpito*.

Por fim, um lembrete no tocante à água que sobra após o batismo na jarra ou na bacia. É uma boa tradição regar com essa água uma planta dentro da simbologia do crescimento. Assim como a planta cresce, necessitando da água, também o/a batizando/a só cresce na fé se a tiverem regado com a Palavra.

Em todas as possibilidades, vale sempre lembrar o cuidado que se deve ter com os elementos que compõe a pia batismal. Onde o prato ou a bacia fica no local de um culto para o outro, convém cobri-lo. Na tradição luterana são usadas toalhas de linho branco com bordados que mostram símbolos cristãos. Não cuidar, simplesmente significa empurrar esses elementos para o “profano”.

²⁸ <https://w.w.w.inana.info> <Qualität der Himmelsrichtungen – Osten.

4 – Sinos

Quem lida com música sabe que os sinos emitem determinada notação musical. São, assim, parte integrante do que conhecemos como música sacra e, portanto, estão incluídos na ajuda do anúncio, da propagação do evangelho.

Historicamente, os sinos, na prática cristã, têm a sua origem nos antigos conventos, onde eram tocados para tirar os monges das suas atividades diárias e lembrá-los dos momentos das orações diárias prescritas. Assim, os sinos adquiriram seu espaço, sua tradição e seu peso espiritual-religioso. Podem simplesmente, no domingo de manhã, lembrar e chamar os fiéis para o culto. Mas, podem também indicar, para aquelas pessoas que estão impedidas de participar presencialmente do culto, que chegou o momento de se prepararem espiritualmente para se unirem à comunidade em oração. Conseguem, assim, participar na comunhão com toda a comunidade em oração.

Exemplificando com a prática da comunidade de Santa Maria de Jetibá: aos domingos de manhã, às 6 horas, são dadas 80 badaladas do sino maior, sem sinal antes. Meia hora antes de cada culto, é dado o sinal de três badaladas do sino maior, seguindo 20 badaladas do sino menor e 20 badaladas do sino maior, separadamente. No momento do início do culto, os dois sinos batem juntos até o/a ministro/a chegar ao altar. Durante a oração do Pai Nosso, são dadas três batidas nas seguintes preces: *“Pai nosso que estás nos céus”, “O pão nosso de cada dia nos dá hoje”* e *“Não nos deixes cair em tentação”*.

No culto de Batismo, o sino menor toca enquanto a comunidade canta o hino que precede o Batismo. Na confirmação, o sino menor dá o sinal de três batidas depois de pronunciado o nome do confirmando ou da confirmanda, que, em seguida, ouvirá o seu lema de Confirmação e a bênção com imposição das mãos do ministro ou ministra. No final do culto, os dois sinos tocam simultaneamente, até que todos tenham saído da igreja, finalizando com três batidas do sino maior.

Os cultos com bênção matrimonial têm o seu ritual, bem como os avisos de óbito e sepultamento. Percebe-se que o badalar dos sinos tem, também para os que estão ausentes pelos mais diversos motivos, o poder de incluí-los espiritualmente nas orações da comunidade e participar dos acontecimentos.

5 - Coro – Mezanino

Com o Movimento Reformatório, inicia um forte acento na participação da comunidade nas celebrações, principalmente através da música. Lutero não foi só teólogo, mas também um praticante da música em círculo familiar e de amigos. Ele achava que a música deveria ter um espaço de destaque no culto. O seu encantamento e respeito pela música podemos encontrar em muitos momentos, como, por exemplo, quando diz: *“A música é uma magnífica dádiva de Deus e intimamente ligada à teologia”*.

A Reforma da Missa de Lutero é assim o início da música sacra dentro do luteranismo. Na proposta da *“Deutsche Messe”* de 1526, o canto se torna elemento essencial no culto comunitário. O próprio Lutero compôs diversos hinos, pois via no cantar uma forma de testemunhar o evangelho. As

melodias inicialmente são buscadas em cânticos populares conhecidos na época, mas também em cantos litúrgicos.

Surgiu então a pergunta de como a participação dos fiéis com o cântico poderia ser mais incentivada. Mesmo com alguns grupos dentro do protestantismo vetarem o uso do órgão no culto, nos cultos luteranos logo se fez uso dele. Inicialmente, ele só era usado para dar o tom para os cantos litúrgicos e o poslúdio.

O uso do órgão para acompanhar os cantos comunitários como conhecemos hoje, ainda não era conhecido no século XVI e XVII. Isto só aconteceu com a melhoria no instrumento, quando foram descobertas novas técnicas e formas de se produzir sons mais abrangentes.

O local comum mais conhecido para se instalar o órgão nas igrejas foi o mezanino – coro, como é conhecido aqui. A colocação desse mezanino/coro respeitava uma simbologia: tinha que ser no ocidente, sobre a porta de entrada que ali tinha o seu lugar. Era da direção do ocidente, onde o sol se põe, que a comunidade entrava na nave e era dirigida para o oriente, na abside, onde encontrava o altar, a pia batismal e o púlpito. O oriente, onde o sol nasce, simbolizava a ressurreição de Cristo.

Com o órgão neste local, ele tinha a função de conduzir a comunidade com a música, do ocidente, da escuridão, para o oriente, que simboliza a claridade. Os músicos em nossas comunidades deveriam ser lembrados dessa simbologia, visto que, em muitas igrejas, os teclados ou os grupos de canto se posicionam na abside, do lado do altar.

Também se percebe que, durante a pregação, muitos músicos deixam o mezanino para “esticar as pernas” ou fumar lá fora. Só voltam quando percebem que o/a pastor/a está encerrando a pregação. Essa atitude fere qualquer compreensão de participação litúrgica.

1.8 - Linguagem litúrgica?

Todo ato litúrgico e atividade litúrgica traz consigo uma **linguagem corporal**. Como saúdo a comunidade? Como leio o texto bíblico? Como entro na igreja? Como me coloco diante do altar? Como executo os hinos?

Isso exige que os executores estejam totalmente presentes, corporalmente, fisicamente e psiquicamente. Estar presente aqui significa fazer o que apresento, ser verdadeiro e convincente. Se faço alguém ler um texto, sem que o tenha visto antes, provavelmente não vai conseguir transmitir tudo aquilo que nele se encontra de precioso...

Isto significa que todas as atitudes litúrgicas passam pela postura corporal, ou seja, o corpo se torna um instrumento para passar veracidade em cada momento litúrgico, impregnado pelo intelecto e pela psique. Tudo acontece *“verbal et non verbal”*, tudo acontece de forma verbal, mas também não verbalizado.²⁹

²⁹ Ewald Volgger - *Leiblich da sein - Die Sprache des Körpers in der Liturgie*, p. 4 – diozese-linz.at/dl> PDF.

A primeira grandeza simbólica da liturgia é a comunidade reunida. A união de pessoas que se reúnem em assembleia para ouvir, para realizar algo em comum, é a expressão verdadeira do que acontece na liturgia. Neste universo, cada qual tem a sua função: o que prega, o que conduz a música, o que faz as leituras, o que recolhe as ofertas, as pessoas que compõem a comunidade, com suas ações e reações.

Importa também ter um olhar para a o **vestuário**. Cada um de nós, a partir da sua individualidade, se veste como sente que deve fazê-lo. O expressamos através das cores que escolhemos, dos cortes, etc. Assim também a liturgia procura expressar algo através do vestuário. Ela deseja colocar para um segundo plano o que expresse através do meu vestuário individual, enfatizando, porém, o papel do momento litúrgico. Isto é uma proteção para os que agem diretamente na liturgia, ou seja, a vestimenta quer ressaltar o papel que estão empenhando. Pastor/a veste talar ou alba, para enfatizar que para tal função foram incumbidos pela Igreja. Assim, é estranho quando o talar é combinado com uma calça branca, ou sandália marrom, ou calça jeans. Diáconos, Catequistas e Missionários precisam possuir a mesma compreensão: foram incumbidos pela Igreja para esta função.

Em algumas comunidades, leitores/as usam camisas/vestes/sobretudo especialmente escolhidos pela diretoria. Coralistas também têm, para muitos momentos, trajes especiais que os identificam...³⁰

Importa o fator da **uniformidade**. A comunidade sempre é chamada e lembrada da sua função de manter a uniformidade. É só assim que consegue expressar o que tem em comum: sua confessionalidade. A música pode ser um bom exemplo para comparação. Ela deseja nos transportar para uma harmonia que só é possível quando as muitas e muitas vozes diferentes dos que compõem a comunidade estão dispostos a cantar as mesmas notas.

1.9 - O que quer a linguagem litúrgica?

Cada culto tem uma estrutura que Löhe chama de *“santo drama cheio de vida e movimento”*, construída com conteúdo que visa levar o povo para a Palavra de Deus e vivenciá-la. Essa estrutura dramática deve ser encenada e assim trazida para a realidade da comunidade reunida. Para essa encenação, necessita do corpo humano, de cada palavra, de cada gesto, cada mímica, cada passo, cada expressão facial ou corporal, cada entonação. Tudo na expressão corporal é importante.

O objetivo do culto é a comunidade *“trocar palavras”* com Deus. Isto significa que o culto é aquele acontecimento (só possível a partir da misericórdia de Deus, e não pelo querer da comunidade) em que a comunidade se aventura a *“trocar palavras”* com o Deus vivo. Culto então nada mais é do que **toda comunidade** vivenciar uma *“troca de palavras”* com o Deus vivo. Para sublinhar esse momento extraordinário do culto, lembremos que Moisés é orientado por Deus a não permitir a presença de sua comunidade para *“trocar palavras”* com Ele: *“Marque limites em volta da montanha para que o povo não passe dali, e diga-lhes que não subam o monte, nem cheguem perto dele. Se alguma*

³⁰ Ewald Volgger - *Leiblich da sein Die Sprache des Körpers in der Liturgie*, p. 5 – diozese-linz.at/dl> PDF

pessoa puser o pé nele, deverá ser morta (Êxodo 19.12). No Novo Testamento, por exemplo, a comunidade dos pastores que cuidava das ovelhas naquela noite se assustou e ficou com muito medo: *“Então o anjo do Senhor apareceu, e a luz gloriosa do Senhor brilhou por cima dos pastores. Eles ficaram com muito medo”* (Lucas 2.9).³¹

Em sua pregação na dedicação da igreja do castelo em Torgau, no ano de 1544, Lutero sublinha que não é através da presença da hierarquia eclesiástica e nem por determinados rituais que Deus se dispõe a *“trocar palavras”* com a comunidade, mas unicamente porque a promessa da sua presença está intimamente ligada à sua Palavra. É por isso que celebramos cultos e ali acontece a *“troca de palavras”* entre Deus e a comunidade, o que, na verdade, supera todo o entendimento humano.

Para que se estabeleça a oferta misericordiosa de Deus de *“trocar palavras”* com sua comunidade reunida, a encenação tem alguns momentos de suma importância:

- A **fase inicial**, que deve conduzir a comunidade para o silêncio. Importa conseguir fazer a reunião entender que estão reunidos para realizar algo com o mesmo objetivo.
- A **fase das atividades centrais**. Nesta fase o *falar* se torna central, sem, porém, abrir mão do uso das mãos, de gestos (cruzar as mãos para oração, etc.).
- A **fase final** de uma ação litúrgica conduz a comunidade a se dispersar. Mas, o objetivo dessa fase é fazer a comunidade entender o que significou aquele momento para a vida comunitária e individual. Novamente a atividade corporal entra em evidência (bênção, abraços...).

1.10 – Postura - comportamentos básicos na celebração litúrgica

Permanecer em pé. É a atitude que mais sublinha o agir litúrgico corporal da comunidade. Historicamente se dá para esta atitude o batismo de adultos. O batizando era levado para o tanque batismal e segurado por duas pessoas, que o emergiam de costas para dentro da água. Era deitado na água assim como se colocava os mortos na tumba. Aí se erguia na convicção da dádiva da ressurreição de Jesus e se **colocava de pé, como sinal de fé.**

Ficar de pé significa reconhecer que somos erguidos da morte e agora nos colocamos agraciados diante de Deus e o agradecemos por isso.

Sentar. Liturgicamente é o sinal de que participei de todos os gestos e agora estou sossegado para ouvir atentamente. Estou pronto para absorver com a comunidade o que a Palavra de Deus quer transmitir.

Caminhar. Como cristãos, estamos sempre a caminho (ver Atos: caminho). Também depois de cada celebração, iniciamos nova caminhada. Na liturgia, esse elemento pouco aparece. Aparece ainda na Ceia do Senhor, quando a comunidade se põe a caminho em direção ao altar e na volta para as

³¹ Alexander Deeg - Gottesdienst als Theonombestimmer Wort-Wechsel – <https://bibliographie.uni-tuebingen.de>

bancadas. Na liturgia de casamento, antigamente o/a pastor/a recebia os noivos na porta da igreja e entrava com eles e toda a comunidade seguia.

Mãos. As mãos são um elemento fundamental para nossa expressão corporal. Na tradição há diversas formas: cruzar os dedos. É uma forma de unir o duto de energia do nosso corpo. Também simboliza concentração.

“Postura orante” (erguer as mãos). É a postura durante a oração, onde o orante (do latim: o que ora) fica com os braços estendidos na altura dos ombros, como sinal da cruz do Cristo crucificado. As palmas das mãos estão viradas para o céu como sinal de que a oração está sendo elevada para Deus. Esta postura era muito difundida na igreja antiga. Em algumas catacumbas em Roma, esta postura é representada como sinal de que os falecidos elevaram e entregaram sua fé ao Criador.

Se o liturgo usa essa postura, ela deve ser ensaiada, pois significa elevar a oração da comunidade para Deus. Isso naturalmente fica mais expressivo com talar ou Alba, com suas mangas volumosas. Mas, também a comunidade pode reproduzir este gesto. É também um claro sinal da comunidade dizer, com este gesto, que ela sabe o quanto é dependente de Deus através de sua Palavra e o quanto necessita recebê-la de mãos abertas.

Sinal da cruz. Esse sinal é realizado da seguinte forma: com os dedos da mão direita, se aponta para a testa, de lá para a altura do umbigo. Depois, da altura dos ombros, do lado esquerdo para o direito. Importa fazer esse gesto de pé, simbolizando assim que, pelo batismo, fomos erguidos da água para uma nova vida. Esta simbologia remonta aos inícios da Igreja, quando os batismos eram feitos por imersão. O batizando era levado para o tanque batismal e segurado por duas pessoas que o emergiam de costas para dentro da água. Era deitado na água assim como se colocava os mortos na tumba. Aí se erguia na convicção da dádiva da ressurreição de Jesus e se colocava de pé, como sinal de fé.

Ao fazer o sinal, também se testemunha que Cristo indicou pela sua vida o caminho da salvação que culminou na cruz e, três dias após, com a ressurreição. Quando há uma Pia batismal na entrada da igreja, pode-se molhar os dedos e, com o sinal da cruz, recordar o próprio batismo.

Gesto da paz. O significado do gesto da paz como sinal litúrgico indica que quero dar ao meu vizinho mais próximo no culto o meu cumprimento de paz e minha oferta de paz para que o mundo tenha paz. Só haverá essa paz se todos os vizinhos a exercitarem constantemente e a mantiverem. Esta compreensão anula totalmente aquilo que geralmente se observa nos cultos: instala-se um corre-corre, onde se vai a outras bancadas, pois lá se viu ainda alguém amigo ou parente que não se via de longa data...

Inclinar-se. Fazer mesura. Este gesto litúrgico era muito praticado nas comunidades capixabas no passado. Principalmente quando se ia para a graciosa mesa do Senhor para a Ceia, as pessoas se inclinavam. Era uma forma de demonstrar **reverência** diante do Cristo que é o Senhor e Salvador das nossas vidas. (Nos anos de 1970, com a vinda de alguns pastores que cresceram na tradição unida, estes questionaram as pessoas que se inclinavam, achando que o faziam diante deles. Pior: chamaram à atenção, muitas vezes de forma provocativa, dizendo que a era dos pastores “mandões” acabara...).

Falar de forma adequada e compreensível. Quem fala da Palavra de Deus para grupos maiores precisa ter algumas noções: leituras só podem ser iniciadas se houver silêncio; só iniciar a pregação quando se perceber que a comunidade está devidamente atenta; sempre observar atentamente a comunidade toda, se há quietude suficiente e indícios de que a Palavra possa ser acolhida com a necessária devoção. De nada adianta os que conduzem a celebração prepararem tudo adequadamente e não o conseguirem transmitir para a comunidade. Quando aqueles momentos em que a comunidade está sentada demonstram muita inquietação, algo não está bem e o conteúdo a ser transmitido poderá cair à beira do caminho (Mateus 13.4: Certo homem saiu para semear e *“Quando estava espalhando as sementes, algumas caíram na beira do caminho, e os passarinhos comeram tudo.”*).

Nos comportamentos litúrgicos, a motivação precisa ocupar o centro. *“O corpo é o porta voz daquilo que me move no íntimo. E isso precisa ser transmitido de forma crível. Se me desloco para uma reunião litúrgica como se estivesse indo para um campo de esporte, isso pode ser interessante e relaxante, mas não se trata da liturgia encenada”*.³²

1.11 – Exercício: como me sinto no espaço litúrgico?

Dentro da minha igreja, escolho a forma de descobrir como me situo naquele espaço litúrgico. Posso tentar sentado, em pé, caminhando por todo o espaço...

O exercício tem o objetivo de ajudar a descobrir:

- *Qual a minha relação com este espaço? O que ele significa para mim? Que lembranças trago dentro de mim?*
- *Como eu mesmo me enxergo nesse espaço? Como me sinto? Consigo perceber a presença de Deus?*
- *Se percebo a presença de Deus, tento descobrir a minha relação com Ele naquele espaço. Como O imagino? Onde, naquele espaço, imagino encontrá-Lo de forma mais concreta?*
- *Tento aproximar-me Dele, “trocar palavras”. Em silêncio... Em oração meditativa...*

Como ajuda para este exercício, sugiro seguir os versos da *“Bênção irlandesa de viagem”*. Se seguir este roteiro, ler em silêncio e pausadamente. Depois, refletir sobre cada frase da bênção.

Bênção irlandesa para viagem (uma das diversas versões):

O Senhor esteja na tua frente para mostrar o caminho certo.

O Senhor esteja ao teu lado para te abraçar e proteger.

O Senhor esteja atrás de ti, para te guardar da falsidade de pessoas más.

O Senhor esteja por baixo de ti, para te apanhar quando caíres e para te livrar da armadilha.

³² Ewald Volgger - *Leiblich da sein - Die Sprache des Körpers in der Liturgie*, p. 18 – dioezese-linz.at/dl/ PDF.

*O Senhor esteja dentro de ti para te consolar quando estiveres triste.
O Senhor esteja ao teu redor para te defender quando outros caírem sobre ti.
O Senhor esteja sobre ti para te abençoar.
Assim te abençoe o bondoso Deus.*

Caso encontrar dificuldades para o exercício, você poderá se inspirar na proposta abaixo:

“O Senhor esteja na tua frente para mostrar o caminho certo” ...

Tento descobrir/sentir o espaço que está ***na minha frente***. Que sentimentos são despertados em mim? Lembranças? Acolhida? Curiosidade? Segurança? O espaço traz orientação e a certeza de que Deus está ***na minha frente***? Percebo neste ambiente a presença de Deus? Percebo que, nas mãos de Deus, posso receber orientação que me mostra o caminho certo?

“O Senhor esteja ao teu lado para te abraçar e proteger” ...

Tento descobrir que sentimentos me envolvem. Que sentimentos ***“estão ao meu lado”***, enfim, em todos os lados? Deus está ao meu lado? Sinto-me protegido? Aqui posso sentir que a minha individualidade é acolhida pela fraternidade da comunidade que foi aprendida com Jesus? Tenho a sensação de ser ***abraçado e protegido***?

“O Senhor esteja atrás de ti, para te guardar da falsidade de pessoas más” ...

Tento descobrir o que significa sentir ***“o Senhor atrás de ti”*** neste espaço. Que sentimentos são despertados em mim? Insegurança, pois não O vejo atrás de mim? Ou segurança, pois, mesmo não o vendo, Ele está atrás de mim ***para me guardar da falsidade de pessoas más***?

“O Senhor esteja por baixo de ti, para te apanhar quando caíres e para te livrar da armadilha” ...

Tento descobrir que pensamentos me envolvem ao pensar que Ele está ***“por baixo de mim”***? Em que penso? Como me percebo? Como percebo Deus? Talvez O percebo como um castelo forte que me dá chão onde pisar com passos firmes... Ou O percebo como alguém que se fez humilde para amparar meus pés e, com isso, eu poder crescer? Como é eu aceitar que Deus está ***“por baixo de mim”***? Ou sinto que Ele, como fez com seu Filho, fincou os pés na realidade terrena ***para me apanhar quando cair e para me livrar da armadilha!***

“O Senhor esteja dentro de ti para te consolar quando estiveres triste” ...

Tento descobrir o que significa ***“O Senhor estar dentro de mim”***. Consigo entender que Deus formou o ser humano e que Ele soprou no meu nariz uma respiração de vida, e que assim me tornei um ser vivo? (Gênesis 2.7). Consigo entender que Jesus, quando aparece diante dos discípulos, lhes deseja paz e aí sopra sobre eles dizendo: ***“Recebam o Espírito Santo”***! (João 20.22). Em que penso quando percebo que o meu sopro de vida vem Dele? Como funciona a minha respiração? Ela é rápida?

Nervosa? Entrecortada por mil preocupações? Como se dá a minha relação com Deus, o iniciador do meu sopro de vida? Ou sinto que estou respirando o Espírito de Deus e, com isso, Ele está **“dentro de mim”** e que, por isso, O tenho sempre **“para me consolar quando estiver triste”** ...

“O Senhor esteja ao teu redor para te defender quando outros caírem sobre ti” ...

Tento imaginar o que significa ter **“o Senhor ao redor de mim”**. Consigo imaginar isto? Isto significa: Em cima! Embaixo! À esquerda! À direita! Atrás! Na frente! Se percebo esta presença de Deus ao meu redor em sua totalidade, tenho sempre a confiança que **“O Senhor está ao meu redor para me defender quando outros caírem sobre mim”**.

“O Senhor esteja sobre ti para te abençoar” ...

Tento imaginar o que significa ter **“o Senhor sobre mim”**. Como é esse Deus? Majestoso? Compreensivo? Afeito ao diálogo? Cuidador? Protetor? Se percebo que o Senhor tem essas propriedades, vou sentir Nele um parceiro que entende que eu preciso de suas características para me desenvolver como ser humano digno e que, nessa busca, **“me abençoará”**.

“Assim te abençoe o bondoso Deus” ...

Depois desses passos, tento me imaginar fora desse espaço litúrgico específico onde **“me abençoa o bondoso Deus”**. Se percebi que Ele está em mim, Ele também estará nos espaços de qualquer lugar para eu desenvolver meus dons. Ele está “em meu espaço pessoal” aqui dentro, mas, ao mesmo tempo, se mantém “distante” dele, “acima” dele, pois não quer ser aprisionado em espaços litúrgicos específicos. Em todos os lugares, me dirijo a Ele e Ele me responde. Assim, permite que nos desenvolvamos **no** mundo e desenvolvamos **o** mundo. É o jeito de estar sempre junto. É assim que **“me abençoa o bondoso Deus”**.

Podemos concluir que Deus transpõe ou, como diz o Apóstolo Paulo, “excede” o mundo. Em Filipenses 4.7, Paulo roga para Evódia e Síntique que **“... E a paz de Deus, que excede todo o entendimento, guardará os vossos corações e as vossas mentes em Cristo Jesus”**. Em Efésios 3.19, Paulo se põe de joelhos e pede que todos conheçam **“o amor de Cristo que excede todo entendimento, para que sejais tomados de toda plenitude de Deus.”** Se estou aberto a não cercar a presença de Deus, nesse espaço litúrgico Ele está presente de forma materialmente concreta. Imaginá-lo e acreditar na sua presença neste espaço deixa de ser uma imagem ou representação. Para alguns, é mais fácil localizá-lo no altar; para outros; na pia batismal; para outros, no púlpito. Depende sempre das experiências de fé despertadas no passado ou no momento.³³

³³ Trescher Stephan, *Liturgie und Körperkompetenz – Erkunden der Verortungen Gottes - KatBL Heft 2/2017 – Mathias Grünewald Verlag der Schwabenverlag AG, Ostfildern.*

BIBLIOGRAFIA

ADAM, Adolf – BERGER, Ruprecht. Pastoraltheologisches Handlexikon. Fünfte Auflage, Verlag Herder Freiburg im Breisgau. 1990.

ALAND, Kurt. Lutherlexikon – Vierte Auflage, Vandenhoeck&Ruprecht in Göttingen. 1983.

AMBO UND KANZEL - Am Tisch des Wortes – <https://katholische-horfunkarbeit.de>

AVERSANO SCHREIBER, Dagmar. Historisches Abendmahlsgerät der evangelischen Gemeinde Vierthäler – regionalgeschichte.net

BRANDÃO CALVANI, Carlos Eduardo. Revista Eletrônica Correlatio v. 19, n. 1 – junho de 2020, p. 106-117.

DEEG, Alexander. Torgau 1544 – Ein Beiläufiger Luther-Satz und seine liturgischen Implikationen – <https://bibliographie.uni-tuebingen.de> – p. 87-92.

DEINZER, Johannes. Wilhelm Löhes Leben (Band 2) Löhe als Liturg – [https://de.wikisource.org/wiki/Wilhelm Löhes leben \(Band 2\)/Löhe als liturg](https://de.wikisource.org/wiki/Wilhelm_Löhes_leben_(Band_2)/Löhe_als_liturg)

DER ALTAR IM EVANGELISCHEN GOTTESDIENST – [www.calwer.com<mediaPDF](http://www.calwer.com/mediaPDF) – p. 63-77.

DER ALTAR UND KANZEL – kuesterbund.de/wp-content/uploads/2010/Arbhausgottes - p. 102-112.

DIE BEKENNTNISSCHRIFTEN der evangelisch-lutherischen Kirche. Herausgegeben im Gedenkjahr der Augsburgischen Konfession 1930. 6., durchgesehene Auflage. 26.-30. Tausend. Göttingen. Vandenhoeck&Ruprecht. 1967.

DIE GESCHICHTE DER EVANGELISCHEN KIRCHENMUSIK IN DEUTSCHLAND bis 1600 – <https://www.kirche-bielefeld.de>

DORMANN, Dietmar – Warum dreht der Pfarrer der Gemeinde den Rücken zu? <https://www.gartenkirche.de>

EIN GEISTLICHER UND SEIN WERDEN – Archiv Pfarrerverband, p. 2-3 - www.Ofarrerverband.de

EKL - Evangelisches Kirchenlexikon – Internationale theologische Enzyklopädie – Dritte Auflage (Neufassung), Vandenhoeck&Ruprecht in Göttingen, 1986.

EMPFEHLUNGEN ZUM GEBRAUCH DER ALTARBIBEL – Kammer für Liturgie der Evangelischen Kirche in Mitteldeutschland- www.gemeindedienst-ekm.de

EVANGELISCHER GOTTESDIENST – Historische Aspekte - <https://www.bibelwissenschaft.de>

GAEDE, Valdemar. Presença luterana no Espírito Santo. Editora Oikos. 2012.

KANZEL – <https://de.wikibrief.org/wiki/pulpit>

KELTER, Gert. Gott ist gegenwärtig – Anregungen für die Feier des lutherischen Gottesdienstes – <http://www.sola-gratia-verlag.de>

KIRST, Nelson. Série Colmeia. Fascículos 1-3. São Leopoldo: Sinodal, 1993.

LÖHE, Wilhelm. Vom Schmuck der heiligen Orte –
[https://de.wikisource.org/wiki/Vom Schmuck der+heiligen Orte](https://de.wikisource.org/wiki/Vom_Schmuck_der+heiligen_Orte)

LIVRO DE CONCÓRDIA – As Confissões da Igreja Evangélica Luterana. São Leopoldo: Sinodal/Concórdia, 1980.

LUTHER, Martin. Das Taufbüchlein –
[https://www.academis.edu/39604586/Martin Luther und das evangelische-Taufverständnis vom 16 bis 18 Jahrhundert](https://www.academis.edu/39604586/Martin_Luther_und_das_evangelische-Taufverstandnis_vom_16_bis_18_Jahrhundert)

MANSK, Erli (Org.). Liturgia. Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil. São Leopoldo: Sinodal, 2011.

MARKSCHIES, Christoph. Wie katholisch ist die evangelische Kirche? Wie katholisch sollte sie sein? – <https://www.antikes-christentum.de> <

MOHR, Gerd Heinz. Lexikon der Symbole - Bilder und Zeichen der christlichen Kunst – Eugen Diederichs Verlag – 4. Auflage – 1976.

RASCHZOK, Klaus. Die Sprache des Kirchenraumes – Die spezifische Leistung des Kirchengebäudes – Ein schematischer historischer Überblick - <https://www.ekmd.de> – p. 3-10.

REGRA “COR AD ALTARE” – claustro - <https://kreuzgang.org/viewtopic>

RÖLKE, Helmar. Raízes da imigração alemã. História e cultura alemã no Estado do Espírito Santo. Coleção Canaã. Volume 23. Vitória: Arquivo Público do Estado do Espírito Santo, 2016.

SEIBOLD, Gunther. Kanzel – <https://www.kirchbau.de/inhalte>.

SCHOBER, Theodor. Der Liturg und Gestalter der Gottesdienste – <https://dir.sermon-online.com>, p. 68-71.

STÄHLIN, Wilhelm. Über die Wendung zum Altar – stmichel-online.de/altar1htm

STELLER, Wilfried. Die Kanzel in der Kirche: Wozu ist sie da und braucht man sie heute noch? – <https://www.efo-magazin.de/magazin/gott-glauben/kanzel/>

TAUFSTELLE – <https://www.kirchbau.de/inhalte.php?ziel=8taufstelle>

TRESCHER, Stephan. Erkunden der Verortungen Gottes - Liturgie und Körperkompetenz, KatBL Heft 2/217, p. 9-12.

VOLGGER, Ewald. Leiblich da sein. Die Sprache des Körpers in der Liturgie – <https://www.diozese-linz.at>PDF> – p. 1-20.

WANKE, Siegmund. Questões litúrgicas. São Leopoldo: Sinodal, 1996.

WHITE, James F. Introdução ao culto cristão. São Leopoldo: IEPG/Sinodal, 1997.

WOYDACK, Tobias. Raum, Glaube, Mensch und Kirche – Die Gottesbeziehung als räumliches Geschehen – Zeitschrift der gemeinsamen Arbeitsstelle für gottesdienstliche Fragen der EKD – 21. Jahrgang 02/2007 – ISSN 1619-4047 – <https://www.liturgische-konferenz.de> – p. 14-22.

ZIMMERLING, Peter. Heilige Räume im Protestantismus – gibt es das? – Zeitschrift der gemeinsamen Arbeitsstelle für gottesdienstliche Fragen der EKD – 21. Jahrgang 02/2007 – ISSN 1619-4047 – <https://www.liturgische-konferenz.de> – p. 23-31.

II - ASPECTOS DA HISTÓRIA DO

“PRONTUÁRIO DO CULTO EVANGÉLICO LUTERANO”³⁴

P. Helmar R. Rölke

PARA INÍCIO DE CONVERSA...

No “Livro de Culto” da IECLB, editado em 2003, o “Prontuário do Culto Evangélico Luterano” é mencionado por constar nele a “liturgia capixaba”, de tradição bávara.

Na série “Colmeia”, ele sequer é mencionado no material ilustrativo para estudo. Apenas se trabalha a liturgia dita: “**tradicional**” (liturgia prussiana), a **Liturgia de Lima** e, **Celebrações do Povo de Deus** (Editora Sinodal 1991, cuja elaboração foi aprovada pelo Concílio Geral da IECLB de Três de Maio, em 1990).

No ano de 2002, a Revista TEAR nº 9, na página 12, traz o Título “As liturgias prussiana e da Baviera na Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil (IECLB)”. Vem então o seguinte texto:

“A partir de 1824 começaram a chegar no Brasil os primeiros imigrantes alemães. Com eles vieram pastores. Cada pastor trazia consigo a liturgia conhecida e usada na sua região de origem. No máximo, adaptava-a ao novo contexto. Com a vinda ao Brasil do cônsul prussiano na década de 1830, e de colonos alemães da região da Prússia, a partir de 1857, a liturgia de Frederico Guilherme III também alcançou o território brasileiro. (Hahn, p. 84-85).

Embora diversas tradições litúrgicas tenham chegado ao Brasil, com a vinda de imigrantes alemães, a maioria das comunidades da IECLB acabou adotando a ordem de culto elaborada por Frederico Guilherme III, a qual passou por revisões em 1895 e em 1958. Com algumas adaptações e variantes, esta última foi traduzida para o português e publicada pela Editora Sinodal, em 1964, dando origem ao Manual do Culto da IECLB.

Por sua vez, imigrantes e pastores da Baviera trouxeram de sua terra de origem a liturgia e as práticas litúrgicas inspiradas por Loehe. Essas persistiram até hoje, principalmente em comunidades da IECLB no Estado do Espírito Santo.

Vale lembrar que no seu XXII Concílio Geral (2000), a IECLB adaptou uma nova ordem consensual de culto inspirada no retorno às raízes do culto cristão e no movimento de renovação litúrgica que se espalha pelas igrejas da ecumene desde as últimas décadas.”

³⁴ Versão de setembro de 2013, melhorada/completada para Seminário de Ministros/as, em Vila Velha/ES, nos dias 28 a 30 de junho de 2022.

Lembra-se, que a série “Colmeia” surgiu no laboratório de estudos da Faculdade de Teologia em São Leopoldo/RS. Essa constatação poderia indicar que a ciência litúrgica da Igreja Luterana na Alemanha como um todo (e não só o da Igreja da União) e o fazer teológico no estado do Espírito Santo não tiveram maior significação para o então estudo na IECLB?

Também a **Revista TEAR** surgiu no laboratório de estudos da Faculdade de Teologia em São Leopoldo/RS. Ela, na edição acima mencionada, dá mais destaque ao fazer teológico de Löhe, porém, dando à região da Baviera o crédito “*de uma liturgia melhor amparada em pesquisa e erudição histórico-litúrgica*”.

2.1 – Introdução

A confecção e edição de um “**Prontuário do Culto Evangélico Luterano**” para as comunidades capixabas, pela primeira vez bilingue, no ano de 1955, tem a sua origem nas vertentes teológicas e sua ciência litúrgica que influenciaram as comunidades capixabas desde os primeiros atendimentos de pastores vindos da Europa, a partir de 1857/58. A partir destes anos, a “*Missão da Basileia*” e o “*Conselho Superior Eclesiástico de Berlim*” começaram a enviar pastores para o estado do Espírito Santo. A partir de 1901, também o “*Gotteskasten*”.

Como ainda hoje, em alguns rincões da IECLB, a ciência litúrgica também naquela época subsistiu apenas na sombra. Cada pastor a desdobrava como aprendera em sua igreja territorial. Sobretudo após a I Guerra Mundial, pastores oriundos do “*Gotteskasten*” começaram a se preocupar com o conhecimento litúrgico, tementes com a introdução de elementos litúrgicos alheios ao culto luterano.

Como é hoje tratada a ciência litúrgica na maioria dos centros de formação teológica? Como é tratada no Sínodo? Nas Uniões Paroquiais? Na sombra? Caso afirmativamente, talvez se deva buscar a origem para tal na Confissão de Augsburg, no Artigo VII: “*Não é necessário que as tradições humanas ou os ritos e cerimônias instituídas pelos homens sejam semelhantes em toda parte*”.

Não está aberta aqui uma porta para cada um se comportar como bem entende para tocar, renovar, adequar a liturgia a seu bel prazer? Mas, o próprio Artigo VII tem consciência do perigo de falsa liberdade cristã, quando mais adiante afirma: “*A Igreja é a congregação dos santos, na qual o evangelho é pregado de maneira pura e os sacramentos são administrados corretamente*”. A este critério de estar em harmonia com a pregação pura do evangelho e a administração dos sacramentos, não se deve também subordinar cada elemento da liturgia do culto?

2.2 – O culto no período da ortodoxia, do pietismo, do iluminismo e racionalismo (1550-1850)

Nas palavras de introdução da sua “**Deutsche Messe**”, em 1526, Lutero escreveu que não queria decretar uma “*norma normans*”, uma norma estática para o culto. Ele não desejava estabelecer leis,

mas uma ajuda para um culto vivo e participativo, e ao mesmo tempo evitar formulações quaisquer ou arbitradas por qualquer um que se achasse chamado para pregar o evangelho. Como foi o desenvolvimento histórico nas igrejas luteranas?

a) No período da ortodoxia acontece o que se chama de estorrecimento da dogmática, o que não significa perda de liberdade. Mas, agora valia se defender do catolicismo e movimentos reformatórios vindos da Suíça. Isto também teve profundas influências para dentro da liturgia. Foram estabelecidas formulações litúrgicas, mas o peso foi colocado na hinologia. Basta ver o HPD 1, com seus muitos hinos do período a partir de 1570 até 1700.

Com o peso na hinologia, alguns cultos iniciavam com o cântico de vários hinos seguidos. Este foi um dos motivos que levaram muitos membros a só chegarem ao culto na hora da prédica.

Em muitas pregações, a temática era fustigar e questionar o catolicismo e os reformados da Suíça numa linguagem rebuscada teologicamente, mas distante ao povo.

É no tempo da ortodoxia que inicia a separação da Ceia do Senhor do chamado “culto de pregação”. Isto novamente levou a que muitos membros deixassem o templo logo após a prédica. Para não deixá-los sem a bênção, a recebiam logo após a pregação. Insinua-se assim furtivamente no culto luterano a forma de se ter a Ceia como penduricalho.

b) No período do Pietismo é cultivada a devoção interior, na recepção do Espírito Santo, enfim, na experiência religiosa interior. Trata-se agora de converter e chamar os membros para o arrependimento. O batismo perde seu espaço, pois crianças pequenas não são passíveis de conversão interior. Os convertidos se reúnem em encontros especiais (*ecclesiola in ecclesia = a comunidadezinha dentro da comunidade*). Como se trata de converter membros, a prédica asfixia todos os outros momentos litúrgicos, apesar de se manter ‘pro forma’ as “Agenden”, os Livros de Culto. Spener defendia que a liturgia deveria ser usada com liberdade e variedade. (William Nagel, p. 142).

São cultivadas com ênfase as orações livres, pois se achava as formulações prontas muito engessadoras para uma prática de fé interior. Dentro do espírito do pietismo, onde cada pessoa precisa encontrar sozinha suas fórmulas que a levem à edificação própria, a liturgia poderia ser usada com liberdade e variedade, mesmo como manifestações entusiastas.

A arte sacra é relegada a um segundo plano. Não se tem mais muita preocupação com espaços litúrgicos envolventes. Interessa a relação vertical, e nisso fórmulas litúrgicas não são apreciadas como condutoras da comunidade para o centro do mistério divino.

O pietismo teve como mérito quebrar o estorrecimento da ortodoxia. Apenas não se deu conta que relegou ou até desclassificou o envolvimento do cristão como cidadão.

c) Iluminismo e o racionalismo foi a época onde razão e fé eram vistas no mesmo nível. O cristianismo é entendido como verdade captável pela razão. Acreditava-se que conteúdos de fé também podiam ser reconhecidos pela razão. Portanto, só valia o que podia ser entendido

racionalmente. Com isso, as prédicas adquiriram todo o destaque e a liturgia, como tal, foi desconsiderada quase que totalmente. Importava explicar a fé racionalmente. A oração foi esvaziada de seu conteúdo: trata-se de um momento para autoaprendizagem e autoafirmação, e não mais uma conversa com Deus, diante do qual se coloca anseios, alegrias, dissabores, pedido por ajuda, enfim, o dia-a-dia.

2.3 - A restauração litúrgica no séc. XIX

Após esses períodos, os cultos estavam esvaziados. Apenas poucas localidades usavam uma liturgia tradicional com vestes litúrgicas e cantos. Pode-se dizer que a igreja luterana estava se esvaziando, tanto que houve momentos em que apenas poucas pessoas frequentavam cultos dominicais.

Em conformidade com o espírito de liberdade existente na época, era comum *“cada clérigo, ignorando o caráter corporativo da liturgia, extirpasse ou acrescentasse elementos a seu critério, servindo-se das inúmeras publicações particulares que liturgistas editavam às suas próprias expensas, ‘fazendo assim o seu próprio culto’”* (Sílvio TESCHE, Vestes litúrgicas: elementos de prodigalidade ou dominação? P. 115).

a) Rei Frederico Guilherme III

Em meio a esta crise litúrgica, se fez necessária uma restauração. Finalmente, procurou-se dar um fim aos casuísmos litúrgicos, voltando-se às formulações da época da Reforma, pois se percebeu que, sem o conhecimento histórico, a liturgia corria o risco de cair em erros. Isto iniciou com o rei *Frederico Guilherme III* da Prússia (1797-1840), que almejava dar um basta ao que se chamava de caos litúrgico.

O rei dizia querer *“recorrer ao pai Lutero”* (*“auf Vater Luther zu recurrieren”*), mas, ao mesmo tempo, vir ao encontro dos Reformados. Para não provocar choque com os calvinistas, optou em usar o Credo Apostólico, que era comum nos seus cultos de pregação, ao invés de usar o Credo Niceno, sugerido por Lutero no seu *Formulário da Missa e da Comunhão para a igreja de Wittenberg – 1523*.

Frederico Guilherme III era calvinista, mas casado com uma luterana. Por isso, não lhes era permitido comungar juntos. Ansiou, por isso, concretizar uma união entre luteranos e calvinistas. Mas, deve ser destacado que a sinceridade da preocupação do rei *Frederico Guilherme III* neste intento é um tanto questionável, pois carrega também outras intenções:

- Essa união intencionava a *“consolidação do poder do Estado dinástico”*, que indica claramente que Frederico Guilherme III usou a união das Igrejas também em proveito próprio para fortalecer o poder do Estado. (Sílvio Tesche, p. 97).
- Sabe-se que, no ano de 1804, ele escreveu uma carta ao seu primo, o Czar da Rússia, comunicando que, nas próximas semanas, seguiria uma delegação para a Rússia com o objetivo de estudar a

liturgia e, sobretudo, a música sacra russa. Seu objetivo era ter uma música tão bela e cativante com a mera finalidade de *“acorrentar os membros das comunidades aos cultos, e assim solapar de antemão qualquer pensamento revolucionário e perigoso.”*

- Como rei de um estado militar, sonhava, através da liturgia, algo parecido para todas as comunidades. Ou seja, que os membros acertassem de forma obediente, uniforme e uníssona o passo (ao Estado = Igreja), similar a uma parada militar, onde todos acertam o mesmo passo.

- Também lhe era importante delimitar o tempo do culto, que não deveria ultrapassar uma hora. Metade deveria caber à pregação e a outra à liturgia e cânticos da comunidade (Teschke, p. 119). Percebe-se que, com essa visão, os cânticos da comunidade e a pregação não faziam parte da liturgia. Além disso, se colocava a pergunta: em caso de celebração da eucaristia, o que deixar fora, para não ultrapassar uma hora de encontro. Pregação? Liturgia? Cantos?

Para introduzir sua Agenda, Frederico Guilherme III usou seu poder como monarca, o que desagudou até mesmo em uso de força e violência na Silésia.

Uma primeira versão surgiu em 1816. Frederico Guilherme III quis aproveitar os festejos dos 300 anos da Reforma, em 1817, para introduzir uma liturgia comum e assim concluir a união das duas Igrejas, a Igreja da União.

Uma segunda versão surgiu em 1822, mas que causou grandes resistências. Fala-se do Culto Prussiano. Por pressões políticas e eclesiais, o rei teve que ceder. Finalmente, em 1829, ele permitiu uma reelaboração, aceitando que se observasse as peculiaridades regionais das diversas províncias.

b) Wilhelm Löhe

Com essa abertura, a reforma litúrgica na Igreja Luterana alemã de fato iniciou na Baviera. E seu início está em *Wilhelm Löhe*. Ele é visto por historiadores como um dos mais qualificados lutadores para o retorno ao culto histórico litúrgico e sacramental (Pietzsch).

Iniciou as suas tentativas de reforma da liturgia na sua própria comunidade, mesmo com uma pequena parte da comunidade se opondo. Os argumentos dos opositores parecem bisonhos. Dizer ou cantar *“Tem piedade de nós, Senhor!”* no desenrolar do culto foi visto por eles como algo lastimável/deplorável/patético (= *gottserbärmlich*). Porém, Löhe insistiu.

A um amigo sabedor das dificuldades, escreveu: *“Em relação à liturgia não se pode esperar expectativas da comunidade. Expectativas pressupõem conhecimentos e estes não existem. Assim, somente através de exercícios (contínuos) se consegue fomentar expectativas. Em muitos (membros) sempre será apenas uma obra labial, diante da qual não me assusto, pois também faço minhas crianças decorar muitas coisas, cujas potencialidades e virtudes não descobrirão logo”* (Johannes Deinzer).

E então conclui: *“Exercícios (litúrgicos) contêm algo pedagógico que a Igreja desdenhou em seu próprio prejuízo, pois ela não é só um aglomerado de pessoas já formadas, mas em formação”* (Johannes Deinzer).

Todo o processo da formulação de uma **“Ordem de Culto para Comunidades Cristãs da Confissão Luterana”** (*“Agende für christliche Gemeinden des lutherischen Bekenntnisses”*) foi doloroso. Disso dão provas palavras do próprio Löhle, no prefácio da primeira edição do ano de 1844.

Primeiro Löhle (*Johann Konrad Wilhelm*) é acusado de ser muito “catolizante” ou “romanizante”, pois baseia sua proposta na *“Deutsche Messe”* de Lutero, que resguarda elementos da missa católica. Lutero é filho de sua época. Contra esta acusação Löhle se defende dizendo que as liturgias católicas *“formigam de maus enxertos, mas também se encontra no meio do espinheiro restos de tempos melhores, bem como também elementos condizentes com a verdade cristã”*.

Também destaca, no prefácio da primeira edição (1844): *“Se se quisesse dizer sobre essa Agenda que ela romaniza, então teria que se dizer isso sobre todas as Agendas luteranas”*. Sabidamente todas elas partiram da liturgia romana.

Ele entende que há, por exemplo, orações que, pela forma e conteúdo, dificilmente podem ser substituídas por formulações melhores. Estas deveriam ser resgatadas e introduzidas na Ordem de Culto para comunidades de confissão luterana, como os intróitos, o Kyrie, o credo, os prefácios, etc.

Mesmo assim, Löhle se baseia em sua proposta nas diversas ordens de culto já existentes e em uso em algumas regiões, com exceção de algumas orações do *Pontificale Romanum*. Em sua percepção, ele entendia o culto como aquele momento em que a comunidade está mais próxima do seu “noivo”, como um antegosto da vida celestial já aqui. O culto é visto como a *‘mais bela flor’* na vida passageira dos cristãos. E a Ordem de Culto quer ser instrumento que une e dá harmonia a esta *‘mais bela flor’*. Enfim, liturgia é a *“... estética da Igreja de Deus não ‘in abstracto’ mas ‘in concreto’”*.

Em tradução mais livre, para Löhle *“... O conteúdo do culto comunitário são a Palavra e os Sacramentos, comparáveis com uma rocha no mar. Assim como as ondas fervem ao redor da rocha, assim fervem as santas formulações litúrgicas ao redor do centro da Palavra e dos Sacramentos. Assim como as ondas quebram na rocha e esta impõe/provoca o embate e o efervescer das ondas, assim também a vida litúrgica não é algo arbitrário, mas suas ondas giram de forma concêntrica ao redor do conteúdo central da vida espiritual, que tem sua centralidade na Palavra e nos Sacramentos. Palavra e Sacramentos determinam a normatização da salvação, e esta determina a Ordem do Culto. Assim como vida espiritual é impensável sem a normatização da salvação, assim também o culto é impensável sem uma normatização.”*

No prefácio da segunda edição de sua Agenda (1853), para a qual, além do material usado na primeira, sempre com olhar retrospectivo a Agendas luteranas, usou agora ordens de culto anteriores à Reforma, bem como liturgias de igrejas orientais. É sabido que Löhle estudou em torno de 200 Agendas. Houve, com isso, um destaque ecumênico.

Esta experiência “ecumênica” o leva a dizer que se, no princípio, via a Ordem de Culto luterano como algo ideal, agora reconhece que, com a Reforma, surgiu um certo tédio, senão até desdenho, em relação às liturgias católicas, motivado pelo pouco conhecimento histórico. Como o momento histórico o exigia, se deu enorme espaço à pregação. Com isso, não foram percebidas riquezas litúrgicas.

Por isso tudo, há ainda um longo caminho pela frente. Löhe deduz que o bom luterano se caracteriza por não bastar a si mesmo com o que foi realizado até aqui. O bom luterano serve à sua igreja quando, em sintonia com o sentido e espírito dos pais, segue em frente no caminho iniciado. Conclui esse pensamento dizendo: *“A liturgia luterana se assemelha a uma bonita coluna, porém, com rachaduras, que necessita de complementação e aprimoramento”*.

No espírito de ver a liturgia *“como um santo drama cheio de vida e movimento, ou seja, a mais sublime criação do espírito cristão, um ato de adoração, diante do qual tudo deveria se curvar”*, Löhe inclui na sua Agenda a *“Laienagende”* – Agenda para Leigos. A intenção parece clara: rebuscar o *Sacerdócio Geral de todos os Crentes*, e nele colocar o devido peso.

A *“Laienagende”* continha orações gerais e, no **Prontuário do Culto Evangélico Luterano**, ela foi encurtada. Na edição de 1955, se encontra como “Ordem do Culto Praticado por Leigo”, bilingue. Hoje, somente em língua alemã, sob “*Ordnung für Laiengottesdienste*”.

A seguir, as vertentes que se fizeram sentir nas comunidades capixabas, que finalmente conduziram para uma proposta litúrgica comum.

2.4 – Vertentes

a) Sociedade Missionária da Basiléia

Como resposta ao Iluminismo, iniciaram-se, na Suíça, movimentos de avivamento/despertamento religioso. Na cidade de Basiléia esse movimento foi encabeçado pela Sra. *von Krüdener*, conhecida pelo seu pietismo entusiasta. A *“Sociedade Missionária da Basiléia”* foi um fruto desse movimento de avivamento/despertamento pietista-entusiasta – mas em bases mais liberais.

O batismo se tornou facultativo; as escolas foram separadas da tutela da Igreja; pastores eram eleitos pelas comunidades para um período determinado. Preconizava-se a separação de Igreja e Estado, pois partia-se de uma teologia mais crítica em relação aos soberanos. Isso finalmente desembocou na formação de pastores com ideias chamadas de “socialistas-religiosas.”

Em se tratando da Suíça, berço de *Calvino* e *Zwinglio*, logo se deduz que os pastores vindos de lá eram todos “reformados”. Não era o caso com os pastores que se formavam pela *Sociedade Missionária da Basiléia*, pois esta respeitava a confessionalidade das igrejas territoriais, de onde vinham os seus seminaristas e era também nelas que eram ordenados para o ministério, após o término do curso. Assim, cada pastor construía sua liturgia a partir da sua igreja territorial de origem.

Joseph Friedrich Josenhans, inspetor da Missão entre os anos de 1850 e 1879, com o qual pastores do Espírito Santo mantinham correspondência, apesar da sua raiz na Igreja Territorial do cantão da Basileia, lutava por um ponto de vista interconfessional. Pensava-se que a divisão entre evangélicos na Europa não deveria influenciar na formação de missionários na Basileia, muito menos no trabalho missionário no Brasil.

Os professores eram da Igreja Reformada, mas não queriam influenciar confessionalmente os seus alunos, tanto assim que estes deveriam, por decisão própria, participar ou não dos cultos na Basileia.

A visão de Igreja orientada por *Josenhans* ia no sentido de que a Igreja Brasileira deveria ser uma igreja “protestante”, à qual interessava introduzir no Brasil um tipo “suave” de luteranismo, marcadamente reconhecível como “evangélico”.

O quanto estava distante desses pastores a sensibilidade com a origem dos imigrantes ou a preocupação por uma liturgia que unificasse as comunidades, depreende-se de um comentário do P. Reuther: *Eram os luteranos que traziam os desejos mais provocativos possíveis, exigindo a liturgia dos “Alt-lutheraner”, inclusive exigindo que se fizesse o sinal da cruz sobre os batizando e ainda outras práticas...* (Hermann Reuther foi pastor em Santa Leopoldina I – 1864-1871 - hoje Luxemburgo).

b) Conselho Superior Eclesiástico da Igreja Territorial da Prússia

Outro interlocutor na Alemanha era o “*Conselho Superior Eclesiástico da Igreja Territorial da Prússia*”. Desde 1817, a Igreja Territorial da Prússia era também conhecida como “*Igreja da União*”. Como “*Igreja da União*”, o *Conselho Superior Eclesiástico de Berlim* não se opunha em intermediar pastores que não fossem de uma ortodoxia luterana, mesmo que as comunidades capixabas pomeranas talvez o tivessem desejado. Assim, o Conselho lançou mão da *Sociedade Missionária da Basileia*, da *Sociedade Missionária da Renânia/Sociedade Evangélica de Barmen*, bem como de centros de formação teológica acadêmica na própria Prússia.

A *Sociedade Evangélica de Barmen* estava estreitamente ligada à *Sociedade Missionária da Renânia*, pois tornou-se a casa de formação desta sociedade missionária, que surgiu no ano de 1828. Na região do Baixo Reno, onde se situava a *Sociedade Evangélica de Barmen*, a oposição ao catolicismo aproximou luteranos e reformados. Como consequência do *Iluminismo*, um movimento de *avivamento/despertamento* começou a perpassar ambas as confessionalidades com uma espiritualidade pietista.

A aproximação entre ambas resultou em fazer missão, porém, sem depender de questões confessionais dogmáticas/litúrgicas. Por isso, a tradição teológica do seminário era missionária, acima de querelas confessionais. Objetivo era algo como unidade confessional, onde jovens de origem confessional luterana, reformada, calvinista e unida eram aceitos.

Cada egresso tinha a liberdade de exercer o seu ministério de acordo com sua origem confessional. Por ocasião da ordenação para o ministério, todos recebiam a *Confissão de Augsburg*, o *Catecismo Maior e Menor de Lutero* e o *Catecismo de Heidelberg*, que era de origem reformada.

O inspetor da Sociedade Missionária *Friedrich Fabri*, que assumiu em 1857, sempre acentuava a necessidade de superar o confessionalismo particular que, conforme ele, só separava: *“Relevante não é que o missionário seja um bom reformado, luterano, ou unido, mas que ele esteja fundamentado no Reino de Deus. A relação fundamental não é o Reino de Deus e a confessionalidade, mas o Reino de Deus e conversão”*.

c) Gotteskasten: As influências do Seminário para Diáspora e Missão em Neuendettelsau

A grande maioria dos pastores vindos ao Espírito Santo através do *Gotteskasten* = “Associação Caixa de Deus” da Baviera, recebeu a sua formação no “Seminário para Diáspora e Missão” em Neuendettelsau. Isso fez com que a base teológica desses pastores fosse muito uniforme. A organização “*Gotteskasten*”, por influência de *Löhe*, um de seus fundadores, se entendia comprometida com a preservação do luteranismo em todo mundo.

Foram os pastores da “*Associação Caixa de Deus*” que mais marcas deixaram no ser Igreja e ser comunidade no Espírito Santo. (Prontuário; Caixa de Cobra; Lehrerpräparande, em Limoeiro; Tratado de Santa Maria em 19/11/1925; Colportage; Associação Diacônica Luterana - ADL; Internato - depois Centro de Formação Martim Lutero - CFML).

O fundador do seminário onde estes pastores receberam sua formação foi *Wilhelm Löhe* (1808-1872). *Löhe* foi fruto do *movimento de avivamento/despertamento religioso*, que nasceu com o intuito de fazer frente ao *Iluminismo*. Dentro desse *movimento de avivamento/despertamento*, havia pelo menos três direcionamentos: o grupo “*biblicista*”, o grupo de “*avivamento com componentes emocionais*” e o grupo de “*ortodoxia confessional*”.

Löhe se enquadrava neste último, cujas características podem ser assim resumidas: havia uma fusão entre ortodoxia e pietismo, como consequência de um avivamento/despertamento interior. A este avivamento/despertamento se chegava através de concentrada leitura da Bíblia e dos escritos de Lutero.

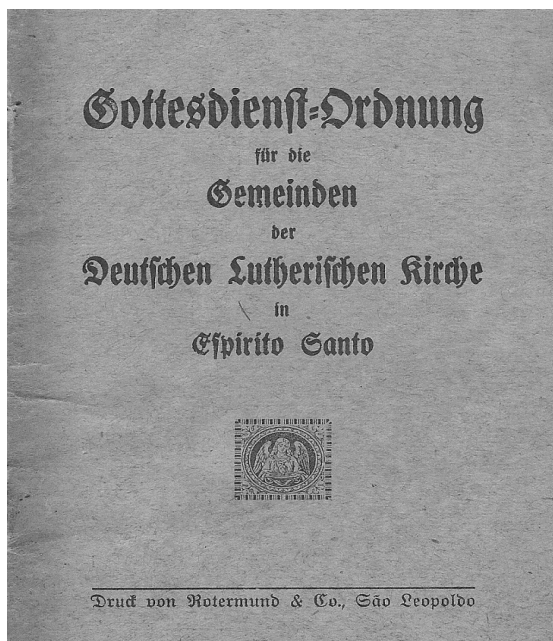
Para a formação desse grupo, tiveram peso acontecimentos históricos do protestantismo alemão, como os festejos dos 300 anos da Reforma, em 1817, onde novamente os escritos de Lutero foram objeto de curiosidade e estudo. Dentre eles, seus escritos e reflexões sobre liturgia. Estas são as vertentes que acompanharam a história e a ciência litúrgica das comunidades capixabas.

Foram finalmente os pastores oriundos do *Seminário para Diáspora e Missão* de Neuendettelsau que se empenharam para uma real unificação da liturgia de culto nas comunidades capixabas. Assim, em 1955, depois de várias edições de uma Ordem de Culto, foi editado o “*Prontuário do Culto Evangélico-Luterano*”.

2.5 – Pastor Siegmund Wanke*

* Editor do *Prontuário do Culto Evangélico-Luterano* - “Ordem de Culto” – 1955.

Pastor Wanke relata que, antes da II Guerra Mundial, os membros possuíam o hinário e uma 'Ordem de Culto' em língua alemã. Agora, com a proibição da língua alemã, se fez necessário criar uma Ordem de Culto em português. Mas, para vir ao encontro dos muitos membros que ainda não entendiam a língua portuguesa, se fez necessário editar uma ordem nas duas línguas: **O Prontuário do Culto Evangélico Luterano**.



"Ordem do Culto" em língua alemã usada nas comunidades capixabas antes da II Guerra Mundial.

Wanke sempre insistia em dizer que sua preocupação e dos pastores do então "Nordkreis" (Distrito Norte do Sínodo Evangélico-Luterano de Santa Catarina, Paraná e outros Estados) era fixar o que deveria valer como liturgia do culto evangélico-luterano, já que existem também liturgias em outras denominações cristãs. Ele nunca aceitou conceitos de que só partes em volta da prédica, principalmente as cantadas, sejam liturgia. O culto todo é liturgia, pois este é a execução de uma liturgia.

Para descrever o que com seus colegas entendia sob culto, ele se baseava em Atos 2.42: ***"Preservavam na doutrina dos apóstolos, na comunhão, no partir do pão e nas orações"***.

As características do culto são:

- 1) a ***"doutrina dos apóstolos"*** (= a palavra de Deus);
- 2) a ***"comunhão"*** (= convivência fraterna);
- 3) o ***"partir do pão"*** (a Ceia do Senhor);
- 4) as ***"orações"***.

Se estas são as características da liturgia, logo, o culto é liturgia.

Vários aspectos levaram à decisão da Conferência de Pastores de incumbir os pastores **Gotthard Grottke** e **Siegmund Wanke** a apresentarem, no início dos anos de 1950, o estudo de um **“Prontuário de Culto Evangélico-Luterano”** para as comunidades no Espírito Santo:

1º) *A experiência da II Guerra*, onde pastores alemães foram proibidos de atuar em suas comunidades, forçou o envolvimento de leigos no trabalho. Como a experiência foi vista como positiva, pois alavancou o **Sacerdócio Geral de todos os Crentes**, por que não ampliar o trabalho entre leigos para o exercício concreto do Sacerdócio, editando um prontuário para cultos bilíngues, contendo um anexo com uma ordem do culto para leigos?

2º) *Com o processo de nacionalização, iniciado a partir de 1938*, era necessário os pastores assumirem a língua portuguesa. Após a experiência da retenção no “campo de concentração” pela qual a maioria passou durante a II Guerra, a conclusão era lógica: a nacionalização não era letra morta. Agora importava aprender a língua portuguesa e nessa língua trabalhar com as comunidades. Como tinham dificuldades, era necessário disponibilizar para eles material litúrgico uniforme e teologicamente adequado, na língua portuguesa.

3º) *O avanço para as fronteiras norte do estado do Espírito Santo* a partir dos anos de 1930/40. Era necessário colocar nas mãos destes migrantes algo que lhes fosse comum e útil em seus encontros nas novas fronteiras, nos primeiros anos muitas vezes sem acompanhamento eclesial adequado.

4º) *A chegada dos primeiros membros luteranos para a cidade*, onde muitas vezes ficavam sem atendimento direto de pastores. O Prontuário, em seu ponto III, possibilitava encontros domiciliares destes membros através da ordem do culto praticado por leigos.

5º) *A chegada das primeiras famílias luteranas para a cidade*, as expunha ao proselitismo de outras igrejas. Era necessário colocar à sua disposição, além do hinário, também uma liturgia como forma de resistir.

6º) *Preocupava os pastores certo linguajar dos membros*, como por exemplo: “assistir o culto”; “frequentar o culto”; “ir ao culto”, “igreja tem que ser/ter” (Kirch mut sin). Percebia-se neste linguajar uma tendência de ação apenas passiva dos membros.

7º) *Padrões estabelecidos fazem com que as pessoas se sintam em casa*, protegidas confessionalmente e comunitariamente. A repetição soa familiar e faz bem poder participar do culto tendo formulações fixas nas quais se pode participar.

8º) *A comunidade precisa ser libertada* da ideia de que ela é apenas expectadora **do** e **no** culto. Se é necessário acontecer o “culto racional” que Paulo preconiza, a comunidade precisa experimentar em conjunto aquela liturgia que a fortalece para o dia-a-dia.

Principalmente em relação a estes itens, os pastores com formação em *Neuendettelsau* decidiram pela elaboração de uma liturgia comum a todas as comunidades. Além de ser comum, ela deveria

estar disponível para todos os membros para manuseio nos cultos ou em encontros domiciliares. A ideia era o envolvimento ativo de toda a comunidade no culto.

Ponto de partida para a discussão e posterior decisão da edição do **Prontuário** foi a teologia de Lutero, em especial uma prédica na inauguração da Igreja de Torgau, do ano de 1544, onde ele dizia o que deveria acontecer no culto:

“... que lá não aconteça outra coisa senão que nosso amado Senhor fale conosco pela sua santa palavra e que nós, de nossa parte, falemos com ele mediante oração e cântico de louvor”.

Pesquisadores interpretam essa manifestação como uma clara postura de Lutero em relação ao seu tempo:

Por um lado, Lutero quis fazer frente ao costume da Idade Média, e também ainda de sua época, quando grandiosos templos eram construídos, visando apresentar “boas obras” dos senhores feudais, de cidades ou até de comunidades. Lutero estaria assim claramente contrapondo “boas obras” à justificação por graça e fé. Por outro lado, Lutero quer deixar clara a sua compreensão sobre a finalidade do culto com sua liturgia.

Para o cristão luterano não cair na tentação de “**falar com ele** (= Deus) **mediante oração e cântico de louvor**”, projetando uma falsa crença ou fé interior, ou expressar seus próprios desejos e sonhos com Jesus/Deus, ou ensaiar grandes celebrações para autopromoção ou autossatisfação, ou até a experiências de “união mística”, a liturgia do culto sempre deve ser submetida ao critério de sua concordância com a palavra de Deus, a exemplo do apóstolo Paulo em 1 Tessalonicenses 5.19-21: “*Não atrapalhem a ação do Espírito Santo. Não desprezem as profecias. Examinem tudo. Fiquem com o que é bom*”.

Também esta preocupação motivou o surgimento do Prontuário. Ele quer sinalizar e balizar que o culto não é obra humana que convida para celebrações, pois nestas o ser humano figura como idealizador e condutor. O Prontuário quer ser unicamente um livro que ajuda a cumprir com novo e maior zelo a exortação de Moisés: “***Dai glória só ao nosso Deus***” (Deuteronômio 32.3).

Vale lembrar que nem sempre vamos ao culto com espírito de celebração. Muitas vezes estamos “*cansados e sobrecarregados*”. A estes, Jesus promete: “*Eu vos aliviarei*” (Mateus 11.28). É, pois, Jesus, com seu evangelho, que nos faz pessoas alegres. Só aí a consequência é celebração.

Repetições e variações estão extremamente unidas, pois o ser humano necessita do conhecido para se sentir em casa. Mas, ao mesmo tempo, também deseja variações. A liturgia leva em conta essa propriedade humana, expressada no Prontuário pelas partes que sempre se repetem, chamadas de ORDINÁRIO e as partes que podem ser variadas, chamadas de PRÓPRIO.

As partes do ORDINÁRIO, como por exemplo o “*Kyrie eleison*”, se fixam como elementos de fé e podem ser lembrados em situações diárias da vida. As partes do PRÓPRIO, no caso do Prontuário os *Intróitos*, ajudam a lembrar situações específicas do ano eclesial ou outras, balizando rumos para a fé.

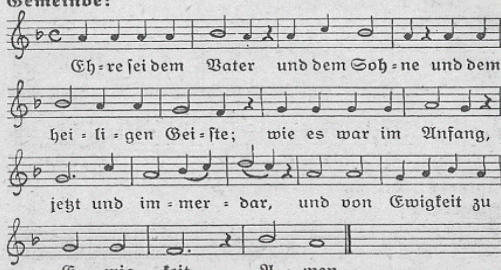
Com este pano de fundo, devemos perguntar: onde o ser humano entra em ação no culto? Os encarregados pela confecção do *Prontuário* apontam que o ser humano entra em ação naquilo que Paulo denomina de λογικην λατρείαν (*logiken latreian*), “culto racional”, como o traduz Almeida. Lutero traduz *latreia* como “*Gottesdienst*”, quer dizer, *serviço a Deus*. O *logikos* Lutero traduz como “*vernünftig*” (*sensato*). Mas, literalmente significa: “*de acordo com a palavra*”.

“Culto racional” é, portanto, o serviço *de acordo com a palavra* que o ser humano deve prestar a Deus no seu dia-a-dia, depois de ter sido servido pela Palavra de Deus no culto do domingo. Este serviço diário – também entendido como liturgia da fé – tem sua origem na liturgia servida por Deus aos domingos, ou em encontros domiciliares, na comunhão com os irmãos. E, para que esta liturgia tenha pé e cabeça, início-meio-fim, balizas para a fé, o *Prontuário* quer ser instrumento.

Os primeiros pastores vindos para as comunidades capixabas, em sua grande maioria, adotaram a *Agende der Evangelischen Landeskirche in Preussen* – união das igrejas reformada e luterana entre os anos 1816 e 1829. A ex Igreja Luterana no Brasil adotou a *Agende der Evangelisch-Lutherischen Kirche in Bayern*, que finalmente foi praticada pelas comunidades capixabas, com a vinda de pastores do *Gotteskasten*.

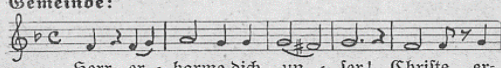
Ordnung des Gottesdienstes
1. Der Hauptgottesdienst.

Geläute.
Orgelvorspiel.
[Chor.]*)
Gemeinde: Eingangslieb.
Pfarrer: Eingangsspruch, schließend mit: Lasset uns anbeten!
Gemeinde:



Geh' re sei dem Vater und dem Sohne und dem
hei - li - gen Gei - ste; wie es war im Anfang,
jetzt und im - mer - dar, und von Ewigkeit zu
E - wig - keit. A - men.

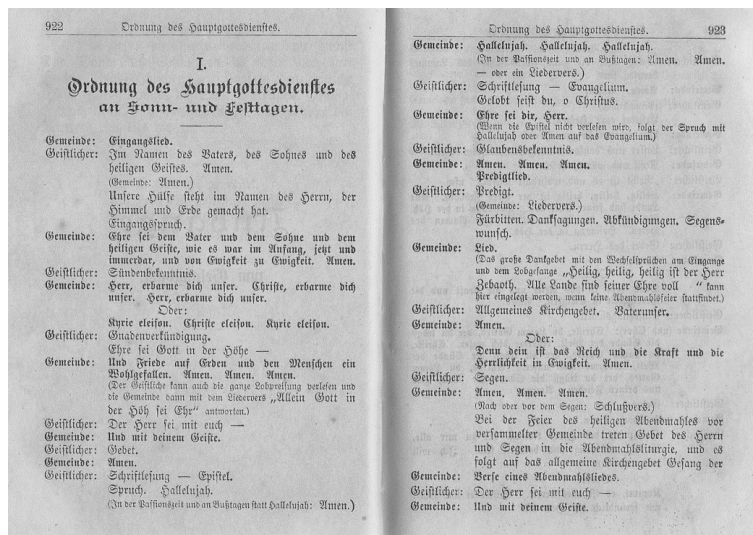
Pfarrer: Sündenbekenntnis.
Gemeinde:



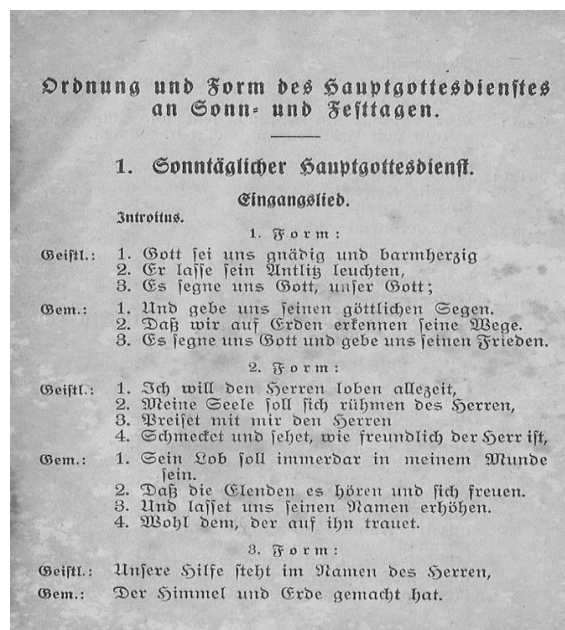
Herr, er - barme dich un - ser! Christus, er -

*) Das in eckigen Klammern Stehende kann wegleiben.

Observação: a “liturgia prussiana” foi introduzida, em algumas regiões, com força militar, a partir de 1817. O rei Frederico Guilherme III se envolveu pessoalmente na reforma que desejava para a Prússia.



Observação: mesmo sendo Província da Prússia, à Pomerânia foi concedido, em 1829, introduzir uma liturgia com peculiaridades próprias, chamadas de “Parellelformulare” = formulações próprias às tradições locais.



Observação: O movimento iniciado em 1817 na Prússia, nos 300 anos da Reforma, desencadeou na Baviera uma “ortodoxia confessionalista”, muito acentuada na universidade de Erlangen, onde Wilhelm Löhe teve muitos contatos e sua formação. Daí, para a criação de uma “liturgia bávara”, com forte influência, empenho e redação pessoal de Löhe, foi um passo.

O *Prontuário* é uma adaptação da *Agende für Evangelisch-Lutherische Kirchen und Gemeinden*, publicada em 1954 pela *Vereinigte Evangelisch-Lutherische Kirche Deutschlands (VELKD)*.

A Alemanha havia passado por um regime totalitário que dividiu a Igreja Luterana na Alemanha. Após todas estas experiências que levaram à “*Declaração de culpa de Stuttgart*” (Stuttgarter Schulderklärung), agora o intuito foi uma maior unidade para as igrejas luteranas.

Foi então promulgada esta *Agende*. Nas partes cantadas da liturgia e também nos Intróitos, manteve-se as melodias da *Agende der evangelisch-lutherischen Kirche in Bayern*.



Notas do “Kyrie eleison” propostas para o Prontuário.

2.6 - “Repetitio est mater studiorum...” (A repetição é a mãe dos estudos)

“As potencialidades da Igreja são sempre tão sólidas quanto o são seus cultos”.

Todos os aspectos da vida têm espaço no culto: nascimento e envelhecimento; semeadura e colheita; expansão da juventude e amadurecimento; amor e dissabores; doença e morte... Todos esses aspectos penetram e permeiam o culto, sempre dependendo da situação individual ou coletiva. E isso é bom, pois o culto tem a função de ajudar a lidar e entender melhor as situações do momento.

É no culto que os aspectos individuais ou coletivos que são vividos e experienciados, são canalizados para o centro da questão, visando um fim orientador que aponte para a esperança. Elementos litúrgicos ajudam neste direcionamento orientador e esperançoso.

Por isso, cabe-nos ter um olhar muito amoroso e carinhoso para os espaços litúrgicos em nossos templos. Quem frequenta os cultos, precisa, já na chegada, sentir que ali estará sendo acolhido para ser ajudado em seus anseios, receber respostas nas suas angústias ou ser fortalecido naquilo que sente como confiança e fé no Deus amoroso e acolhedor.

Sempre vale lembrar que aspectos pedagógicos externos podem ajudar a conduzir para o eixo central do culto:



Painel original do Cristo que acolhe... (cores mais neutras iluminadas, que querem encaminhar para uma espiritualidade que leva à reflexão).



Painel do Cristo que acolhe, após a reforma do templo... (cores mais agressivas, que podem atrapalhar a condução para uma espiritualidade que conduz à reflexão)

Mas, o essencial é a fé, cuja essência é sempre a liberdade que não se deixa enclausurar por esquemas humanos. Porém, essa liberdade proveniente da fé não significa abrir mão de todas as formas do culto ou até o fortalecimento de ideias mirabolantes individuais de cada um para torná-lo atrativo. Em todas as instituições há a procura por instrumentos duradouros ou permanentes que ajudam a dar rumo e orientação. Com maior razão, no culto. Quanto mais estiver orientado no essencial/substancial, tanto mais se excluem independência e arbitrariedades.

Se a sua função é levar a comunidade para o caminho salvífico de Deus e como entendê-Lo em sua misericórdia, o culto necessita de formulações pertinazes, teologicamente bem refletidas. Essas formulações se expressam na liturgia. Uns dizem que ela cerceia a comunidade em suas ambições e procuras. Porém, olhando-se sua história, a liturgia é uma potência pedagógica e missionária de primeira linha.

O *Kyrie eleison* (= Senhor, compadece-te) é, por exemplo, a resposta da comunidade primitiva à promessa de Jesus de que, onde dois ou três estiverem reunidos em seu nome, ele estará no meio deles (Mateus 16.20). Lógico, quem não sabe da longa história da liturgia poderá ver nela repetições inúteis ou até fórmulas que beiram à superstição, fórmulas como as benzedeiças usam, sempre repetindo as mesmas frases.

Aliás: a liturgia é algo extremamente sensível. O cisma entre luteranos e católicos no fundo só chegou ao ápice quando Lutero começou a tirar na liturgia do culto as devidas consequências sobre sua compreensão dos sacramentos, mesmo o fazendo de forma lenta e gradual, em respeito aos mais “fracos”.

Cultuar algo está na raiz do ser humano desde seu início sobre a face da terra. A questão é **o que** cultuar e **como** cultuar. **O que** cultuar, para nós cristãos, está claro. No **como** cultuar, porém, temos dificuldades. Quando não se tem formulações de **como** cultuar a fé, facilmente podemos cair em moralismos ou ideologias, promulgadas e individualizadas por aqueles que conduzem um grupo/comunidade humana.

Como Lutero, não nos cabe lutar por um cerimonial de culto novo. Mas, cabe-nos, pela liberdade adequada e mensurável pelo Espírito Santo, experimentar formas e jeitos que respeitem a história, a teologia e os tempos atuais. A partir daí, podemos e devemos experimentar, abrir possibilidades, ensaiar formulações, onde também pessoas que não se sentem mais atraídas por formulações reconhecidas por elas como “ultrapassadas”, se sintam motivadas.

Talvez se desmotivaram:

- Porque sentiram repetições demais nas formulações litúrgicas, sem muito sentido para seus momentos vivenciais;
- Ou se desmotivaram porque sentiram pouca humanização nas formulações litúrgicas;
- Ou se desmotivaram porque sentiram na liturgia humanização demais...
- Ou se desmotivaram, porque a compreensão e postura litúrgica de ministros/as tornou o local do culto apenas mais um local, sem permitir respirar mística, que todo ser humano deseja experienciar. (Löhe fala do “*Vom Schmuck der heiligen Orte*” = do adorno, do enfeite dos lugares santos).

Lembremo-nos: **“As potencialidades da Igreja são sempre tão sólidas quanto o são seus cultos.”**

BIBLIOGRAFIA

ALBRECHT, Christoph – Einführung in die Liturgik – vierte Auflage, Vandenhoeck & Ruprecht, Göttingen, 1989.

“*AGENDENSTREIT*” – vários sites na Internet.

CELEBRAÇÕES DO POVO DE DEUS, Prontuário Litúrgico da Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil, edição provisória. São Leopoldo: Sinodal, 1991.

CULLMAN, Oscar – Urchristentum und Gottesdienst, vierte unveränderte Auflage, Zwingli Verlag Zürich, 1962.

DEINZER, Johannes – Wilhelm Löhes Leben, Band 2 – Löhe als Liturg – Wikisource.

DREHER, Martin N. Org. Reflexões em torno de Lutero, volume I. São Leopoldo: Sinodal, 1984.

EVANGELISCHER ERWACHSENEN KATECISMUS, 6. neubearbeitete Auflage, Gütersloher Verlagshaus, 2000.

EVANGELISCHES KIRCHENLEXIKON, Band 3, Dritte Auflage, Vandenhoeck & Ruprecht, Göttingen, 1986.

FLUCK, Marlon – Basler Missionare in Brasilien: Auswanderung, Erweckung und Kirchwerdung im 19. Jahrhundert. Baseler und Berner Studien zur historischen und systematischen Theologie, Peter Lang, Bern, 2004.

GOTTESDIENSTORDNUNG für die Gemeinden der Deutschen Lutherischen Kirche in Espírito Santo. São Leopoldo: Rotermond & Co.

HEUSSI, Karl – Kompendium der Kirchengeschichte, Zehnte Auflage, J.C.B. Mohr (Paul Siebeck), Tübingen, 1949.

“*ICH BIN BEREIT*” – Lutherische Pfarrer in Brasilien 1897-1997, Martin-Luther-Verlag Erlangen, 1997.

KEMPF, Georg – Der Kirchengesang im Lutherschen Gottesdienst und seine Erneuerung, M. Heinsius Nachfolger, Leipzig, 1937.

KIRST, Nelson Série Colmeia – Fascículo 1. São Leopoldo: Sinodal, 1993.

LÖHE, Wilhelm – Gesammelte Werke, Band 7, 1 e 7, 2, Freimund-Verlag, Neuensettelsau, 1953.

MUSIKALISCHER ANHANG zur Agende der evangelisch-lutherischen Kirche in Bayern, Vierte, neubearbeitete Auflage, G. Brügel & Sohn AG, Ansbach, 1924.

MANUAL DO CULTO para uso nas comunidades da Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil, Edição provisória. São Leopoldo: Sinodal, 1964.

MANUAL DO CULTO EVANGÉLICO – Sínodo Riograndense. São Leopoldo: Rotermond & Co, 1952.

MARTINI, Romeu - Editor do Livro de Culto. São Leopoldo: Sinodal, 2003.

NAGEL, William – Geschichte des christlichen Gottesdienstes – Berlin: Walter de Gruyter, 1962.

ÖKUMENE LEXIKON – Kirchen-Religionen-Bewegungen – Verlag Otto Lambeck – Verlag Josef Knecht, Frankfurt am Main, 1983.

PIETZSCH, Paulo Gerhard – A eucaristia na Igreja Evangélica Luterana no Brasil à luz das origens do culto cristão. São Leopoldo: Escola Superior de Teologia/IEPG, 2002.

CULTO LUTERANO – Material de Estudo. São Leopoldo: Sinodal, 1982.

REVISTA TEAR - Vertentes Litúrgicas de Igrejas luteranas e unidas da América Latina: a renovação litúrgica na Alemanha protestante do século 19. TEAR: liturgia em revista, nº 9, dez 2002.

RITTER, Karl Bernhard – Die Liturgie als Lebensform der Kirche, Johannes Stauda Verlag, Kassel, 1946.

SCHÖNE, Jobst - Rechtfertigung – www.lutherische.de Beiträge.de

TESCHE, Sílvio – Veste litúrgicas: elementos de prodigalidade ou dominação? São Leopoldo: Sinodal, 1995.

WANKE, Siegmund – Questões litúrgicas. São Leopoldo: Sinodal, 1996.

WHITE, F. James – Introdução ao Culto Cristão. São Leopoldo: IEPG/Sinodal, 1997.

III - PRONTUÁRIO DO CULTO EVANGÉLICO LUTERANO - PASSO A PASSO

P. Helmar R. Rölke

3.1 - Ordinário do Culto Principal

Página 3:

Observação: Usam-se as seguintes abreviações: P. = Pastor, A. = Coro (ou Pastor), C. = Comunidade, F1 = Primeira Forma, F2 = Segunda Forma.

1. Oração mental de entrada:

Amo, Senhor, a habitação de tua casa e o lugar onde reside a tua glória. – Abre-me as portas do teu santuário, amado Pai celeste, para que eu ouça a pregação da tua Palavra, e, na congregação dos fiéis, te renda adoração e louvor. Amém.

ou

Senhor Deus, Pai Celeste! Quero adorar-te no teu Santo templo, e louvar o teu nome. – Concede-me, Senhor, a graça de que este culto, que te rendo agora, sirva para a tua honra, para a edificação da comunidade e para a minha própria salvação. Amém.

Ou outra oração, formulada livremente.

É BOM SABER: É o momento em que cada pessoa se prepara individualmente, em silêncio, para o culto propriamente dito. O Prontuário sugere duas orações, ou outra, formulada livremente. Importa que neste momento cada pessoa seja conduzida para o silêncio e entenda que está reunida com a comunidade para realizar algo com o mesmo objetivo: *“trocar palavras com Deus com amor e paixão”*. Ou, como diz o próprio Lutero, para que não *“...aconteça nesta casa nada além de que nosso querido Senhor mesmo fale conosco através de sua santa Palavra, e nós, por outro lado, falemos com Ele através de oração e louvor”* (Pregação de dedicação da igreja do castelo em Torgau, em 1544).

*

Página 4:

a) Parte da Preparação.

2. Hino:

Vem, Santo Espírito, Senhor Deus!
Inunda os corações dos teus,
e acende neles o fervor
do teu divino e santo amor.
Senhor, que, pelo teu clarão,

de toda língua e nação
ajuntas fiéis ao povo teu,
louvado sejas cá e no alto céu!
Aleluia, aleluia!

Ou outro hino, à escolha do Pastor.

É BOM SABER: O **Hino** é cantado para reunir a comunidade sob o Espírito Santo e, assim, estabelecer a espiritualidade necessária para o culto. A proposta do *Prontuário* é a tradução de um hino de Lutero que se baseou no hino latino “*Veni, sancte spiritus*”. Também consta no Livro de Canto, sob o nº 458.

O editor do *Prontuário*, P. Siegmund Wanke, esclarece que não há nenhum impedimento de outro **Hino** inicial. Apenas indica que, para a escolha, devem ser evitados hinos que se referem ao trabalho dos dias de semana, já que o culto é dominical.

Aqui cabe explicar algo sobre a tradição do culto no *domingo*. A palavra “*domingo*” traz como raiz a palavra “*dominus*” = Senhor. No Antigo Testamento (= Êxodo 16.26), o sétimo dia da semana é o sábado. O domingo é o primeiro dia da semana, o dia após findar o sábado, como também lemos no Novo Testamento, em Mateus 28.1: “*No findar do sábado, ao entrar o primeiro dia da semana, Maria Madalena e a outra Maria foram ver o sepulcro*”.

Conforme testemunho bíblico, o primeiro dia da semana foi o dia da ressurreição de Jesus Cristo, que nós conhecemos como domingo. É, pois, na tradição cristã, o *Dia do Senhor*, o dia em que Cristo ressuscitou dos mortos. E isto sempre foi celebrado com os cultos no domingo, como que relembrar uma Páscoa semanal em que o Senhor ressuscitado está presente, servindo a comunidade com a Palavra e os Sacramentos. Desta forma, o *Dia do Senhor* (= *domingo* = *dominus*) e o culto se tornaram quase que inseparáveis.

Mas, este processo não se fez de um dia para o outro. Lembra-se que os primeiros cristãos eram judeus e, como tais, celebravam a ressurreição do Senhor no sábado, indo para a sinagoga. Iam ao templo para orar. O texto de Atos 3.1 indica que o templo era local de oração: “*Pedro e João subiam ao templo para a oração da hora nona*”. Ao mesmo tempo, celebravam nas casas, conforme Atos 2.46: “*Diariamente perseveravam unânimes no templo, partiam pão de casa em casa, e tomavam suas refeições com alegria e singeleza de coração*”. Nessas comunidades domésticas “*... perseveravam na doutrina e na comunhão, no partir do pão e nas orações*” (Atos 2.42).

Com o tempo, surgiram conflitos entre judeus e cristãos, principalmente no momento em que não judeus assumiram a fé cristã. Como vinham do paganismo, não conseguiam entender atitudes e costumes judaicos. Sublinhavam que estes nada tinham a ver com a sua nova fé. Entre essa atitude e costumes estavam as circuncisões, que alguns grupos exigiam dos novos convertidos, pois faziam parte da “lei de Moisés”, como se lê em Atos 15.1ss. Esses conflitos se tornaram cada vez mais patentes, e, por volta do ano de 150, se tornou consenso realizar cultos aos domingos. Com isso estava dada uma separação do culto sinagagal aos sábados.

Levando em consideração que os primeiros cristãos tinham que trabalhar aos domingos, os cultos devem ter sido celebrados *bem cedo*. A isso somou-se também o fato de as mulheres terem encontrado o túmulo vazio *bem cedo* no primeiro dia da semana = domingo (Lucas 24.1ss.). Assim,

a necessidade de se trabalhar aos domingos e a lembrança da descoberta do túmulo vazio no primeiro dia da semana (= domingo) desembocou na tradição dos cultos no domingo pela manhã.

Finalmente, sob o *Imperador Constantino* (306-337), o cristianismo se tornou religião do Estado. As consequências logo viriam. A sua política favoreceu a igreja (católica) em todos os sentidos. Por exemplo, foi abolida a prática da crucificação como castigo, condenada pela igreja. À igreja foi concedido o direito de possuir propriedades. No ano de 321, o domingo foi decretado como dia livre, de descanso.

*

3. Voto inicial:

P. *Em nome de Deus Pai e do Filho e do Espírito Santo.*

C. Amém.

P. *Nosso auxílio está em o nome do Senhor, ou O nosso socorro vem do Senhor,*

C. *que fez o céu e a terra.*

É BOM SABER: Quando pessoas se encontram, a saudação logo cria proximidade. Assim, também pastor e comunidade se saúdam reciprocamente no culto. Mas, aqui não se trata de apenas uma saudação, tipo “*bom dia*”. Aqui ela se transforma em um **Voto**, onde a comunidade e pastor se comprometem de forma íntima e total a celebrar o culto *em nome de Deus Pai e do Filho e do Espírito Santo* e sublinham *que nosso auxílio e todo socorro, em todos os momentos, vêm do Senhor que fez o céu e a terra.*

*

4. Confissão dos pecados:

P. Amados no Senhor! Abri vossos corações; confessemos os nossos pecados a Deus, e peçamos-lhe perdão em nome de nosso Senhor Jesus Cristo. Confessai e dizei comigo:

P. (e C.) Eu, pobre pessoa pecadora, confesso a ti, Todo-Poderoso Deus, meu Criador e Salvador, que não somente pequei por pensamentos, palavras e obras, e, sim, fui concebida e nascida em pecado, de modo que a minha natureza inteira e todo o meu ser são culpados e condenáveis perante a tua justiça. Por isso, abrigo-me à tua insondável misericórdia e procuro teu perdão, dizendo: Ó Deus, tem compaixão de mim, pessoa pecadora! Amém.

|| (Caso seja celebrada a Santa Ceia, e não se tenha realizado, anteriormente, um Culto
|| confessório, a Confissão dos Pecados é precedida duma ALOCUÇÃO CONFESSÓRIA.
|| Depois, faz-se a CONFISSÃO DOS PECADOS na forma seguinte:)

|| P. (e C.) Onipotente Deus, misericordioso Pai! Eu, pobre pessoa pecadora, confesso-te
|| todos os meus pecados e iniquidades que cometi por pensamentos, palavras e obras,
|| com os quais, alguma vez provoquei a tua ira, e mereci o teu castigo neste tempo e na
|| eternidade. Mas deploro, de coração, todos os meus pecados, sinceramente arrependida

deles, e, por tua insondável misericórdia e pela inocente e paixão e morte de teu amado Filho Jesus Cristo, suplico-te que tenhas misericórdia e piedade de mim, pobre pessoa pecadora, que me perdoes todos os pecados, e me fortaleças por teu Espírito, para que eu melhore a minha vida, e, me converta a ti. Ó meu Deus, espero em tua graça; tem compaixão de mim, e concede-me a tua paz! Amém.

Ou, no dia da confirmação:

Todo-poderoso Deus, misericordioso Pai! Confesso diante da tua santíssima face, que, a meu pesar, frequentemente violei a aliança contraída no batismo, e que, por desobediência e obstinação, por levandade e falta de veracidade, por negligência e ingratidão, por desprezo da tua Palavra e por cobiças de toda espécie, te ofendi, e mereci o teu justo castigo. Ah, Senhor, não te lembres dos pecados da minha mocidade, nem das minhas transgressões; lembra-te, porém, de mim, segundo a tua misericórdia, por tua bondade. Aceita-me, outra vez, em graça, e quero corrigir-me, de bom grado, e entregar-me, de novo, a ti, como sacrifício vivo. Fortalece-me, tu mesmo, neste propósito, e, conserva-me, ó tu, eterno trino Deus, na tua graça, até o meu fim! Amém.

É BOM SABER: Na língua alemã, esse momento litúrgico, no *Prontuário* como **Confissão dos Pecados**, chama-se “*Rüstgebet*” (= Oração Preparatória). É assim uma oração, pela qual a pessoa se prepara para poder participar no culto de forma digna. Para tal, pede perdão dos seus pecados a Deus. Em latim, a oração com pedido de perdão se chama “*Confiteor*”, o que significa “*Eu confesso*”.

Cremos que Deus se encontra em todos os lugares, mas, na igreja, de forma especial, pois, conforme Lutero, nesta casa não deve acontecer “*nada além de que Deus fale conosco e nós falemos com ele*”. A função da igreja é possibilitar a *troca de palavras entre Deus e as pessoas*, individualmente e comunitariamente.

Em diversas liturgias luteranas, a **Confissão dos pecados** é redigida em forma de “*nós*”. Mas, o *Prontuário* quer ressaltar na **Confissão dos pecados** o “*Confiteor*” = “*eu confesso*”, para evitar a pessoa poder esconder-se neste momento na multidão presente no culto. Importa, “*eu*”, pessoa pecadora, pedir perdão dos meus pecados e assim me tornar digna da presença de Deus no culto.

É BOM SABER: Entre a **Confissão dos pecados** e a **Absolvição**, o *Prontuário* aponta que, caso não se tenha realizado, anteriormente, um *Culto confessorio*, a *Confissão dos pecados* é precedida de uma **ALOCUÇÃO CONFESSÓRIA**. Depois é sugerida a **CONFISSÃO DOS PECADOS**, contida nas páginas 5 e 6. Inclusive uma **CONFISSÃO** para o dia da confirmação, igualmente na página 6.

Explica-se: Havia regiões onde se realizava, antes do culto de Santa Ceia propriamente dito, um “*Culto confessorio*”, para os que queriam comungar. Esta prática era questionada, pois perguntava-se se a Santa Ceia obrigatoriamente teria que ser antecedida por uma confissão especial.

Base para esta prática era a confissão que Lutero, na quinta parte no Catecismo Menor, assim explica: “*O que é a confissão? A confissão tem duas partes: Primeiro, confessamos os nossos pecados; segundo, aceitamos a absolvição que a pessoa que ouve a nossa confissão nos anuncia.*”

Podemos aceitá-la como vinda de Deus mesmo, não duvidando de modo algum, mas crendo firmemente que por ela os pecados estão perdoados perante Deus no céu” (O ministério da Absolvição e a Confissão).

Trata-se da *Confissão Auricular* praticada na Igreja Católica e ali entendida como Sacramento. Inicialmente, assim também foi aceita na Igreja Luterana. Posteriormente, essa *Confissão dos pecados* seguida pela *Absolvição* pelo confessor foi rejeitada como Sacramento, pois faltava nela o elemento visível, como se tem no Batismo (= água) e na Ceia do Senhor (= pão e vinho).

Lutero entende que a “*Confissão privada – Auricular*” não é necessária e também não deve ser exigida, embora seja útil. Ele sublinha que ela pode acontecer e nem deve ser proibida, mas deve ser livre, sem coerção. Em 1539, Lutero faz a seguinte observação no livro de *Melanchthon*, intitulado “Instrução dos Visitadores para os Párocos”: “*Que o próprio pároco ou pregador (...) queira ir ao sacramento sem Confissão [dos Pecados] ou Interrogatório [precedente] não lhe deve ser proibido com isso. O mesmo deve ser dito (...) em relação a outras pessoas instruídas, para que essa Confissão de pecados, que queremos e precisamos que seja livre, não se transforme outra vez numa nova coerção papal ou num costume necessário. E eu mesmo, doutor Martinho, estou indo [ao sacramento] de vez em quando inconfesso, para que eu mesmo não crie em mim um costume necessário na consciência; por outro lado, no entanto, necessito da Confissão [dos Pecados] e não quero abrir mão dela, principalmente por causa da absolvição (i. é., das palavras de Deus).* (in *Wanke*, página 24).

A prática de preparação à Santa Ceia sugerida no *Prontuário*, de também os não participantes assistirem à **Confissão dos pecados** dos comungantes, já era costume nas comunidades capixabas. Isto porque grande parcela dos membros morava distante de suas igrejas, o que impossibilitava a participação num culto especial de *Confissão dos pecados* como preparação para o culto principal no domingo com Santa Ceia.

Além do mais, alguns pastores da época da edição do *Prontuário* questionavam a prática de cultos especiais de **Confissão dos pecados**. Argumentavam que a ideia de que alguém poderia chegar à mesa da Santa Ceia sem qualquer pecado após o culto de *Confissão dos pecados* contradizia os ensinamentos de Lutero. Ele sublinhava que o cristão é “*simul iustus et (atque) peccator*” (= simultaneamente pecador e justo) ao mesmo tempo. Então seria impossível vir à Ceia sem pecado. Como pecador, é justificado somente pela obra salvadora de Cristo.

Com esse pano de fundo histórico e teológico/prático, o *Prontuário* propõe uma **ALOCUÇÃO CONFESSÓRIA** para, em seguida, fazer-se a **CONFISSÃO DOS PECADOS** nas formas nas páginas 5 e 6. A **Absolvição** na página 7 só é proferida depois do **INTERROGATÓRIO DOS COMUNGANTES**.

*

Página 7 e 8:

5. Absolvição:

P. *O onipotente e misericordioso Deus teve compaixão de nós. Ele entregou, por nós, seu Filho unigênito à morte, e, por amor dele, perdoou-nos todos os pecados; deus, também, a todos os*

que creem em o nome dele, poder de tornarem-se filhos de Deus, e prometeu-lhes o seu Espírito Santo.

C. Amém.

P. *O trino Deus nos dê a graça de celebrar este culto com corações e lábios puros, por amor do seu santo nome.*

C. Amém.

É BOM SABER: Absolvição é uma graciosa mensagem da graça de Deus: ele responde à nossa **Confissão dos pecados**, nos lembrando do nosso Batismo, onde nos aceitou como seus seguidores na sua aliança (Mateus 28.19-20) e agora o reforça.

O pastor, como representante da Igreja, absolve, pois Cristo deu a ele o poder de perdoar os pecados às pessoas que se arrependem - Mateus 16.19 e 18.18. (Quinta parte do Catecismo Menor – O Ministério da Absolvição e Confissão).

Outrossim, a “*Apologia da Confissão de Augsburgo*”, nos seus artigos 7 e 8, lembra: “*Estes (referindo-se aos ministros) são membros da igreja segundo a sociedade externa dos sinais e, por isso, ocupam cargos na igreja. E não priva os sacramentos de sua eficácia o serem administrados por indignos, porque, em virtude do chamado da igreja, representam a pessoa de Cristo (destaque meu), não suas próprias pessoas, conforme testifica Cristo: “Quem vos der ouvidos, ouve-me a mim”. Quando oferecem a palavra de Cristo e os sacramentos, nô-los oferece como substitutos em seu lugar (destaque meu). É o que nos ensina aquela palavra de Cristo, para que não nos ofendamos com a indignidade dos ministros*”.

Assim, quando, na **Absolvição**, ministros/as se dirigem para os confessantes, anunciando o perdão, o fazem “*como substitutos de Cristo e em seu lugar*”.

(Caso seja celebrada a Santa Ceia, a Absolvição é precedida pelo INTERROGATÓRIO DOS COMUNGANTES:)

P. *Para que vós, os que quereis participar da Santa Ceia do Senhor, afirmeis com o vosso próprio SIM a confissão de pecados que acabastes de fazer, eu vos pergunto:
Reconheceis os vossos pecados, e estais, de todo o coração arrependidos deles?
Pondes toda a vossa confiança em Jesus Cristo, por cujo amor o misericordioso Deus quer perdoar-vos todos os pecados?
Estais firmemente resolvidos a abster-vos de pecados, iniciar vida nova, melhor e agradável a Deus, e perseverar nesta resolução até o vosso fim? Se assim é, afirmai-o perante o onisciente Deus, e dizei: SIM.*

(Resposta dos comungantes:) SIM.

(Segue agora a própria ABSOLVIÇÃO:)

P. *Como credes, assim vos seja feito! E eu, como ministro ordenado da Igreja cristã, anuncio-vos, pelo mandamento de nosso Senhor Jesus Cristo, a remissão de todos os pecados em nome de Deus Pai e do Filho e do Espírito Santo.*

|| C. Amém.

|| P. *O trino Deus nos dê a graça de celebrar este culto e a Santa Ceia do Senhor com corações e lábios puros, por amor do seu santo nome e da nossa salvação.*

|| C. Amém.

É BOM SABER: A respeito da **Absolvição** na página 8, P. Wanke por diversas vezes comentou sobre o **INTERROGATÓRIO DOS COMUNGANTES** (página 7). Para Wanke, o anúncio da absolvição sempre indica para a *Absolvição de Deus*. Porém, se incomodava com parte do texto do **INTERROGATÓRIO**. Tanto é que, após um culto que eu presidi com a Ceia do Senhor, ele fez uma longa explanação sobre o que o incomodava nesta parte.

Quanto à primeira parte, que conduz para a pergunta do SIM dos comungantes, não via nenhum problema. Porém, na pergunta sobre o reconhecimento dos pecados e o arrependimento, tinha sérios problemas. Argumentou que, para ele, era impossível exigir dos comungantes a promessa de levar *daí por diante* uma vida sem pecados. Para ele, isso equivalia a uma promessa nunca atingível, e, portanto, um fardo que se coloca como um problema na consciência do comungante. Além do mais, argumentou que, conforme Lutero, a pessoa nunca chega ao estado sem qualquer pecado. Somos eternamente justos e pecadores, simultaneamente.

Com o *Prontuário* aberto, propôs a seguinte forma: As primeiras quatro linhas permanecem como estão. Mas, ele anulava as três últimas perguntas. A pergunta, então, ficaria assim:

P. *Para que vós, que quereis participar da Santa Ceia do Senhor, afirmeis com o vosso próprio SIM a confissão dos pecados que acabastes de fazer, eu vos pergunto:
Confessastes agora os pecados porque desejais o perdão deles por amor de Jesus Cristo?
Então responsei SIM.*

C. SIM.

*

Página 8 e 9:

b) Parte da Adoração

NB. Conforme a ordem até agora em vigor, o culto começou com esta parte, e a Confissão dos Pecados e a Absolvição foram intercaladas nos lugares indicados.

É BOM SABER: A nota indica que, na liturgia em vigor nas comunidades capixabas até a publicação do *Prontuário*, o culto iniciava com um *Hino de entrada*, seguido pelo *Intróito*. (in *Gottesdienst-Ordnung für die Gemeinden der Deutschen Lutherischen Kirche in Espírito Santo*).

6. Hino.

7. Intróito:

F1

- A. *Deus nos seja benigno e misericordioso,*
C. e nos **dê** a sua **benção** divina!
A. *E faça resplandecer o seu rosto sobre nós,*
C. para que conheçamos na **terra** os seus **caminhos**!
A. *Abençoe-nos Deus, o nosso Deus!*
C. Deus nos **abençoe** e nos **dê** a **sua** paz!

(Outros intróitos encontram-se na parte “Próprio do Culto no Ano Litúrgico” pág. 31 e seguintes.)

F2

(Caso em que o Intróito é falado pelo Pastor. Se o culto não começou com a Parte da Preparação, o Intróito é precedido pelas palavras: “Em nome de Deus Pai e do Filho e do Espírito Santo”; segue o próprio Intróito; e este é seguido pelas palavras: “Cantemos louvores ao trino Deus”!)

É BOM SABER: O Intróito (= “*Introitus*”) é um termo latino e significa “*entrada*”. O nome data do século V, e era a forma de acompanhar, através do canto de salmos, a entrada do bispo na igreja. Depois de se ter paramentado com seus ajudantes na sacristia, adentrava no templo pela porta principal e a comunidade cantava até ele se colocar diante do altar com sua comitiva. Quando lá chegava, proferia as palavras “*Glória seja ao Pai e ao Filho e ao Espírito Santo*”, sinal para o término do **Intróito**.

Na Idade Média, essa prática foi encurtada, pois bispo e sacerdotes agora adentravam pela sacristia, geralmente ao lado do altar. Apenas se cantava um salmo encurtado. Lutero continuou com essa prática, mas insistiu na manutenção de um Salmo completo. Com isto, sublinhava que, ao cantarmos o Salmo, estaremos nos distanciando da falsa ideia de acompanhar a entrada de um ser humano na igreja. É a Deus que abrimos a nossa igreja, como exorta o Salmo 50,3: “*O nosso Deus está chegando, porém, não chega em silêncio*”! Acompanhamos a entrada de nosso Senhor Jesus Cristo.

Comunidades que não tinham um grupo preparado para esse cântico o substituíram por hinos do hinário. Desta forma, o **Intróito** sofreu várias modificações no seu uso nas igrejas luteranas. No século XIX, por exemplo, o Pastor substituíu o **Intróito** por um versículo bíblico, que podia ser o versículo da semana ou um texto que seria usado no culto.

Onde há músicos atentos para conduzir a tonalidade inicial de cada linha, é possível que ministro/a ou coro cantem, em forma de responsório, o salmo do intróito. Importante lembrar que o **Intróito** faz parte do *Próprio do Culto*, isto é, dos domingos do ano eclesiástico. As partes do *Ordinário do Culto* são fixas, com o *Voto inicial*, o *Kyrie*, etc.

É BOM SABER: Sobre a F2 no **Intróito**: Em caso de o *Intróito* ser falado pelo Pastor, e o culto não ter começado com a Parte da Preparação (páginas 4 até 8), o *Prontuário* sugere: Antes de iniciar a leitura do Salmo, o Pastor deve anunciar que a comunidade está reunida em nome de *Deus Pai, e do Filho, e do Espírito Santo*. Isto sublinha que o culto ocorre por incumbência e em nome e para a

honra do trino Deus. Após a leitura do **Intróito**, ele deve ser seguido pelas palavras “*Cantemos louvores ao trino Deus*”. Este chamamento para o louvor do trino Deus lembra que o nosso Deus está chegando (Salmo 50.3).

*

Página 9:

8. Gloria Patri:

F1

A. *Glória seja ao Pai e ao Filho e ao Espírito Santo,*
C. Como no princípio, agora, e sempre, pelos séculos dos séculos! Amém.

F2

C. Glória seja ao Pai e ao Filho e ao Espírito Santo, como no princípio era, agora, e sempre, e por todos os séculos! Amém.

É BOM SABER: A fórmula “*Glória seja ao Pai e ao Filho e ao Espírito...*” faz o desfecho do Salmo do **Intróito**. Importante destacar que as primeiras comunidades cristãs, seguindo o culto sinagoga que conheciam, naturalmente iniciavam os cultos com o canto de um Salmo. Por volta do século IV, aparece o **Gloria Patri** como parte integrante do culto.

Com ele, os Salmos foram, por assim dizer, “cristianizados”. Comparecemos à presença de Deus no culto como cristãos, e não como judeus, e a fórmula quer destacar isto. Com o **Gloria Patri** expressamos o uso cristão do Saltério. Wanke diz: “*Podemos dizer que com o canto dos Salmos a Igreja Cristã batizou o Saltério em nome do Deus Triúno, ‘do Pai, do Filho e do Espírito Santo’ (Mt 28.19)*”. (Wanke, página 30).

Nesta compreensão, o **Gloria Patri** deixa de ser uma parte solta dentro do que chamamos de Ordinário do culto, ou seja, as partes que sempre se repetem. Sua função é fazer o fechamento do **Intróito**. Ou seja, sem ele o **Intróito**, ao usar Salmos, deixa de indicar que nos reunimos como cristãos.

Dentro da percepção de que o **Gloria Patri** pertence aos elementos ordinários do culto, importa observar como o **Intróito** é executado. Se for o caso, o *Prontuário* indica que o **Gloria Patri** seja cantado na mesma tonalidade. Ele, porém, não é cantado a partir do 5º Domingo da Quaresma até o Sábado da Semana Santa.

*

8/9. Confissão dos Pecados

C. (Veja confissões, páginas 5 e 6.)

P. *Humilhai-vos, amados, perante o Senhor, conscientes de vossa indignidade, pecado e culpa. Implorai-lhe auxílio, graça e perdão, e dizei, tal qual o fez o publicano: Ó Deus, compaixão de mim, pecador!*

Ou outra forma, à escolha do Pastor.

É BOM SABER: Na página 9 e 10 do *Prontuário* há duas caixas indicando **8/9. Confissão dos Pecados** e **9/10. Absolição**. Explica-se:

Conforme a Ordem de Culto em língua alemã até então em vigor nas comunidades luteranas no Estado do Espírito Santo, o culto iniciava com um *Intróito* em forma de responsório cantado. Ele era encerrado com o “*Gloria Patri*”. Em seguida vinha a *Confissão dos Pecados*. A seguir era dada a *Absolição*, seguida pelo “*Gloria in Excelsis*” cantado, mas não na Quaresma e em dias de penitência.

As duas caixas explicam que o *Prontuário*, com sua nova ordem de culto, acha inoportuno a *Confissão dos Pecados* neste lugar (página 9). A nova ordem de culto também acha inoportuno a *Absolição* neste lugar (página 10). Na primeira edição do *Prontuário*, em 1955, essa explicação está expressa nas caixas. Infelizmente, em algum momento no processo das reedições do *Prontuário*, essa observação desapareceu.

Numa dessas revisões também foi introduzido na caixa da página 9 um **C.**, seguido pelo texto (**Veja confissões, páginas 5 e 6.**), inclusão que não se lê na primeira edição.

*

Página 10:

F1

9. Kyrie eleison:

- A. *Kyrie, eleison!*
- C. Senhor, tem compaixão!
- A. *Christe, eleison!*
- C. *Cristo*, tem compaixão!
- A. *Kyrie, eleison!*
- C. Senhor, tem compaixão de nós!

F2

- C. Tem piedade de nós, Senhor!
- Tem piedade de nós, Jesus!
- Tem piedade de nós, Senhor!

*

É BOM SABER: A aclamação **Kyrie eleison** antecede o cristianismo. Na antiguidade, o povo se dirigia assim aos imperadores, reis, divindades ou a seus deuses. A comunidade cristã adotou essa aclamação para designar Jesus Cristo e, assim, indicar que se submetia ao seu reinado. Era uma confissão curta e concisa: *Senhor, compadece-te de nós! A ti queremos servir!*

Neste sentido, originalmente o **Kyrie** nada tem a ver com *Confissão de Pecados*. Como saudação e confissão, ele se repete na Ceia do Senhor na língua hebraica, isto é, no **Hosana**, quando, no *Sanctus*, o expressamos, dizendo ou cantando: *Santo, santo, santo é o Deus dos Exércitos! Céu e terra, de sua glória, cheio estão. Hosana nas alturas! Bendito (seja) o que vem em nome do Senhor! Hosana nas alturas!*

Wanke escreve: “Assim como o *Kyrie*, também o *Hosana* originalmente nada mais era do que um grito por clemência ou ajuda dirigido a um potentado ou a Deus (cf. Sl 118.25: ‘*Salva-nos, ó Senhor, salva-nos*’). Mas, finalmente, transformou-se em uma aclamação de veneração e adoração. Por isso, não podemos saudar melhor nosso Senhor e Salvador, que vem alimentar-nos com o seu corpo e sangue na Santa Ceia, do que como uma multidão o saudou na sua entrada em Jerusalém, clamando: ‘*Hosana! Bendito o que vem em nome do Senhor! (...) Hosana nas maiores alturas*’ (Mc 11.9-10)”. (Wanke, página 31).

Por volta do ano de 400, baseadas em práticas da igreja oriental, surgem “*Litanias*”, onde, a cada prece da **Oração de Intercessão**, se respondia **Kyrie eleison**. Litanias são formas de preces, onde estas, proferidas por alguém, são respondidas pela comunidade reunida. Podiam ser faladas ou cantadas. Dependendo do tamanho das preces proferidas, as aclamações do **Kyrie** podiam se estender, o que ficava a critério do sacerdote. Originalmente, essas *Litanias* aconteciam no início do culto. Mesmo as Litanias perderem aos poucos o seu espaço. O **Kyrie** foi mantido no início do culto.

O Papa Gregório (590-604) começa a abolir as muitas preces proferidas pelo diácono e respondidas pelos fieis com o **Kyrie**. Resta, finalmente, somente a aclamação **Kyrie**. Mas, Roma ordena que a aclamação seja feita, dando-lhe a forma de que o **Kyrie eleison** seja respondido três vezes, em forma de responsório. Na Idade Média, finalmente, se interpretou isso como uma forma trinitária, mesmo o destinatário da aclamação ser o Senhor Jesus Cristo.

A forma participativa de responsório e a sua simplicidade fez com que o **Kyrie** se tornasse cada vez mais popular. Com o passar do tempo, as aclamações receberam notas musicais, baseadas em melodias gregorianas ou outros cantos litúrgicos. Merece lembrar que surgem assim textos que terminam com a aclamação “*Kyrieleis*”, uma contração de “*Kyrie eleison*”. Assim, por exemplo o hino 441 do Livro de Canto da IECLB, “*Cristo ressuscitou*”. Por questões de métrica e tradução, o “*Kyrieleis*” do texto original foi traduzido como “*Aleluia*”.

A Igreja Luterana manteve o **Kyrie eleison**, repetido por três vezes. Na sua “*Formula Missae*” do ano de 1523, Lutero sugere o **Kyrie** da seguinte forma: “*Kyrie eleison*” (3 vezes); “*Christe eleison*” (3 vezes) e novamente “*Kyrie eleison*” (3 vezes). Nas ordens de culto da Reforma, sugere-se que o “*Kyrie*” seja cantado em forma de responsório entre coral e comunidade. No século XIX, surge a forma de responsório entre liturgo e comunidade.

Posteriormente, principalmente com o “*Kyrie*” musicado, ele teve ampla penetração entre a população. Assim, aos poucos a original saudação ao Cristo que veio ao mundo como Salvador, começou a ser entendida como um chamado/pedido. Na época do *Iluminismo*, finalmente acontece na liturgia uma aproximação do **Kyrie eleison** com a **Confissão dos Pecados**, seguida pela **Absolvição**. No *Prontuário* isso é evitado, pois ele vem após o **Intróito** e o **Gloria Patri**. Depois é seguido pelo **Gloria in Excelsis**.

*

9/10. Absolvição

P. Deus tem compaixão de nós. Ele não tem prazer na morte do ímpio, mas, em que o ímpio se converta e viva. Ele enviou seu Filho ao mundo, e entregou-o à morte, para que todos aqueles que nele creem, não pereçam, mas tenham a vida eterna. Por isso, cantai-lhe louvores, cantai louvores ao seu nome!

Ou outra forma, à escolha do Pastor.

É BOM SABER: Na caixa da primeira edição há o seguinte comentário, que foi suprimido, pelo menos da 7ª edição: “A nova ordem de culto não admite mais a Absolvição neste lugar”. Com a **Confissão dos Pecados** neste lugar, a nova ordem de culto também acha inoportuno a **Absolvição** neste lugar (página 10). Na primeira edição do *Prontuário*, em 1955, essa explicação está expressa nas caixas. Infelizmente, em algum momento no processo das reedições do *Prontuário*, essa observação desapareceu.

*

Página 11:

10. Gloria in Excelsis

NB. Não há Gloria in Excelsis na Quaresma e nos dias de penitência

F1

P. *Glória a Deus nas alturas!*

C. E na terra paz aos homens a quem ele quer bem!

A glória seja só de Deus,
de quem nos veio a graça!
Nada há, que, agora, sob os céus,
prejuízo ou mal nos faça.
Deus fez saber que nos quer bem;
paz e alegria nos provêm
desta bendita nova!

Ou versão Hinário nº 87, 1.

F2

P. *Glória a Deus nas alturas!*

C. E paz na terra aos homens a quem ele quer bem!

Amém, amém, amém.

(O GLORIA IN EXCELSIS seguido pela GRANDE DOXOLOGIA encontra-se na pág. 2.)

É BOM SABER: O Gloria in Excelsis, em algumas agendas chamado de “Grande Glória”, baseia-se em Lucas 2.14, onde os anjos cantam: “*Glória Deus nas maiores alturas, e paz na terra entre os homens, a quem ele quer bem*”. Por isso, também é conhecido como “*Hymnus angelicus*”, ou seja, Hino angelical.

É um hino de adoração a Deus que quer despertar alegria pela chegada de Cristo ao mundo e é genuinamente cristão. Já no século IV, aparece na igreja do Oriente em alguns momentos litúrgicos. No século VI, aparece na *Vigília de Natal* e, posteriormente, nos cultos dominicais. No século IX, aparece com o texto que temos hoje, porém, só podia ser dito ou cantado pelo Papa. Depois, se abriu para os bispos e, só mais tarde, para os sacerdotes.

Mesmo com essas restrições, sempre foi um canto em forma de responsório entre liturgo e comunidade. O **Gloria in Excelsis** e o **Kyrie** são cantos de adoração que fortalecem o ser humano nos seus caminhos diários de fé. Sempre pode dizer a si mesmo: Não estou sozinho na minha caminhada, pois no culto experimentei de forma comunitária que todos estamos no mesmo caminho como comunhão dos santos, o que foi confirmado pelas palavras do Credo Apostólico.

No *Prontuário* o **Gloria in Excelsis** é seguido pela primeira estrofe do hino de *Nikolaus Decius*, “*Somente a Deus no céu louvor*” (Livro de Canto da IECLB, nº 147). Esta estrofe sublinha, de forma comunitária, a alegria e o agradecimento pela mensagem de paz dos anjos. Com toda a comunidade, o fiel canta louvor a Deus, dando somente a ele a glória pela graça de sua vinda em Jesus Cristo.

*

11. Saudação:

P. *O Senhor seja convosco!*

C. E com teu espírito!

É BOM SABER: *Salutatio* (= **Saudação**) é uma expressão litúrgica para uma saudação de bênção do pastor dirigida para a comunidade, expressando que o *Senhor* esteja com ela. A comunidade responde, expressando o desejo de que o *Senhor* também esteja com o pastor. Até aqui, o culto foi conduzido em forma de responso entre pastor e comunidade. Agora, o pastor aparece pela primeira vez, expressando, ele mesmo, uma saudação de bênção que é, por ela, respondida no mesmo sentido.

Saudação vem do termo latino *salutare* – *salutem dare*, literalmente, *dar a salvação*. Quando o pastor diz “*O Senhor seja convosco*”, ele indica dar a salvação que é a presença do *Senhor*. A comunidade, ao responder “*E com teu espírito*”, também quer “*dar a salvação*”. A “*saudação de salvação*”, expressa pelo pastor, e a “*contra-saudação de salvação*”, expressa pela comunidade, indica que o pastor lhe deseja a Sua real presença (= de Deus) no culto, para que a “*Parte da Palavra*”, que vem a seguir, seja ouvida e penetre nos corações e que seja elevada a Deus. Ao responder, a comunidade também lhe diz: que o *Senhor* esteja também com teu espírito para todo o seu agir e que a Palavra de Deus seja por ti pregada de forma pura e santa.

A “*saudação de salvação*” seguida de uma “*contra-saudação de salvação*” aparece no Antigo Testamento em textos como o de Rute 2.4: “*Eis que Boaz veio de Belém, e disse aos segadores: O Senhor seja convosco. Responderam-lhe eles: O Senhor te abençoe*”. O Novo Testamento retoma a tradição, como em Lucas 1.28: “*E, entrando o anjo onde ela (Maria) estava, disse: Alegra-te, muito favorecida! O Senhor é contigo*”. Também faz uso da saudação congregacional, como por exemplo Gálatas 6.18, onde Paulo encerra sua epístola assim: “*A graça de nosso Senhor Jesus Cristo seja, irmãos, com o vosso espírito. Amém*”.

Ao proferir a **Saudação**, o pastor pode levantar os braços em forma de um gesto convidativo, como Jesus o fez ao se aproximar dos seus discípulos, amedrontados, na tarde do domingo de Páscoa, quando lhes diz para fortalecê-los: “*Que a paz esteja com vocês*”! (João 20.19-22; Lucas 24.36-49).

Por volta dos séculos IV e V, a fórmula, vinda da igreja do Oriente, é usada na missa da igreja do Ocidente.

*

Página 12:

12. Coleta.

P. Oremos: Todo-poderoso Deus e Pai! Pedimos-te que dês à tua comunidade o teu Espírito e sabedoria divina, para que a tua Palavra se propague e progrida entre nós, sendo ela anunciada, devidamente, com toda intrepidez; para que a tua comunidade cristã se edifique; e, para que te sirvamos com fé inabalável, perseverando, até ao fim, na confissão do teu nome. Por Jesus Cristo, teu Filho, que, contigo e com o Espírito Santo, um só verdadeiro Deus, vive e reina pelos séculos dos séculos.

(A Coleta varia conforme o “Próprio do Culto no Ano Litúrgico)

C. Amém.

Ou: Amém, Amém.

É BOM SABER: A palavra **Coleta** vem do latim *colligere*, coletar ou juntar. Porém, aqui nada tem a ver com coletar dinheiro, pois significa uma oração com a finalidade de condensar (coletar) o que já se experimentou no culto até este momento. Ela também conduz para o próximo momento, a Parte da Palavra.

Após a **Saudação**, o pastor chama para orar. Ele não diz “*queremos orar*” ou “*oramos*”. Ele diz “**OREMOS**”! Categoricamente, ele diz para a comunidade que agora chegou o momento de orar. Convém, por isso, deixar um espaço em silêncio, para que cada um/a possa também pensar nas suas preces individuais.

A oração de **Coleta** difere nos domingos ou festas litúrgicas. Por isso, também é chamada de *Oração do Dia*. Observa-se que ela tem uma estrutura que pode ser mostrada na oração do *Prontuário*: Tratamento/a quem dirigir – “*Todo-poderoso Deus e Pai*”!; Pedido/prece: “*Pedimos-te que dês à tua comunidade o teu Espírito...*”; Objetivo do pedido/prece: “*Para que a tua Palavra se propague...*”; Final - através de quem fazemos o pedido/prece: “*Por Jesus Cristo, teu Filho...*”.

C) Parte da Palavra de Deus

13. Epístola:

P. A Epístola de hoje (*Primeiro Domingo do Advento, Primeiro Dia de Natal, etc.*)
acha-se escrita... (**Leitura da Epístola.**)

C Aleluia, aleluia.

Ou:

Aleluia, aleluia, aleluia.

(No tempo da Quaresma e no dia de penitência, omite-se o Aleluia)

É BOM SABER: Com o “Amém” após a oração da **Coleta** inicia a **Parte da Palavra de Deus**, como o *Prontuário* o acentua no ponto C), página 12. Conforme Lutero, Deus não fala conosco somente através da prédica, onde ela é explicada, mas também pelas leituras da *Palavra de Deus*. Muitas vezes, apenas Palavras de Deus que ouvimos ou lemos conseguem criar em nós raízes profundas.

As primeiras comunidades cristãs seguiam a tradição dos cultos de sinagoga, que iniciavam com a leitura da “*Lei de Moisés*” e dos “*Profetas*”. Isso indica que, nos primeiros cultos, lia-se do Antigo Testamento, sua Bíblia até então. A seguir, quando surgem os escritos dos *Apóstolos* e dos *Evangelistas*, essas leituras também fazem parte dos cultos.

Há relatos de que, inicialmente, as leituras bíblicas nas primeiras comunidades eram feitas em forma de leitura contínua. Após a fixação do Ano Eclesiástico, inicia-se com as **perícopes**, onde se separa determinados textos da Bíblia que indicam especificamente para cada período litúrgico. Isso fez com que se usasse até cinco leituras para cada culto.

O *Prontuário* indica duas leituras para cada culto. P. *Wanke* sempre sublinhava que, em lugar da *Epístola*, também poderia ser lida uma **perícopa** dos *Atos dos Apóstolos* ou do *Apocalipse*. Também o texto da prédica poderia ocupar o espaço da leitura do *Evangelho*.

Há também, nas igrejas luteranas, o indicativo de sublinhar que as leituras no culto deveriam reproduzir uma “*tripla tonalidade*”, que se desdobra na tonalidade do Antigo Testamento, das Epístolas e do Evangelho. Argumenta-se que isto tem sua base na compreensão luterana de que a Sagrada Escritura se interpreta por si mesma, haja vista que Deus já outrora falou muitas vezes e de muitas maneiras e formas aos pais, pelos profetas: “*Havendo Deus, outrora, falado muitas vezes, e de muitas maneiras, aos pais, pelos profetas, nesses últimos dias nos falou pelo Filho a quem constituiu herdeiro de todas as coisas, pelo qual também fez o universo*” (Hebreus 1.1-2.).

Adiante, argumenta-se que a *Revelação Divina* teve como destinatário o povo de Israel, em cujo meio essa finalmente se concretizou para todos os povos com a vinda de Jesus. À luz da leitura e do ouvir, os cristãos entendem o Antigo Testamento. Porém, sem o Antigo Testamento, o Novo Testamento não é “*novo*”.

Leituras bíblicas devem ser feitas preferencialmente por alguém que se preparou para tal. Lembre-se que todo ato litúrgico traz consigo uma linguagem corporal. Isto exige que o leitor deve estar tão presente, além de fisicamente, também psiquicamente, para que o que ele ler, seja lido com convicção e boa dicção. O corpo se torna um instrumento para passar veracidade, extraíndo do texto tudo o que quer transmitir.

Entre as leituras bíblicas, deve ser observado um espaço, separado por hinos ou aclamações da comunidade, que podem ser Salmos. (Em algumas localidades, partes mais importantes da epístola eram musicadas, por um motete, por exemplo).

Aleluia é uma palavra hebraica (*halleju-jah*) = louvai, bendizei Jahwe. A palavra nunca foi traduzida e **Aleluia** é cantado após a leitura da Epístola. A origem está no culto do templo e, através do culto sinagoga, foi assumido pela comunidade cristã. Aparece no século IV em Roma, cantado no domingo da Páscoa. O papa Gregório I (+ 604), o introduziu para uso em todos os domingos e dias de festa.

Originalmente, o canto de um Salmo precedia o **Aleluia**, que era visto como seu fechamento, e, ao mesmo tempo, a introdução para leitura do Evangelho. Isto acontecia da seguinte forma: enquanto o Salmo era cantado, seguido pelo **Aleluia**, diácono ou sacerdote levavam o *Livro do Evangelho* em procissão até o ambo, em torno do qual ou sobre o qual eram colocados candelários/velas, de onde então o Evangelho era lido.

Nas igrejas luteranas, o **Aleluia** inicialmente não era usado de forma uniforme. Na sua *“Formula Missae”* (1523), Lutero o manteve. Porém, na *“Missa Alemã”* (1526) não o menciona e, com isso, caiu em desuso. Somente no século XIX, com a reforma litúrgica, ele foi resgatado e era cantado três vezes. Torna-se, assim, parte do Ordinário do culto.

14. Hino. (Observação: **Gradual**, como está na primeira edição do Prontuário)

É BOM SABER: Originalmente cantava-se aqui, entre a leitura da Epístola e o Evangelho, o **Graduale**, um Salmo. Este Salmo era entoado por um grupo que se colocava no ambo, para o qual se chegava subindo degraus = *gradus* = *graduale*. A forma do canto era em responsório com a comunidade. A partir do século VII, o Salmo foi reduzido para apenas duas estrofes, prática ainda presente na igreja católica. As liturgias luteranas não optaram por esta prática.

O **Hino (Gradual)** pertence ao *Próprio* do domingo e, assim, varia de culto para culto. Por isso, optou-se por entoar neste lugar um hino que faz referência ao domingo ou à semana em questão.

15. Evangelho:

P. *O santo Evangelho acha-se escrito ... (Leitura do Evangelho).*

C. Louvado sejas, Cristo!

É BOM SABER: Na sequência das leituras, o **Evangelho** é o último a ser lido, pois ele é entendido como a coroação das leituras que o antecedem. Essa regra se baseia na compreensão de que os quatro Evangelhos devem receber toda dignidade, pois testemunham a vida de Jesus.

Dentro desta compreensão, o local de sua leitura deve ser observado com respeito. Espera-se que o ambo receba as cores litúrgicas e seja visto por toda comunidade. A leitura deve ser preparada ou receber uma “moldura” que desperte toda atenção e respeito da comunidade. O Prontuário sugere

como possível moldura: *“O santo Evangelho acha-se escrito...”*. Na igreja católica, o sacerdote diz: *“Evangelho de nosso Senhor Jesus Cristo”*, ao que a comunidade responde, aclamando: *“Louvado sejas, Cristo”*.

O texto dever ser lido por alguém que se preparou anteriormente, para sublinhar, com a entonação de sua voz, o cerne da *perícope*. Já desde a antiguidade, a comunidade se coloca de pé durante a leitura, expressando assim respeito, *mas também para expressar prontidão para o agir*. No final da leitura, convém introduzir uma frase que conduza a comunidade a aclamar o **Evangelho**. Poderia ser: *“Glória seja a ti, ó Pai”!* O *Prontuário* sugere entoar como aclamação **“Louvado sejas, Cristo”!**

*

Página 13-14:

16. Credo:

CREDO APOSTÓLICO:

P. (e C.) Creio em Deus Pai, todo-poderoso, criador do céu e da terra. E em Jesus Cristo, seu Filho unigênito, nosso Senhor, o qual foi concebido pelo Espírito Santo, nasceu da virgem Maria, padeceu sob o poder de Pôncio Pilatos, foi crucificado, morto e sepultado, desceu a mundo dos mortos, ressuscitou no terceiro dia, subiu ao céu e está sentado à direita de Deus Pai, todo-poderoso, de onde virá para julgar os vivos e os mortos.

Creio no Espírito Santo, na santa Igreja cristã, a comunhão dos santos, na remissão dos pecados, na ressurreição do corpo e na vida eterna. Amém.

Ou (o CREDO NICENO, confessado em cultos com celebração da Santa Ceia, ou, quando ao culto precedeu celebração do Batismo):

Creio num só Deus, Pai Todo-poderoso, Criador do céu e da terra, de todas as coisas, visíveis e invisíveis.

Creio num só Senhor Jesus Cristo, Filho unigênito de Deus, nascido do Pai antes de todos os séculos; Luz de Luz, verdadeiro Deus do verdadeiro Deus; gerado, não criado; igual ao Pai na substância; o qual, por nós homens e pela nossa salvação desceu dos céus, e encarnou pelo Espírito Santo, da Virgem Maria, e foi feito homem; foi, também, por nós, crucificado sob Pôncio Pilatos, padeceu, e foi sepultado; e ressuscitou ao terceiro dia, segundo as Escrituras; e subiu aos céus; e está sentado à direita do Pai; e virá outra vez com glória para julgar os vivos e os mortos; e seu reino não terá fim.

Creio no Espírito Santo, Senhor e Vivificador; que procede do Pai e do Filho, com os quais juntamente é adorado e glorificado; o qual falou pelos profetas. Creio numa só Igreja, santa, universal e apostólica. Confesso um só Batismo para remissão dos pecados; e espero a ressurreição dos mortos e a vida no mundo vindouro.

Amém.

É BOM SABER: A palavra **Credo** vem do latim *credere* e “*credo*” significa “*eu creio*”. O *Credo Apostólico* originalmente tinha o seu lugar no Batismo, pois o **Credo** reproduz de forma concisa os elementos centrais da fé cristã. Com essas palavras, o batizando confessava sua fé no Deus Triúno. Nesta concepção, só era confessado em cultos de Batismo.

Desde o século XI, o **Credo** se integra na liturgia do culto, logo após o Evangelho, ou seja, das leituras bíblicas. Como vinha logo após o Evangelho, que era recebido em pé pela comunidade, também no **Credo** a comunidade permanecia em pé. A sua confissão logo após o Evangelho indicava o “*sim*” da comunidade pela Boa Nova.

Lutero incorporou o *Credo Apostólico* no seu Catecismo Menor como recurso catequético. Porém, na sua *Formula Missae* (1526), usou o *Credo Niceno*. Mas, na história das igrejas luteranas, finalmente o mais usado foi o *Credo Apostólico*. O *Credo Niceno*, como credo ecumênico, é usado em dias especiais. O *Prontuário* aponta a Santa Ceia, confirmação ou quando ao culto precedeu celebração do Batismo.

O *Credo Niceno* surgiu no ano 325, no *Sínodo de Niceia*. A formulação que conhecemos hoje data do ano de 381, quando foi promulgado pelo *Sínodo de Constantinopla*. Por isso, também é chamado “*Nicaeno Constantinopolitanum*”. Desde o século XI, integra a ordenação da missa.

Tanto o *Credo Apostólico* quanto o *Credo Niceno* são confessados junto com a comunidade, pois são confissões da Igreja, e não de alguns, ou separados dos outros. Esses *Credos* surgiram testificando a fé daqueles que nos antecederam. Assim, os *Credos* se tornam domínio universal para nós, para aqueles que nos seguirão, testemunhando assim que confessam o Deus Criador, o seu Filho Jesus Cristo e o Espírito Santo, mantenedor da Igreja.

O *Credo Apostólico* também pode ser substituído por um hino que expressa uma confissão de fé. O próprio Lutero compôs “*Nós cremos todos num só Deus*”, que se encontra no Livro de Canto da IECLB, à página 193. Neste caso, sugere-se não mais cantar um hino de prédica.

*

17. Hino.

É BOM SABER: O **Hino** antes da prédica deveria conter o pedido por um ouvir atento e pela dádiva do Espírito Santo. Também é possível a execução de uma música que possa conduzir a comunidade para um silêncio e oração interior. Ambas as possibilidades ajudam pastor e comunidade a se prepararem para o falar e o ouvir.

18. Prédica.

É BOM SABER: O pregador atua pela ordem de Cristo: “*Ide por todo mundo e pregai o evangelho a toda criatura*” (Mateus 28.19). Ele, portanto, exerce “*função apostólica*” e é por isso que, ao iniciar a **Prédica**, saúda a comunidade, dizendo: “*Graça e paz sejam convosco, da parte de Deus nosso Pai, e do Senhor Jesus Cristo*”.

Trata-se, portanto, não de um pedido, mas sim de uma saudação de bênção transmitida por Jesus aos seus discípulos, como em João 20,21: “*Disse-lhes, pois, Jesus outra vez: Paz seja convosco! Assim como o Pai me enviou, eu também vos envio*”. Os apóstolos tornam essa saudação de paz concreta quando assim saúdam as comunidades a que se dirigem, como Paulo em 2 Tessalonicenses 1.1 e 2: “*Paulo, Silvano e Timóteo, à igreja dos tessalonicenses, em Deus nosso Pai e no Senhor Jesus Cristo: Graça e paz a vós outros da parte de Deus Pai e do Senhor Jesus Cristo*”.

Isto significa que não cabe ao pregador transformar o “*convosco*” em “*conosco*”, pois estaria não sendo transmissor legítimo da saudação da bênção para a comunidade. “Graça e paz sejam convosco...”, e não “Graça e paz sejam conosco...” Neste sentido, também não é adequado o pregador terminar dizendo “*Amém*” = *Assim seja!* Isto deveria ser função da comunidade.

O término da **Prédica** deve culminar com a proclamação da paz que Cristo nos trouxe pelo sangue de sua cruz (Colossenses 1.20); pela paz que Cristo é (Efésios 1.14); pela paz que trouxe aos que estavam perto e aos que estavam longe (Efésios 2.17). Neste sentido, sugere-se dizer no final as palavras de Filipenses 4.7: “*E a paz de Deus que excede todo o entendimento, guardará os vossos corações e as vossas mentes em Cristo Jesus*”, ao que então a comunidade responderá (ou deveria responder): *Amém*.

19. Hino.

É BOM SABER: Preferencialmente dever ser um **Hino** que conduz a comunidade a conseguir refletir e assimilar a pregação, talvez até animando ao comprometimento com tarefas comunitárias ou individuais advindas da prédica, pois ela não deveria ser nada mais e nada menos do que testemunhar as grandes coisas feitas por Deus para a comunidade e o seu compromisso na manutenção de sua boa criação, compromisso como cidadãos cientes de seu papel na manutenção do mundo e, novamente, animados e reanimados pela pregação.

20. Anúncios.

NB. Conforme a ordem antiga do culto, seguiram-se nesta parte:

15. (ou 15.) Leitura da Epístola (ou do Evangelho)

16. Credo.

17. Hino (próprio à prédica)

18. Prédica.

19. Anúncios.

20. Estrofe de um hino.

É BOM SABER: Avisos ou **Anúncios** são, por assim dizer, os sinais vitais da vida de uma comunidade. É a sua pulsação. Conforme a compreensão luterana, a comunidade está a caminho, como um barco em alto mar, indo de porto em porto, à procura de ancoradouros em todos os momentos. Ancoradouros como os cultos, os Sacramentos, as reuniões, os Estudo Bíblicos, etc., mas sempre navegando, guiados pela bússola (= Palavra de Deus), em direção da eternidade.

Este já é o primeiro sinal vital de uma comunidade que deve ser observado nos **Anúncios**: a programação da comunidade. Outros sinais de vida são os nascimentos, batismos, casamentos, ingressos e saídas de membros, falecimentos... São também sinais de vida da comunidade atividades da Igreja, do Sínodo, da União Paroquial, a inserção ecumênica. Sinais que se transformam em intercessões que são retomados na *Oração Geral*.

Anúncios devem ser bem preparados para transmitirem os sinais de vida e a pulsação da comunidade, com cuidado, amor, empatia e exatidão. Membros se espantam quando eles são feitos de qualquer jeito e quando quem os dá se perde em palavrórios... (choca, quando só se fala em campanhas financeiras!).

Seria conveniente encerrar os **Anúncios** com um pedido de bênção, como, por exemplo: *“O trino Deus, Pai de misericórdia, abençoe esta comunidade!”*

É BOM SABER: A caixa novamente traz o lembrete sobre como foi a antiga ordem de culto, quando aqui seguiram-se: 15. (Na primeira edição do Prontuário lê-se ali 13.) (ou 15.) **Leitura da Epístola (ou do Evangelho)**. 16. **Credo**. 17. **Hino (próprio à pregação)**. 18. **Pregação**. 19. **Anúncios**. 20. **Estrofe de um hino**.

*

Página 15 a 18:

d) Parte da Oração

21. Hino (Ofertório)

Cria em mim, ó Deus,
um coração puro,
e renova em mim um espírito reto!
:,: Não me rejeites :,:
:,: da tua presença :,:
nem retires de mim teu Espírito Santo!

Ou outro hino.

É BOM SABER: A finalidade do **Hino (Ofertório)** é preparar cada participante para o momento de trazer suas dádivas para o altar. A palavra **Ofertório** vem do latim *offere* e significa *oferecer* ou também *sacrificar*. Assim, originalmente era usada para designar o momento em que a comunidade trazia as suas dádivas (produtos naturais) para os cultos. O sacerdote ou o diácono separavam pão e vinho para a Ceia e o restante das dádivas era destinada para pessoas necessitadas. Este momento tinha, portanto, um forte aspecto diaconal.

Finalmente, este gesto foi assumido para que fossem trazidos os elementos da Ceia para o altar, geralmente em procissão. Por volta do século V, essa procissão era acompanhada por um Salmo cantado. Para Lutero, todo esse procedimento tornou-se problemático, pois percebeu que o altar era entendido como um local onde, na Ceia, acontecia um *sacrifício*. Para Lutero valia: Não somos

nós que trazemos algo para o altar como sacrifício, mas é lá que *nós* tudo recebemos – nossa salvação e bem-aventurança.

O *Prontuário* sugere o Salmo 51.10-11, cantado, ou outro hino. Usar o texto do Salmo para este momento de recolher a **Coleta** (*agora no sentido mais amplo*) resgata tradições antigas, onde este momento era acompanhado por um grupo de cantores que o executavam, também em forma de responso. Comum era acompanhar o ano litúrgico na escolha do texto. Também podia ser substituído por apresentações de motetes, composição musical polifônica, preferencialmente com textos de salmos musicados.

Finalmente, dentro da espiritualidade deste momento, onde a comunidade toda traz sua oferta diaconal, vale a pena olhar com mais cuidado para o *Hino* proposto no *Prontuário*...

Em comunidades maiores, esse momento pode se estender por mais tempo, o que exige a escolha de mais hinos. Porém, seria importante observar o sentido das letras. Apontam para o aspecto diaconal/social? (Achei estranho quando, num dos cultos que participei, neste momento se cantou a todos os pulmões: *“Bem de manhã, embora o céu sereno pareça um dia calmo anunciar, vigia e ora: o coração pequeno um temporal pode abrigar. Bem de manhã, e sem cessar: Vigiar e orar!”*)

22. Oração geral

P. Oremos:

Onipotente Deus, Pai de misericórdia! Agradecemos-te, porque nos deste a tua santa Palavra, e, também agora, por meio dela, nos fizeste conhecer a tua boa e propícia vontade.

(NB. Esta parte da Oração Geral, chamada AÇÃO DE GRAÇAS, varia conforme o “Próprio do Culto no Ano Litúrgico”; depois, segue sempre a mesma parte de INTERCESSÕES, a qual, conforme a necessidade, pode ser integrada pelos adiantamentos indicados ou outros tais, livremente formulados.)

E, porque mandaste fazer súplicas, orações e intercessões por todos os homens, ouve o que de coração pedimos:

Rege, pelo Espírito Santo, a tua santa Igreja com seus pastores, sentinelas e servidores, para que ela fique guardada na tua Palavra, a fé em ti cresça, o amor para com todos os homens em nós aumente, e o reino de teu Filho se espalhe por todo mundo.

➡ A partir da página 16 a 18, o *Prontuário* traz intercessões específicas, nominadas. Na página 18, o Pastor encerra a oração iniciada na página 15, dizendo:

Todos os que sofrem aflição, pobreza, doença, necessidade ou provação, também os que são vítimas de afronta ou perseguição, por causa do teu santo nome e da verdade – todos esses – consola-os por teu Espírito Santo, a fim de que, naquilo que sofrem, reconheçam e aceitem a tua vontade paterna, e, também, em cruz e aflição, louvem o teu glorioso nome.

Tudo isso, ó eterno Deus, pedimos-te por Jesus Cristo, teu Filho, nosso amado Senhor, que, contigo e com o Espírito Santo, vive e reina por toda eternidade.

C. Amém.

(Outra forma de Oração Geral encontra-se na pág. 27.)

*

É BOM SABER: A **Oração Geral**, também chamada *Oração Geral da Igreja*, abarca todos os momentos da comunidade, da Igreja, do mundo e de cada crente. Os escritos neotestamentários explicitam que cristãos são vocacionados pelo seu Senhor a colocarem seus dons e suas capacidades a serviço da salvação. Sempre de novo há exortações para a oração por outros (1 Timóteo 2.1-4; 2 Coríntios 1.11; Efésios 6.18s.). Já no século I é mencionada a prática da **Oração Geral** nas celebrações. No Oriente há a prática de o celebrante mencionar um pedido e a comunidade responder em silêncio, ou dizendo **Kyrie eleison**.

No século V, sob o papa Gelásio (492-496), esse momento foi restringido para um **Kyrie eleison** e perdeu seu espaço após a prédica. Nas igrejas da Reforma, a **Oração Geral** perdeu espaço na época do *Iluminismo*. Era a época onde fé e razão eram vistas no mesmo nível. Só valia o que podia ser entendido racionalmente. Consequência disso foi que a oração foi esvaziada. Após a reforma litúrgica, os livros de culto nas igrejas luteranas recuperaram o lugar primitivo que a **Oração Geral** tinha desde o início.

Estabeleceu-se um conteúdo a ser seguido, naturalmente dentro do espírito da época da reforma litúrgica: intercessão pela Igreja, pelo Estado e a cidade, pelo lar e profissão, pelas pessoas fora das portas da igreja, ou seja, pela sociedade.

Há, a princípio, várias formas de se fazer as intercessões: de tempos em tempos, permitir que a comunidade faça, num primeiro momento, as suas intercessões individualmente, silenciosamente. Após, o liturgo retoma as intercessões, agora coletivamente.

Mais comuns são as formas do *monólogo*, onde o liturgo, voltado para o altar, pronuncia uma intercessão após outra e, após a última, concluída com uma doxologia, a comunidade responde com *Amém*. Outra forma é a *ectenia*, onde o liturgo cita um assunto de uma intercessão, terminando com as palavras: “*Senhor, tem compaixão*” ou “*Senhor escuta nossa prece*”. A comunidade responde com *Amém* ou com um cântico. Esta forma visa uma participação mais ativa de toda a comunidade, visando exercer o Sacerdócio Geral dos Crentes. Finalmente, fala-se da *oração diacônica*. Nesta modalidade, o diácono ou outra pessoa da comunidade anteriormente preparada, cita um assunto e o liturgo do altar faz a respectiva intercessão, à qual a comunidade responde com *Amém*, após ouvida uma doxologia.

Página 19:

¶ (Caso não seja celebrada a Santa Ceia, segue logo o PAI NOSSO:)

¶ P. e C.

¶ Pai nosso, que estás nos céus, santificado seja o teu nome. Venha o teu reino. Seja feita a tua

¶ vontade, assim na terra como no céu. O pão nosso de cada dia nos dá hoje. E perdoa-nos as

¶ Nossas dívidas, assim como nós também perdoamos aos nossos devedores. E não nos deixes

¶ cair em tentação, mas livra-nos do mal. Pois teu é o reino, o poder e a glória para sempre.

¶ Amém.

¶

¶¶ (Depois conclui-se o culto com as partes 34 a 37, pág. 24. Caso seja celebrada a Santa Ceia, o culto,
¶¶ Logo depois da Oração Geral, continua assim:)

*

23. Estofe dum hino (qualquer estrofe de Amém, ou a seguinte:)

Amém, isto é: que seja assim!
Que nossa fé não tenha fim,
e não nos deixes duvidar
do que acabamos de rezar.
Assim, com fé, Deus e Senhor,
Amém dizemos com fervor.

É BOM SABER: O *Prontuário* sugere este **Hino** ou outro que contém um **Amém**, para a comunidade sublinhar mais uma vez as intercessões em fé e confiança, mas agora cantando em uníssono que “*Assim seja!*”

*

e) Parte da Santa Ceia do Senhor.

24. Saudação:

(Salutatio, Sursum Corda e Gratias Agamus)

P. *O Senhor seja convosco!*
C. E com teu espírito!
P. *Levantai ao alto os corações!*
C. Nós os temos para o Senhor.
P. *Demos graças ao Senhor, nosso Deus!*
C. Assim é digno e justo!

É BOM SABER: A Saudação “*O Senhor esteja convosco*” e a resposta “*E com teu espírito*” aparecem três vezes no culto luterano: Antes da oração de Coleta (pág. 11), no início da Santa Ceia (pág. 19) e na saudação final, antes da Bênção (pág. 24). Isto significa que ela sempre aparece antes de ações centrais do Pastor: antes do serviço de oração e proclamação da palavra, antes da Santa Ceia e na Saudação final, antes da Bênção. Desta forma, o Pastor fala em nome e em lugar de Cristo para a comunidade e essa, ao responder, lhe deseja o Espírito do Senhor em seu proceder, seu agir.

Mas, aqui, nesta saudação (**Sursum Corda** = *erguei, levantai os corações*), o Pastor, como num imperativo, conduz a comunidade a erguer todo o seu ser para uma esfera mais alta, levantando os corações para a esfera do Deus vivo. Com esse chamado de levantar os corações para o alto, é sublinhado que os cultos aqui na terra são intimamente ligados ao culto celestial, do qual participam as milícias celestiais e todos que estão junto a Deus.

Como resposta a esse imperativo e como sinal aceitação, a comunidade responde “*sim, nós os temos para o Senhor*”. E, ao sublinhar “*Sim, assim é digno e justo*”, a comunidade celebra a Santa Ceia nessa esfera do Deus vivo. Nessa esfera, se celebra a Santa Ceia.

Em outras palavras: No culto de Santa Ceia participamos de uma ação de graças e adoração que já nos é dada a experimentar aqui, mas que terá seu desfecho na eternidade. Há ainda uma diferença entre esses dois cultos, mas não são mais separáveis. Entender isso, na celebração da Santa Ceia, tornará a nossa resposta “*Nós os temos para o Senhor*” como um claro sim de que ainda estamos aqui na terra, mas que nossos corações já tomam parte do divino, do celestial.

Só agora, depois dessa saudação, com toda a sua profundidade, inicia o **Prefácio**. (Ver o comentário **É BOM SABER** seguinte:)

*

Página 20:

25. Prefácio

P. É deveras, digno e justo, conveniente e salutar, que, em todos os tempos e lugares, demos graças a Ti, Senhor, Santo e Onipotente Pai, Eterno Deus, por Jesus Cristo, nosso Senhor; pelo qual louvaram a tua majestade os anjos, adoram-na as dominações, temem-nas as potestades, e celebram-na, junto com os bem-aventurados Serafins, os céus e todos os poderes dos céus, jubilando unanimemente. Permite que unamos as nossas vozes com as suas, e te adoremos, cantando sem cessar:

(O PREFÁCIO varia conforme o “**Próprio do Culto no Ano Litúrgico**”).

É BOM SABER: Prefácio, aqui, não deve ser confundido com um *prefácio* de um livro, por exemplo. A palavra **Prefácio** vem do latim *praefatio* e era usada no mundo pagão para designar a invocação aos deuses antes de um ato de sacrifício. Com essa conotação, ele passou a ser usado como oração precedente à consagração do pão e do vinho no cristianismo. Isso porque na Igreja antiga se começou a entender a Santa Ceia como um “*sacrifício a Deus*”. Esse deve ser o motivo de Lutero não usar a palavra **Prefácio** na “*Deutsche Messe*” (1526). No entanto, as igrejas da Reforma o usaram, mas no sentido de vê-lo como uma *oração de louvor a Deus pela obra de salvação*, dita pelo oficiante.

Característica da Ceia é que somos sempre aqueles que recebem, que são presenteados, que são saciados na fome e na sede. A isso a nossa resposta é gratidão. Na **Saudação**, o pastor nos conclama a este agradecimento: “*Demos graças ao Senhor, nosso Deus*”, ao que respondemos: “*Isto é digno e justo*”. Assim preparados, inicia o **Prefácio**. Ele é, sobretudo, um hino de louvor e agradecimento pelo *agir de salvação* de Deus *através* de Jesus Cristo.

Trata-se, provavelmente, de um dos trechos mais antigos do culto cristão e de uma solenidade incomparável. Acha-se que as palavras base provêm da própria oração proferida por Jesus na última

Ceia com seus discípulos, isto é, da sua *Oração de Agradecimento*. No ano de 215, este trecho aparece numa ordem de culto do bispo romano *Hipólito*.

O **Prefácio** inicia com o “*Vere dignum*” = *deveras digno e justo*. Depois, o conteúdo é o agradecimento pela obra de salvação, expressa em palavras solenes. Conforme o ano eclesiástico, as palavras de agradecimento podem mudar. Mas, sempre se sublinha que nós agradecemos a Deus pela sua obra de salvação *através* Jesus Cristo e o louvamos *por* Jesus Cristo. A única resposta do ser humano pela obra de salvação só pode consistir em agradecer *por* Jesus Cristo.

Finalmente, o **Prefácio** desemboca na reflexão/ideia da unidade do culto terreno com o culto celestial, quando literalmente expressa que é *deveras, digno e justo*, que demos graças a Deus, por Jesus Cristo “... *pelo qual louvaram a tua majestade os anjos, adoram-na as dominações, temem-nas as potestades, e celebram-na, junto com os bem-aventurados Serafins, os céus e todos os poderes dos céus, jubilando unanimemente. Permite que unamos as nossas vozes com as suas, e te adoremos, cantando sem cessar*”.

Em seguida, a comunidade canta o **Sanctus**, unindo-se para, com os “*bem-aventurados Serafins, os céus e todos os poderes dos céus, jubilando unanimemente*” e pedindo permissão para “*que unamos as nossas vozes com as suas, e te adoremos, cantando sem cessar*”. O indicativo é claro: a comunidade não canta sozinha, mas jubila unanimemente com os céus e todos os poderes dos céus. (Essa compreensão de se apontar para a união com os que já partiram, com certeza, pode trazer alento para enlutados).

A forma clássica do **Prefácio** tem três partes:

(I)

É deveras, digno e justo, conveniente e salutar, que, em todos os tempos e lugares, demos graças a Ti, Senhor, Santo e Onipotente Pai, Eterno Deus, por Jesus Cristo, nosso Senhor;

(II)

que enviaste ao mundo para salvá-lo, para que, por sua morte, tenhamos a remissão dos pecados e, por sua ressurreição, a vida eterna,

(III)

pelo qual louvaram a tua majestade os anjos, adoram-na as dominações, temem-nas as potestades, e celebram-na, junto com os bem-aventurados Serafins, os céus e todos os poderes dos céus, jubilando unanimemente. Permite que unamos as nossas vozes com as suas, e te adoremos, cantando sem cessar:

A primeira e a terceira pertencem às partes invariáveis da liturgia. A segunda varia conforme o ano litúrgico. O *Prontuário* usa a primeira e a terceira partes, omitindo a segunda. Nesta oração de graças e louvor a Deus pela obra da salvação, tudo emboca no **Sanctus**, chamando toda a comunidade a continuar o louvor.

*

26. Sanctus

C. Santo, santo, santo
é o Deus dos Exércitos!
Céu e terra, de sua glória, cheios estão.
Hosana nas alturas!
Bendito o que vem em nome do Senhor!
Hosana nas alturas!

É BOM SABER: A comunidade agora continua com o louvor a Deus explicitado no **Prefácio**. Neste momento, com o **Sanctus**, saúda a vinda de Jesus Cristo ao seu meio na Santa Ceia. O **Sanctus** se compõe de duas partes, oriundas da Bíblia: a primeira faz parte da visão do profeta Isaías (Isaías 6.1ss.), onde Serafins clamavam num canto de louvor: *“Santo, santo, santo é o Senhor dos Exércitos; toda terra está cheia de sua glória”*. A segunda faz parte da entrada de Jesus em Jerusalém (Mateus 21.9), quando a multidão clamava: *“Hosana ao Filho de Davi! Bendito o que vem em nome do Senhor! Hosana nas maiores alturas”*.

O canto do **Sanctus** faz a comunidade toda perceber que ela está diante do trono de Deus, conforme Apocalipse 4.1: *“Depois destas coisas olhei, e eis não somente uma porta aberta no céu, como também a primeira voz que ouvi, como de uma trombeta ao falar comigo, dizendo: Sobe para aqui, e te mostrarei o que deve acontecer depois destas coisas”*. Também está diante do Cordeiro, conforme Apocalipse 5.6: *“Então vi, no meio do trono e dos quatro seres viventes entre os anciãos, de pé, um Cordeiro, como tinha sido morto...”*. Tudo isso é motivo, junto com toda a criação, para entoar louvor.

O **Sanctus** entoado pela comunidade é um legado do culto sinagoga, ainda hoje usado no judaísmo. Posteriormente, por volta do século VI, o canto na comunidade cristã era assumido por um coral. Finalmente, ele retorna como canto comunitário.

*

Página 21:

27. Oração (parte facultativa):

P. Bendito sejas, ó Senhor do céu e da terra, porque te compadeceste das tuas criaturas, enviando teu Filho unigênito em nossa carne! Agradecemos-te a salvação que nos preparaste pelo santo sacrifício do corpo e do sangue de nosso Senhor Jesus Cristo, na árvore da cruz. Louvamos a tua gloriosa ressurreição dentre os mortos, e consolamo-nos da tua ascensão para o teu santuário celeste, onde ele, nosso sumo sacerdote, perante ti, sempre intercede por nós. Em seu nome, pedimos-te, ó Senhor, que nos santifiques e renoves no corpo e na alma, e que, nesta Santa Ceia, nos faça receber o corpo e o sangue de teu Filho em fé verdadeira e com ações de graças. Ajunta os teus eleitos, desde os confins da terra, ao teu reino, e dá que esperemos a segunda vinda de teu Filho com ânimo e esperança. A ti seja dada glória por toda a eternidade!

C. Amém.

É BOM SABER: A **Oração** consta no *Prontuário* como facultativa. Esta **Oração**, a princípio omitida por Lutero para tirar todo o ranço católico de que na Ceia aconteça um sacrifício, com o tempo é reintroduzida no culto das igrejas luteranas, desde que fique livre da ideia de um sacrifício ou de uma pré-consagração dos elementos pão e vinho.

Lutero, em sua crítica à Igreja Católica no tocante à Santa Ceia, foi bastante radical. A princípio, omite o **Prefácio** (posteriormente resgatado pelo movimento reformatório, mas com outro sentido), depois retira todas as orações e gestos em uso, para só preservar que a missa seja o testamento e sacramento contidos nas palavras de Cristo (Martinho Lutero - Obras Seleccionadas, vol. 2, pág. 266). Com o tempo, a limpeza de resquícios católicos na liturgia da Santa Ceia foi abrandada com a possibilidade de se fazer uso das orações facultativas, como a *Epiclese* e *Anamnese*.

Com isso, igrejas luteranas trazem a **Oração** que temos no *Prontuário*, aqui como parte facultativa. Ela contém o que conhecemos como *Epiclese* = Invocação. Pede-se pela presença do Espírito Santo, que infelizmente foi omitida, pelo menos na sétima edição do *Prontuário*. Falta na nona linha, depois de ... *pedimos-te ó Senhor*, a parte da invocação: “*que mandes descer aos nossos corações o teu Espírito Santo*”. Na *Epiclese* também se agradece pela “*salvação que nos preparaste pelo santo sacrifício do corpo e do sangue de nosso Senhor Jesus Cristo, na árvore da cruz*”.

(P. Bendito sejas, ó Senhor do céu e da terra, porque te compadeceste das tuas criaturas, enviando teu Filho unigênito em nossa carne! Agradecemos-te a salvação que nos preparaste pelo santo sacrifício do corpo e do sangue de nosso Senhor Jesus Cristo, na árvore da cruz. Louvamos a tua gloriosa ressurreição dentre os mortos, e consolamo-nos da tua ascensão para o teu santuário celeste, onde ele, nosso sumo sacerdote perante ti, sempre intercede por nós. Em seu nome, pedimos-te, ó Senhor, que mandes descer aos nossos corações o teu Espírito Santo, que nos santifiques e renoves no corpo e na alma, e que, nesta Santa Ceia, nos faça receber o corpo e o sangue de teu Filho em fé verdadeira e com ações de graças. Ajunta os teus eleitos, desde os confins da terra, ao teu reino, e dá que esperemos a segunda vinda de teu Filho com ânimo e esperança. A ti seja dada glória por toda eternidade!)

A **Oração** facultativa proposta pelo *Prontuário* traz, além da *Epiclese*, também a *Anamnese*. É um termo grego que significa *memória* = *relembrar os atos de Jesus*. A **Oração** explicita isso quando lembra a encarnação de Cristo, sua morte, ressurreição e ascensão. Também explicita que, na Santa Ceia, Cristo está presente sob pão e vinho e que “*esperemos a segunda vinda... com ânimo e confiança*”.

A *Epiclese* é, originalmente, um pedido pela presença do Espírito Santo sobre os elementos da Ceia e o recebimento desta como salvação. Aparece na ordem de culto do bispo Hipólito (+ 235), como pedido de salvação. No século IV, acrescenta-se o pedido de que o Espírito Santo transforme o pão e o vinho em sangue de Cristo. Tudo isto levou Lutero, na sua radicalidade, a extirpar tudo que via de nocivo na compreensão da Santa Ceia.

A partir do século XVI, esta **Oração** é usada no sentido de se agradecer pela ação salvadora de Deus por Jesus Cristo e pedir que na Santa Ceia o corpo e o sangue de Jesus Cristo sejam recebidos em verdadeira ação de graças, que seja conforto no testemunho de fé, em palavras e obras.

Sempre houve compreensões controversas sobre que forma e de como se processava a presença sacral de Cristo no culto. Na igreja católica, a presença sacral de Cristo se processava através do sacerdote, quando proferia as palavras da instituição, pois pela sua ordenação, suas palavras, tinham poder de *consagrar* e *transformar*. Na compreensão da igreja luterana, esse ato se dá pelas palavras da instituição, pois é a Palavra que desencadeia fé e também desencadeia a presença sacral de Jesus Cristo.

É por isso que, na igreja luterana, as palavras usadas na *Epiclese* não conhecem algo como solicitar a *descida* ou invocação do Espírito Santo sobre os elementos pão e vinho. Conhecem a invocação do Espírito Santo, porém, sobre toda a comunidade. Isto para que a comunidade toda, sob o poder do Espírito Santo, renovada e santificada, não receba simplesmente o pão e o vinho, mas os receba na fé correta e, com isso, para a salvação.

*

28. As Palavras da Instituição

P. Nosso Senhor Jesus Cristo, na noite quando foi traído, tomou o pão, e, havendo dado graças, o partiu e o deu aos seus discípulos, dizendo: Tomai e comei! Isto é o meu corpo, que é dado por vós; fazei isso em memória de mim. E, igualmente, depois da ceia, tomou o cálice, rendeu graças, e deu-lho, dizendo: Bebei todos, dele! Este cálice é o novo testamento em meu sangue, que é derramado por vós, para remissão dos pecados; fazei isto, todas as vezes que o beberdes, em memória de mim.

É BOM SABER: Desde os inícios da igreja cristã, as **Palavras da Instituição** têm o seu espaço na liturgia da Santa Ceia. Desde Agostinho (354-430), elas aparecem junto com a consagração. Elas tornam a Santa Ceia um sacramento, pois, a partir do momento em que são ouvidas as **Palavras da Instituição**, se dá a presença real de Cristo, ou seja, a presença de seu corpo e sangue sob pão e vinho sobre o altar.

As **Palavras da Instituição** nos são transmitidas pelos evangelistas Mateus, Marcos e Lucas, com algumas diferenças. Se, na igreja católica, são usadas diversas formas de palavras, até em forma de oração, nas igrejas luteranas usa-se as palavras do Apóstolo Paulo, que, conforme 1 Coríntios 11.23-25, as recebeu do Senhor: *“Porque eu recebi do Senhor o que também vos entreguei: que o Senhor Jesus, na noite em que foi traído, tomou o pão; e, tendo dados, o partiu e disse: Isto é o meu corpo, que é dado por vós; fazei isto em memória de mim. Por semelhante modo, depois de haver ceado, tomou também o cálice, dizendo: Este cálice é a nova aliança no meu sangue; fazei isto, todas as vezes que o beberdes, em memória de mim”*.

O que acontece no altar? Quando o pastor, no altar, profere as **Palavras da Instituição**, ele se torna a mão de Cristo e também a boca. Mas, ao mesmo tempo, também está ao lado da comunidade, como destinatário. Quando ergue a patena com o pão e diz: *“Tomai e comei, isto é o meu corpo, que é dado por vós...”*, faz o sinal da cruz sobre esta. Quando ergue o cálice e diz: *“E, igualmente, depois da ceia, tomou o cálice, rendeu graças, e deu-lho dizendo: bebei, todos...”*, repete o sinal da cruz.

O sinal da cruz sobre o pão e o vinho não transforma os elementos, mas eles são *consagrados* para a distribuição entre os fiéis. Pelo sinal da cruz, dedica-se uma pessoa ou uma coisa como sendo propriedade de Deus. Para Lutero, fazer o sinal da cruz era um rito natural.

*

Página 22:

29. Pai Nosso

P. Pai nosso, que estás nos céus, santificado seja o teu nome. Venha o teu reino. Seja feita a tua vontade, assim na terra como no céu. O pão nosso de cada dia nos dá hoje. E perdoa-nos as nossas dívidas, assim como nós também perdoamos aos nossos devedores. E não nos deixes cair em tentação, mas livra-nos do mal.

C. Pois teu é o reino, o poder e a glória para sempre! Amém.

É BOM SABER: Grande preocupação de Lutero era “limpar” a liturgia da Santa Ceia de resquícios da compreensão de sacrifício. Isto fez com que ele, de forma radical, omitisse muitas partes, como já vimos em relação ao **Prefácio**. Só deixou o **Pai Nosso** e o **Agnus Dei = Cordeiro de Deus**, baseado em João 1.29: “No dia seguinte, viu João a Jesus que vinha para ele, e disse: Eis o Cordeiro de Deus que tira o pecado do mundo”. Na sua “*Formula Missae*”, de 1526, indicou o **Pai Nosso** como parte preparatória para a Santa Ceia.

A oração do **Pai Nosso**, também conhecida como a oração do Senhor, já é parte integrante do culto desde os inícios do cristianismo. Apenas os catecúmenos não podiam orá-lo. Durante o catecumenato, o **Pai Nosso** lhes era ensinado e explicado. No Batismo, ele lhes era “entregue” numa celebração especial, junto com os *Credos* e os *Evangelhos*. A partir daí, podia ser orado por eles. Com essa tradição, o **Pai Nosso** também é entendido como uma lembrança do Batismo.

A *Didaqué*, uma antiga ordem de vida e de culto do século I, prescrevia que o **Pai Nosso** fosse orado três vezes ao dia. Cristãos que não tinham acesso às orações de Salmos substituíam essa falta com a repetição do **Pai Nosso**. Para contar o número de repetições, usava-se um barbante com nós, pelo qual se contava as vezes. Ele era chamado de “*Paternoster*”.

Importante apontar para o fato de que o **Pai Nosso**, já cedo, também foi visto como *Oração da Santa Ceia*, principalmente a quarta petição/pedido: “O pão nosso de cada dia nos dá hoje”. A quinta e a sétima petição/pedido foram entendidos como preparação para a comunhão (“E perdoa-nos as nossas dívidas, assim como nós também perdoamos aos nossos devedores” e “Mas livra-nos do mal”.) Lutero também tinha a compreensão de que essa oração é uma preparação para a comunhão.

Lutero entendia o **Pai Nosso** como *a* oração da Bíblia. Na história da liturgia da Santa Ceia, o **Pai Nosso** deixou de ser orado pela comunidade. Era orado apenas pelo sacerdote. A ele só sobrou concluir com a *doxologia*. Desta forma, o **Pai Nosso** orado por toda comunidade foi praticamente degradado para o culto sem celebração da Santa Ceia.

*

30. Saudação de Paz

P. *A paz do Senhor seja com todos vós!*

C. Amém.

Obs. Após a ORAÇÃO, ou logo após o SANCTUS, podem, também, seguir-se o PAI NOSSO e AS PALAVRAS DA INTITUIÇÃO, caso em que se omite a Saudação de Paz, começando imediatamente com a Distribuição.

É BOM SABER: A Saudação de Paz era dita na igreja antiga quando do cumprimento com o *“beijo da paz”*, principalmente no início da celebração da Santa Ceia, antes do **Prefácio**. Com essa saudação do ressuscitado, a comunidade se reportava ao beijo do amor (*“Saudai-vos uns aos outros com o ósculo de amor”* - 1 Pedro 5.14), ou ao beijo santo (*“Saudai-vos uns aos outros com o ósculo santo”* - Romanos 16.16). O beijo era sinal de inclusão de quem pertencia à comunidade de fé e, assim, aptos a participar da comunhão.

Desde o século XIII, o *“beijo da paz”* caiu em desuso, porém, a **Saudação de Paz** se manteve e assim foi assumida pelo movimento reformatório. Mas, a comunidade não responde mais com *“E com o teu espírito”*, mas simplesmente com o **“Amém”**. Essa forma se baseia em João 20.19, onde Jesus chega aos discípulos com essa saudação: *“Ai cair daquela tarde daquele dia, o primeiro dia da semana, trancadas as portas da casa onde estavam os discípulos, com medo dos judeus, veio Jesus, pôs-se no meio, e disse-lhes: Paz seja convosco”*; João 20.21: *“Disse-lhes, pois, Jesus outra vez: Paz seja convosco”*! e 20.26: *“Passados oitos dias, estavam outra vez ali reunidos os seus discípulos e Tomé com eles. Estando as portas trancadas, veio Jesus, pôs-se no meio, e disse-lhes: Paz seja convosco”*!

O evangelho de João deixa os discípulos em silêncio, pois sabem que são apenas recebedores dessa paz de Cristo. Sabem que não conseguiram devolvê-la a Cristo. Quando o pastor saúda a comunidade com essa paz de Cristo, ele o faz como substituto de Cristo e em seu lugar e a comunidade só consegue responder com um **Amém**.

*

31. Distribuição

(Ao começar a distribuição, a comunidade canta:)

(1. a 3.) Ó Jesus, Cordeiro, tiras o pecado e a dor;

(1. e 2.) tem piedade.

(3.) tua paz concede. Amém.

É BOM SABER: O *Prontuário* propõe o **Agnus Dei = Cordeiro de Deus** para ser cantado ao começar a distribuição. Também é entendido como um canto de adoração antes da comunhão e, como tal, faz parte do Ordinário (= parte fixa) do culto de Santa Ceia. Esse cântico aparece na liturgia na Idade Média com a finalidade de preencher o tempo enquanto o sacerdote partia o pão. No passado, ele era executado pelo coro, tantas vezes quanto necessário, até findar a **Distribuição**. Na tradição luterana, ele se firma como “*Ó Jesus, Cordeiro*”.

O texto tem sua origem em João 1.29: “*No dia seguinte, viu João a Jesus que vinha para ele, e disse: Eis o Cordeiro de Deus, que tira o pecado do mundo!*”! Trata-se da confissão de João Batista de que Jesus é aquele *Cordeiro de Deus* anunciado pelo profeta Isaías, que, pelo seu sacrifício, tira o pecado do mundo. Com isto, estava dado o passo seguinte: a relação do Cordeiro com o sacrifício, na compreensão católica.

Lutero incorpora o **Agnus Dei = Cordeiro de Deus** como primeiro canto para a comunhão, mas sempre com a preocupação de que ele não seja visto como um acompanhamento musical do *sacrifício* de Cristo. Lutero se coloca de forma radical contra a igreja católica, onde, durante o **Agnus Dei**, o sacerdote quebrava a hóstia como que representando de forma comovente o *sacrifício* de Cristo.

Nas suas tentativas de formular modelos de liturgia, Lutero sempre se opôs a criar uma “*norma normans*”, uma norma estática para o culto. Ele não queria estabelecer leis, mas uma ajuda para um culto vivo e participativo. Assim, em algumas questões, foi radical com alguns costumes e práticas da sua igreja de origem. Disso também fez parte a sua oposição diante da tradição de se partir o pão durante o **Agnus Dei**, como possibilidade de se enxergar nisso a Ceia como um *sacrifício* de Cristo.

Por isso, deve-se ter clareza sobre a prática em comunidades luteranas onde se parte uma hóstia maior na consagração. Não se quer voltar à compreensão de *sacrifício* de Cristo na Ceia, e sim demonstrar que toda a comunidade faz parte daquele um pão e, com isso, daquele um corpo de Cristo: “*Porque nós, embora muitos, somos unicamente um pão, um só corpo; porque todos participamos do único pão*” (1 Coríntios 10.17). O Pão é *quebrado* por/para nós e pelos nossos pecados.

“*Partir o pão*” é algo tão característico no Novo Testamento que, em Atos 2.42, o sinônimo para a Santa Ceia entre os fiéis nas primeiras comunidades é denominado de “*partir o pão*”: “*E perseveravam na doutrina dos apóstolos e na comunhão, no partir do pão e nas orações*”.

Durante e **Distribuição**, importa ter claro o seguinte: a) enquanto cantam “*Ó Jesus, Cordeiro*”, os comungantes devem se lembrar que, neste momento, sentem corporalmente o *Cordeiro de Deus* que foi por eles crucificado, morto e sepultado; b) conforme relatado no Novo Testamento, a Ceia foi instituída na noite da traição. Disso se depreende que na Ceia Jesus deu a si mesmo e de si mesmo (= “*Tomai e comei; isto é meu corpo. A seguir tomou o cálice, deu aos discípulos dizendo: Bebei dele todos; porque isto é o meu sangue*” - Mateus 26.26ss.); c) se Jesus deu a si mesmo e deu de si mesmo, comungantes devem ter clareza que, diante da graciosa mesa da Ceia, nada temos para trazer. Só temos a receber. É só Jesus que dá.

Pão e vinho **não** podem ser distribuídos de forma **silenciosa**. O Evangelho deve ser pregado diretamente a todos os povos, por isso, as palavras devem ser audíveis, ditas e repetidas tantas

vezes quanto necessário: *“Tomai e comei, isto é o corpo de nosso Senhor Jesus Cristo, entregue à morte por vós. Tomai e bebei! Isto é o sangue de nosso Senhor Jesus Cristo derramado por vós, para remissão dos pecados”*.

Onde possível, na *consagração*, pastor/a se coloca atrás da mesa/altar, dirigindo-se para a comunidade. Quando não é possível, por o altar ser fixo e “colado na parede”, *consagrar* os elementos diante da comunidade.

*

Página 23:

Ou:

- 1 a 3. Cordeiro imaculado,
na cruz por nós pereceste.
Embora desprezado,
paciente e morte sofreste.
Na cruz tens expiado
dos homens o pecado.
- 1 e 2. Ó, tem piedade de nós, ó Cristo.
3. A Tua paz nos concede, ó Cristo.

(Depois, canta-se um hino de Santa Ceia.)

*

Fórmulas para a distribuição:

P. *O corpo de Cristo, dado por ti (vós),
O sangue de Cristo, derramado por ti (vós).*

ou:

*Tomai e comei! Isto é o (verdadeiro) corpo de nosso Senhor Jesus Cristo, entregue à morte por vós.
Tomai e bebei! Isto é o (verdadeiro) sangue do Novo testamento, derramado por vós, para remissão dos pecados.*

(E, depois da distribuição:)

O corpo e o sangue de nosso Senhor Jesus Cristo vos confirmem e guardem na fé para a vida eterna!

(Os comungantes respondem: AMÉM. E o Pastor os demite: Ide em paz!) Amém.

É BOM SABER: Para Lutero, o altar está intrinsecamente irmanado com o pão e o vinho, pois é ali que o evangelho é distribuído e recebido de forma concreta. A Reforma entende que a Ceia é tão “Palavra” quanto a própria *prédica*. Ou seja, na Ceia o Evangelho se torna “palavra corporal”, que é servida e posta na mesa para nos ser dada na mão, com o pão que comemos, e no cálice, do qual bebemos. Isto significa que pão e vinho não podem ser distribuídos de forma silenciosa. O Evangelho deve ser pregado diretamente, por isso, as palavras devem ser audíveis, ditas e repetidas tanto quantas vezes necessário.

Nesse sentido, teólogos luteranos preconizam que não se substitua as **Fórmulas de Distribuição** por outras palavras bíblicas ou versos de hinos, ou comentários. *Johannes Bugenhagen*, amigo de Lutero, certa vez disse que as palavras e ordens de Jesus Cristo referentes à instituição da Santa Ceia devem ressoar sozinhas nos ouvidos dos comungantes. A Palavra de Deus, que se fez carne, é aqui dada aos comungantes em sua plenitude e, por isso, não necessita de complementações.

Nesta linha de interpretação, o *Prontuário* também indica palavras de alento e forças aos comungantes para depois da distribuição. Simplesmente é sugerido dizer: “*O corpo e o sangue de nosso Senhor Jesus Cristo vos confirmem e guardem na fé para a vida eterna*”, ao que eles respondem: “*Amém*”. Além de evitarem comentários que podem descaracterizar aquele momento de devoção e concentração, essas palavras indicam também que, na tradição da Santa Ceia na igreja luterana, os fiéis “estão a caminho”, em direção à eternidade. Por isso, o voto de que “*O corpo e o sangue de nosso Senhor Jesus Cristo vos confirmem e guardem na fé para a vida eterna*”. Em alguns comentários, essas palavras também são vistas como “*alimento de peregrino*” e “*remédio para a eternidade*”, pois desejam que todos sejam guardados na fé para a vida eterna.

Pessoalmente, tenho problemas quando, nesse momento, a música ou os hinos estão em volume tão alto que não entendo o que o liturgo está dizendo.

*

Página 24:

32. Versículo Final

P. *Dai graças ao Senhor, porque ele é bom, (aleluia!)*

C. e sua benignidade **dura** para **sempre!** (Aleluia!)

(Outros Versículos Finais encontram-se na parte “**Próprio do Culto no Ano Litúrgico**”, pág. 45 e seguinte.)

É BOM SABER: A palavra **Versículo** vem do latim *versiculum* e significa *versinho*, ou pequeno versículo. É, pois, com um pequeno versículo que a comunidade se encaminha para os passos finais da liturgia = **Versículo Final**. Em algumas comunidades luteranas, ele muda conforme o ano eclesiástico. O *Prontuário* sugere o versículo, conforme 1 Crônicas 16.34; Salmo 106.1; 107.1; 118.1 e 29; 136.1, intercalado com o *Aleluia*, que deve ser omitido na época da Quaresma e nos dias de penitência.

Originalmente, o **Versículo** fazia parte da *Oração das Horas* praticada em conventos. O seu espaço aqui seria uma peculiaridade luterana que, com o tempo, aboliu o cântico *Te Deum laudamus* (“*Senhor Deus, te louvamos*”), muito usado desde o século IV, e que encerrava com um **Versículo Final** e coleta final. Sobrou assim, na tradição luterana, apenas o **Versículo Final** e a **Coleta Final**.

33. Coleta Final

P. *Oremos: Graças te damos, ó onipotente Senhor Deus, porque nos vivificaste pela dádiva salvadora da tua Santa Ceia, e pedimos-te que, pela tua misericórdia, nô-la faças proveitosa para o fortalecimento da nossa fé em ti e do amor fraternal entre todos nós. Por nosso Senhor Jesus Cristo, teu Filho, que, contigo e com o Espírito Santo, um só verdadeiro Deus, vive e reina de eternidade a eternidade.*

C. Amém.

É BOM SABER: Coleta, aqui como **Coleta Final**, como já na parte da Adoração (página 12), tem a significação de oração. No início da Idade Média, a igreja católica denominou este momento como *postcommunio*, coleta pós-comunhão. Ela não é somente uma oração de graças, mas também uma oração de pedido. O pastor verbaliza um agradecimento e também um pedido de fortalecimento do sacramento na vida da comunidade, ao que ela responde: **Amém**.

*

34. Saudação

P. *O Senhor seja convosco!*

C. E com teu espírito!

É BOM SABER: Siegmund Wanke, editor do *Prontuário*, acha mais uma **Saudação** aqui supérflua, pois a parte e) *Parte da Santa Ceia do Senhor* (página 19), já foi iniciada com a **Saudação**. Argumenta, que não se deve acrescentar nada na Santa Ceia, a não ser nossos agradecimentos e pedidos.

*

35. Benedicamos

P. *Bendigamos ao piedoso Senhor!*

(depois da Santa Ceia:)

Ide-vos, agora, na paz do Senhor!

C. Graças damos a Deus!

É BOM SABER: A fórmula **Benedicamos Domino** (= *Bendigamos ao piedoso Senhor!*) originalmente é o final da Oração das Horas e da missa católica e significa “*dignificar a Deus*”. A fórmula quer enaltecer Deus por sua criação e o que ela significa para a manutenção da vida de suas criaturas. Cabia ao sacerdote, por ser ordenado e consagrado, a função de bendizer. Em todos os ritos na história da Santa Ceia, ela é finalizada com fórmulas, como “*Vamos seguir em paz*” ou “*Vão em paz*”. Na antiga Roma, usava-se a fórmula “*Ite, concio missa est* = *Ide, a assembleia está demitida*” em eventos seculares. Na Igreja Católica, esta fórmula foi usada para denominar como “*Missa*” o culto com Santa Ceia. No seu encerramento, o diácono entoava a forma abreviada, “*Ite, missa est*”, que significa “*Ide, é demissão*”.

Nas igrejas luteranas, a palavra “*demissão*” carrega e expressa o sentido de envio, de “*Palavra de Envio*”. É, enfim, esta palavra que centraliza toda a finalidade do culto: ele é a comunhão dos santos, que, consolados, orientados e fortalecidos pelo Senhor, são *enviados* para o mundo, não *demitidos*.

Particpei de um culto numa comunidade dos “*Alt-lutheraner*” (hoje SELKD) na região de Görlitz (Alemanha). Meu primo, que pertence a esta comunidade, explicou que antigamente se lia, na saída da igreja, numa placa bem visível, o seguinte: “*Atenção! Agora você adentra o campo de missão!*”, ou seja, você agora volta para o seu dia-a-dia fortalecido e perdoado para ser discípulo e provar a sua fé.

*

Página 25:

36. Bênção

P. *O Senhor seja convosco e vos guarde;*
o Senhor *faça resplandecer o seu rosto*
sobre vós, e se *compadeça de vós;*
o Senhor *levante o seu rosto sobre vós,*
e vos *dê a paz!* (Amém.)

É BOM SABER: Nas igrejas luteranas, usa-se a **Bênção Sacerdotal**, também chamada de bênção Aaronita, conforme Números 6.24-26: “*O SENHOR te abençoe e te guarde; o SENHOR faça resplandecer o seu rosto sobre ti, e tenha misericórdia de ti; o SENHOR sobre ti levante o seu rosto, e te dê a paz*”.

Há sempre a tentação de se transformar a bênção para o plural, “*o Senhor vos abençoe...*”, ou até para “*o Senhor nos abençoe...*”. Cabe lembrar que a bênção que Deus manda a Aarão, através de Moisés, é que ele abençoe desta forma os “*filhos de Israel*” (Números 6.23), isto é, *todo* o povo!

Quando o pastor usa “*o Senhor te abençoe...*”, ele sublinha que está abençoando o seu rebanho *todo*. E o faz como seu pastor! Não por vontade pessoal ou privada, mas como ministro ordenado, “*como substituto de Cristo e em seu lugar*” (*Apologia da Confissão de Augsburgo*, art. 7 e 8).

O *Prontuário* sugere: “*O Senhor vos abençoe e vos guarde...*”. Segue assim a forma litúrgica proposta pela Igreja da Baviera. Na “*Liturgia Modelo*” do Livro de Culto da IECLB (III, 53), propõe-se o texto conforme Moisés o passa a Aarão, a pedido de Deus: “*O Senhor te abençoe e te guarde...*”

A forma da bênção apenas com as palavras de Números 6.24-26 foi proposta pelo próprio Lutero, pois ela coloca a vida total dos fiéis sob a proteção e promessa de Deus. Sem a **Bênção de Deus**, o envio (“*Ides-vos, agora, na paz do Senhor*”) cai no vazio.

Sobre o sinal da cruz, lembra-se que ele já existiu na antiguidade, no meio pagão. Ali, a marca da cruz designava o tamanho de um terreno em comprimento e largura, área de domínio de determinado senhor. Neste sentido, na igreja cristã o sinal da cruz não só relembra a cruz de Cristo,

mas também representa a “*área de domínio universal*” de Deus. Assim, o sinal que o pastor faz deve mostrar amplitude, de cima para baixo; da cabeça/testa até a altura do umbigo; depois na altura dos ombros, da direita para a esquerda.

Igualmente lembra-se que o costume pagão de marcar com a cruz o domínio sobre uma área de domínio também era usado para marcar domínio sobre escravos, que a recebiam na testa. Interessante que, em Ezequiel 9.4-6, uma marca na testa significa *salvação*, e não *escravidão*.

Com isso, já cedo o sinal da cruz na testa é usado na igreja cristã. Primeiramente, nos catecúmenos, no ato do Batismo. Com esse gesto, o batizando se confessava seguidor de Cristo e como prova visível de confiança na salvação trazida por ele. Colocava-se sob a proteção da cruz, visando livrar-se dos poderes do mal.

Posteriormente, com o batismo de infantes, também pais, padrinhos, catequistas e cidadãos comuns faziam o sinal sobre o batizando. Finalmente, no século II, fazer o sinal da cruz é usado para rememorar o batismo. No século IV, inicia-se com a prática de se fazer também o sinal da cruz na Ceia do Senhor e na Ordenação.

No decorrer da história, começa-se a distinguir entre o sinal “maior” e “menor”. O maior era usado nas liturgias da missa. O menor, que era feito três vezes antes da leitura do Evangelho, rapidamente se difundiu entre a população em geral. A compreensão da evocação da trindade no sinal da cruz provém dos inícios da Idade Média e remonta ao batismo. Também se faz o sinal da cruz sobre coisas e objetos para indicar que estão sob o poder da bênção de Deus. Normalmente se fazia o sinal com três dedos, para evocar a trindade: polegar, dedo indicador e o maior, juntando-os.

Martim Lutero manteve a prática e até sugeriu o sinal da cruz nas orações que incluiu no Catecismo Menor (no apêndice VII – *Como o chefe de família deve ensinar a sua casa a orar de manhã de noite*). Ali ele sugere que, de manhã, ao levantar-se, e à noite, ao dormir, a pessoa deve se abençoar (= *segnen, bekreuzigen*) com a santa cruz. Em português: “*De manhã, quando te levantas, benzer-te-ás, dizendo: Em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo. Amém*”. (Livro de Concórdia, página 379).

*

37. Hino Final (Após a Santa Ceia)

Concede-me, Jesus, Senhor,
força e contentamento;
e sara-me, meu Redentor,
pelo Teu sofrimento.
E quando, um dia, a Ti prouver,
em paz me deixa adormecer
e leva-me a Teu Reino.

É BOM SABER: O **Hino Final** sugerido pelo *Prontuário* indica pedido por forças, ajuda e condução sob o poder de Cristo, que acabou de ser experimentado concretamente na Santa Ceia. E, finalmente, que, quando lhe aprouver, para um fim abençoado no seu Reino. Pode ser também

um hino que mais uma vez sublinhe a palavra **Amém** (= *Assim é* ou *que assim seja*), expressando assim comunitariamente um SIM à comunhão vivida com Cristo. O próprio Lutero compôs o hino 259 (Livro de Canto da IECLB), cuja oitava estrofe pode ser um bom exemplo.

(Após cultos sem Santa Ceia, um ou outro:)

Abençoa Tu, Senhor,
a saída, a nossa entrada,
nosso pão, todo o labor,
o descanso na jornada;
abençoa nossa morte,
seja o céu a nossa sorte!

É BOM SABER: O *Prontuário* sugere, para culto sem Santa Ceia, como primeira sugestão, o hino “*Abençoa tu, Senhor, a saída, a nossa entrada...*” que, no Livro de Canto da IECLB, se encontra sob o número 291. Sublinha-se que a letra procura mais uma vez fazer os fiéis entoarem em conjunto um pedido de bênção em todos os momentos da vida, inclusive apontando para a finitude da vida. Enfim, essa letra faz com que os fiéis não se dispersem simplesmente, mas experimentem que vivem uma união numa comunidade que exercita uma fé comum.

Página 26:

Eu quero pertencer-te
ó meu fiel Senhor!
Jamais hei de perder-te,
mantém-me em teu amor.
Senhor, firmeza eu peço,
perseverança dá,
por isso te agradeço
na eternidade e já.

*

Ide em paz a vossa via:
A graça do senhor vos guia
e guarda-vos o Seu amor.
Por Jesus bem amparados,
sereis tranquilos, consolados
nas aflições, em toda a dor.
Parti com o senhor,
o forte protetor do Seu povo.
intercedei perante o Rei
por nós e toda a Sua grei.

38. Oração Mental de Saída:

Bendito seja o Deus e Pai de nosso Senhor Jesus Cristo, o qual nos abençoou com todas as bênçãos espirituais nas regiões celestes em Cristo! – Graças te dou, Senhor, meu Deus!
Concede que guarde no meu coração o que tu me deste, e produza frutos que ficam. A tua bênção me acompanhe, a mim e a todos com os quais me uniste.
Amém.

É BOM SABER: Na *Oração mental de entrada* (página 3), viu-se que é o momento em que cada pessoa se prepara individualmente, em silêncio, para o culto propriamente dito. Importa que, neste momento, cada pessoa seja conduzida para o silêncio e entenda que está reunida com a comunidade para realizar algo com o mesmo objetivo: *“trocar palavras com Deus com amor e paixão”*. Ou, como diz o próprio Lutero, para que não *“...aconteça nesta casa nada além de que nosso querido Senhor mesmo fale conosco através de sua santa Palavra, e nós, por outro lado, falemos com Ele através de oração e louvor”*.

Agora, as *“palavras foram trocadas com Deus com amor e paixão”*. Se foi um culto com Santa Ceia, além da *troca de palavras*, aconteceu ainda uma outra abençoada troca: Cristo recebeu os nossos pecados e, em troca, nos perdoou. Desta forma, a **Oração Mental de Saída** deveria possibilitar um momento de auto reflexão, de auto avaliação em oração. Para tal, é necessário um devido silêncio, que infelizmente não é mais perceptível em nossos cultos. Percebe-se que uma ou outra pessoa ainda se coloca de pé, num gesto de reverência, e, de olhos fechados, faz uma oração. Geralmente sob pressão, pois no banco já há alguém pressionando para a saída.

Talvez uma ajuda poderia ser o *poslúdio*, onde houver condições. A comunidade deveria ser educada a permanecer sentada para ouvir a música. Seria esse o momento para cada fiel fazer a sua oração mental. Isso evitaria colocar-se mais uma vez de pé e todos poderiam sair de seus bancos sem empurrões.

*

Página 27 a 30:

- APÊNDICE -

OUTRA FORMA DE ORAÇÃO GERAL

P. *Invoquemos em paz o Senhor:*

C. Senhor, tem compaixão!

P. *Pela paz que vem de cima e pela salvação das nossas almas, invoquemos o Senhor:*

C. Senhor, tem compaixão!

P. *Pela paz do mundo todo, pela permanência da santa Igreja cristã e pela unidade entre todos os fiéis,*

Pela missão interna e externa:

Também pela propagação do santo Evangelho entre todos os povos e pela prosperidade de todas as instituições de misericórdia na cristandade,

Pela Igreja em tempos de necessidade: ...

É BOM SABER: Nas páginas 27 a 30, o Prontuário propõe intercalar as súplicas. Após as súplicas, pastor/a diz: “Invoquemos o Senhor”, ao que a comunidade responde: “Senhor, tem compaixão”!

Página 31 a 45:

II

PRÓPRIO DO CULTO NO ANO LITÚRGICO

Observação: Damos aqui, somente os **INTRÓITOS** e **VERSÍCULOS FINAIS**, partes que, cooperando nelas a Comunidade, são indispensáveis para a execução da “Primeira Forma” do Culto. As referidas partes aparecem simplesmente numeradas, e fica a critério do Pastor indicar o número que num ou noutro caso deve ser cantado.

*

1. (Veja no “Ordinário do Culto Principal”, pág. 8.)

2. A. *Louvarei o Senhor em todo o tempo;*
 C. seu **louv**or estará **sempre** na minha **boca**!;
 A. *A minha alma se glorificará no Senhor;*
 C. os **mansos** o **ouvirão** e se **alegrarão**!
 A. *Engrandecei o Senhor comigo;*
 C. e **juntos** exaltemos o seu **nome**!
 A. *Provai e vede como o Senhor é benigno!*
 C. Bem-aventurado o **homem** que **nele** confia!

2. ... até pág. 45.

É BOM SABER: Além do **Intróito** na página 8, o Prontuário sugere, a partir da página 31, mais 44 cantos/fórmulas, as quais é possível usar para os diversos períodos do ano eclesialístico e festas.

O Prontuário sugere, nesta 2ª parte, com o título de **PRÓPRIO DO CULTO NO ANO ECLESIALÍSTICO**, além dos intróitos, **VERSÍCULOS FINAIS**, conforme páginas 45 a 46.

III

ORDEM DO CULTO PRATICADO POR LEIGO

Observações: Usam-se as seguintes abreviações: Pr. = PRATICANTE, e C. = COMUNIDADE.

1. Oração Mental de Entrada

2. Hino

3. Intróito

Pr. *Nosso auxílio está em o nome do Senhor, que fez o céu a terra.*

C. Glória, louvor e adoração
rendemos-te de coração,
Pai, Filho, Espírito – um só Deus,
no trono eterno lá nos céus!

4. Confissão dos Pecados

Pr. *Cheguemo-nos, humildes de coração, ao Senhor, e confessemos-lhe a nossa indignidade e*

culpa, pedindo: Senhor, tem compaixão de nós, pecadores!

C. Tem, Senhor, tem compaixão
do rebanho teu que a pede!
Como és grande no perdão,
tua graça nos concede!
Em ti queremos crer;
não nos deixes perecer!

5. Promessa de Graça:

Pr. *As montanhas se desviarão, e os outeiros tremerão; mas a minha graça não se desviará de ti, e o concerto da minha paz não mudará, diz o Senhor, que se compadece de ti!*

C. A glória seja só de Deus,
de quem nos veio a graça...

6. Oração (Coleta)

7. Leitura Bíblica:

Pr. *O evangelho (a epístola) do dia de hoje acha-se escrito (escrita) ... Amém.*

8. Credo

Pr. *Confessemos, conjuntamente, o nosso credo cristão:*

Pr. e C. *Creio em Deus pai, todo poderoso, Criador do céu e da terra...*

9. Hino

10. Leitura duma Prédica (à qual o Pastor da Comunidade deu o consentimento)

11. Estrofe dum Hino.

12. Oração Final com o Pai Nosso.

Pr. Oremos: *Pai de nosso Senhor Jesus Cristo e, por ele, também nosso Pai! Bendito sejas pela riqueza toda dos teus dons paternos e, especialmente, por todo bem espiritual...*

Pr. e C.

Pai nosso, que está nos céus...

13. Bênção:

Pr. *O Senhor nos abençoe e nos guarde; o Senhor faça resplandecer o seu rosto sobre nós e se compadeça de nós;
O Senhor levante o seu rosto sobre nós, e nos dê a paz!
Amém.*

14. Hino Final.

É BOM SABER: Sobre **Oração Mental de Entrada**, vide comentário no ORDINÁRIO do CULTO PRINCIPAL.

O **Intróito** recebe o seu lugar logo no início da celebração, como era costume na Ordem de Culto usada antes da formulação do Prontuário, ou seja, a Ordem de Culto para as comunidades da Igreja Luterana no Espírito Santo (em língua alemã, *“Gottesdienst-Ordnung für die Gemeinden der Lutherischen Kirche in Espírito Santo”*).

No lugar da **Absolvição**, acontece a **Promessa de Graça**. A proposta da ORDEM DO CULTO PRATICADO POR LEIGO, com isso, destaca que a **Absolvição** no culto compete às pessoas ordenadas para o ministério. O pastor, como representante da Igreja, absolve, pois Cristo deu a ele o poder de perdoar os pecados às pessoas que se arrependem - Mateus 16.19 e 18.18 (quinta parte do Catecismo Menor – O Ministério da Absolvição e Confissão).

Outrossim, a *“Apologia da Confissão de Augsburgo”*, nos seus artigos 7 e 8, lembra: *“Estes (referindo-se aos ministros) são membros da igreja segundo a sociedade externa dos sinais, e por isso ocupam cargos na igreja. E não priva os sacramentos de sua eficácia o serem administrados por indignos, porque em virtude do chamado da igreja, representam a pessoa de Cristo (destaque meu) não suas próprias pessoas, conforme testifica Cristo: “Quem vos der ouvidos, ouve-me a mim”. Quando oferecem a palavra de Cristo e os sacramentos, nê-los oferece como substitutos em seu lugar (destaque meu). É o que nos ensina aquela palavra de Cristo, para que não nos ofendamos com a indignidade dos ministros”*.

Assim, quando, na **Absolvição**, ministros/as se dirigem para os confessantes, anunciando o perdão, o fazem *“como substitutos de Cristo e em seu lugar”*. Como aqui se trata de pessoas leigas, não ordenadas, esse momento é caracterizado como **Promessa de Graça**.

Para a **Leitura Bíblica**, prevê-se apenas uma ou outra: epístola ou evangelho. Não é previsto o *Aleluia*, visto ele ser entendido como fechamento de um Salmo e, ao mesmo tempo, a introdução para a leitura do Evangelho.

A **ORDEM DO CULTO PRATICADO POR LEIGO** prevê a **Leitura duma Prédica**, que antes deve ser vista e consentida pelo pastor. Há duas preocupações para a explicação desta nota. A primeira preocupação era impedir que se procedesse a uma pregação sem um texto escrito. Texto escrito evita empolgação que, por vezes, pode desembocar em afirmações perigosas ou até de autoelogio. E com isso se explica a segunda preocupação: preservar o cerne confessional numa realidade onde muitos membros chegam às cidades e lá são envolvidos por propostas religiosas alheias à confessionalidade luterana. O Prontuário é editado em 1955, período de migração para cidades e para o norte do Estado do Espírito Santo.

Em relação à **Bênção**, vale mais uma vez resgatar questões básicas do luteranismo. Nas igrejas luteranas usa-se a **Bênção Sacerdotal**, também chamada de bênção *Aaronita*, conforme Números 6.24-26: *“O SENHOR te abençoe e te guarde; o SENHOR faça resplandecer o seu rosto sobre ti, e tenha misericórdia de ti; o SENHOR sobre ti levante o seu rosto, e te dê a paz”*.

Quando o pastor usa *“o Senhor **te** abençoe...”*, ele sublinha que está abençoando o seu rebanho *todo*. E o faz como seu pastor! Não por vontade pessoal ou privada, mas como ministro ordenado, *“como substituto de Cristo e em seu lugar”* (*Apologia da Confissão de Augsburgo*, art. 7 e 8).

Em outras palavras: O Prontuário entende que, ao Praticante que está conduzindo o culto, não compete, como leigo e sem ordenação, abençoar o rebanho. Por isso, sugere que ele se inclua na bênção: *“O senhor **nos** abençoe e nos guarde; o Senhor faça resplandecer o seu rosto sobre **nós** e se compadeça de nós; O Senhor levante o eu rosto sobre **nós**, e **nos** dê a paz”*!

3.2 - Complementando “É bom saber”:

3.2.1 - Talar ou alba na Santa Ceia?

O talar (= preto) com peitilho é algo relativamente novo no culto e não se origina na tradição da igreja antiga, nem na tradição luterana. O talar é usado a partir do momento em que o rei da Prússia, *Guilherme III*, decreta (1811) que todos os funcionários do Estado usem traje oficial. Assim, até hoje, juízes, procuradores e pastores usam o talar com peitilho. Tudo a partir da sua *Reforma Litúrgica*, que prescreve que o talar tenha gola dobrável e dobras na costura. Fala-se, inclusive, do *“talar prussiano”*.

O talar, em si, não é uma criação do *Rei Guilherme III*, mas baseia-se na Idade Média e no tempo da Reforma, onde essa vestimenta era usada por professores, doutores e letrados, denominada *“Schaube”*. Era uma capa comprida, com abertura na frente, muito usada na Idade Média. Também

Lutero, como professor, usava essa capa de cor preta como vestimenta diária. A usava nas pregações. Porém, nas celebrações usava as vestes prescritas para as missas (casulos), ou sobrepunha uma alba sobre a sua capa. Lutero continuou usando as vestes prescritas para as missas na igreja católica, da qual ele fora excomungado. Tanto é que, até os inícios do século XVIII, continuou-se usando essas vestes nas igrejas luteranas.

Observei, em algumas comunidades no leste da Alemanha (Görlitz), onde se percebe uma influência mais acentuada de um luteranismo ortodoxo (*Altlutheraner*), que, nos cultos com Santa Ceia, os pastores vestiam a alba. Mas, nos cultos sem Santa Ceia, o talar.

Onde há a possibilidade de se ter um *poslúdio*, este realmente tem a função de conduzir a “procissão” do pastor e sua equipe (se houver) até a sacristia, para tirar o talar/alba. Também é o momento em que a comunidade, sentada, tem um espaço/momento de fazer uma oração individual, como o fez no início do culto. Infelizmente, o *poslúdio* se tornou um momento da grande fuga, o corredor muitas vezes se torna um espaço de empurra-empurra e grande falatório.

O talar/alba não faz a pessoa ser melhor, mas lhe distingue a função. O culto terminou e, agora, o pastor tira a vestimenta que o distinguiu para conduzir a celebração “*como substituto de Cristo e em seu lugar*”. Assim, não há necessidade de o pastor se despedir, agora individualmente, com talar/alba.

3.2.2 - Pão e vinho: O que acontece com eles na consagração?

A tradição da realização de ceias/refeições, como memória do Senhor Jesus Cristo, tem sua origem no agir terreno de Jesus. O Novo Testamento relata a instituição da Ceia pelo próprio Jesus, conforme Marcos 14.22ss.; Mateus 26.26-30; Lucas 22.19-23. Na época dos apóstolos, essa Ceia, onde, conforme Atos 2.46, *partiam o pão*, podia ser ligada à *Ágape* (do grego = *amor* = *amor ao próximo*). A *ágape* se constituía de uma “*refeição de amor*” da comunidade para beneficiar os membros mais pobres. Tinha, portanto, função diaconal, social.

O apóstolo Paulo logo cedo começou a denominar a Ceia instituída por Jesus como “*Ceia do Senhor*”. É na *Didaquê*, no capítulo 9.5, que ela aparece com o nome *Eucaristia*. A seguir a igreja começou a designar essa Ceia instituída por Jesus como *Eucaristia* (grego), o que significa *oração de gratidão e louvor*. O que inicialmente era só uma parte da Ceia, qual seja, uma *oração de gratidão e louvor*, começou a designá-la inteiramente.

A Igreja Católica ainda hoje designa a Santa Ceia como *Eucaristia*, o que na verdade tira um pouco do que é o centro: que Jesus, na noite em que foi traído, estendeu a sua presença além dos seus discípulos. Agora, também está em meio à comunidade, alimentando-a com seu corpo e sangue. A sua presença não é interrompida e nem cessa com sua ascensão. Na instituição, ele ordena que a comunidade dos discípulos preserve a continuidade da Ceia e dá como garantia sua presença no pão e no vinho (1 Coríntios 11.23-26; Marcos 14.22-25; Mateus 26.26-29 e Lucas 22.14-20).

O ressurreto vem no primeiro dia da semana (domingo) até seus discípulos e ceia com eles. Com os discípulos de *Emaús* é reconhecido quando está à mesa com eles (Lucas 24.30-31). Aos onze, aparece quando estão à mesa e dá a ordem da evangelização (Marcos 16.14-18). Em Atos é relatado que, depois de ter padecido, Jesus se apresentou vivo aos discípulos e comeu com eles (Atos 1.3-4). A comunidade primitiva, em recordação a essas aparições de Jesus junto a seus discípulos à ceia, as mantém. Apenas agora as designa de *partir do pão* (Atos 2.42, 46). Nessas ceias, a comunidade rememora a ordem dada por Jesus quando instituiu a Santa Ceia: *“fazei isto em memória de mim”* (1 Coríntios 11. 24s.).

É na Ceia do Senhor, como Paulo a designa, que a comunidade cristã é chamada para se reunir, de forma concreta, com Cristo. Ali, onde o cálice é distribuído, ali se realiza a nova aliança: *“Este cálice é a nova aliança no meu sangue; fazei isto, todas as vezes que o beberdes, em memória de mim”* (1 Coríntios 11.24). Onde o pão é partido entre a comunidade, ali se concretiza que os muitos que a constituem se tornam um só: *“Porque nós, embora muitos, somos unicamente um pão, um só corpo; porque todos participamos do único pão”* (1 Coríntios 10.17). É, portanto uma celebração comunitária, uma *concelebração*.

Estudos indicam que, na comunidade primitiva, a Santa Ceia tinha o seu espaço nas refeições vespertinas e tinham ali sua centralidade na vida comunitária, conforme Atos 2.46: *“Diariamente perseveravam unânimes no templo, partiam pão de casa em casa, e tomavam suas refeições com alegria e singeleza de coração”*. Aparentemente, se partia o pão no início da *ágape*, após *oração de gratidão e louvor*. O vinho era distribuído após a refeição. Com isso, *ágape* e *Ceia do Senhor* compunham um só bloco.

Na época pós-apostólica, com a chegada do cristianismo ao mundo helenístico, a *Eucaristia* é separada da *ágape*. Isso porque, no mundo helenístico, refeições com cunho social e religioso, como era a *ágape* no mundo palestino/judaico, eram desconhecidas. Além do mais, por questões de trabalho (grande parte dos membros eram pobres/escravos), a *Eucaristia/Santa Ceia* foi transferida para o primeiro dia da semana (domingo), bem cedo. Era o único horário adequado para não interferir e atrasar a chegada ao trabalho dos membros que dependiam do seu ganha-pão, como empregados ou escravos.

Com essas mudanças de percepção, surge aos poucos a liturgia da *Ceia do Senhor* que hoje praticamos e que se tentou explicar historicamente nos comentários sobre o *Prontuário do Culto Evangélico-Luterano*.

Porém, em relação à pergunta ***“Pão e vinho: O que acontece com eles na consagração”***, há a necessidade de um retrospecto. Uma pergunta sempre movimentou os teólogos desde o início da igreja cristã. Nota-se que, já desde o ano de 830, existem discussões sobre a doutrina eucarística. A pergunta foi se Deus opera um milagre, transformando a substância do pão e do vinho em corpo e sangue de Cristo. Finalmente, no *Concílio de Latrão* (1215), a questão se tornou dogma, com a solução assim exposta: o sacramento do altar só pode ser executado pelo sacerdote ordenado. Essa ordenação o capacita a, com a consagração, *transubstanciar* o pão e o vinho. Ou seja, com esse dogma, o corpo e sangue de Jesus estão verdadeiramente contidos sob as espécies de pão e vinho no sacramento do altar, pelo poder divino.

Assim, se ensina na Igreja Católica que, pela *consagração*, pão e vinho se transformam na substância do corpo e do sangue de Cristo. É o que conhecemos como *dogma da transubstanciação*. Externamente, pão e vinho permanecem o que são. Porém, na sua natureza interna, se transformam. Surge como consequência a festa de *Corpus Christi*, pois as sobras da hóstia carregam a presença do corpo e sangue de Cristo, *transubstanciadas*, já que foram consagradas. Elas passam então a ser guardadas no *sacrário* nas igrejas. Assim, deu-se o costume das procissões de *Corpus Christi*, pois era possível carregar seu corpo através das ruas. É isso também que explica que, quando católicos adentram nas igrejas, fazem uma reverência. A festa de Corpus Christi surge no ano de 1264 e foi confirmada no *Concílio de Vienne*, em 1311. Porém, o dogma da *transubstanciação*, instituído no Concílio de *Latrão* (1215), trouxe aspectos que finalmente levaram o movimento reformatório refutar essa doutrina.

Na doutrina da Ceia do Senhor nas Igrejas Luteranas há um acento *poimênico*, pois Deus amou o mundo de tal maneira que deu seu Filho (João 3.16) e se fez carne (João 1.14). Ele veio ao mundo de forma concreta para se tornar nosso irmão. Na Ceia do Senhor, esse amor se torna bem concreto, a ponto de poder ser sentido de forma palpável, pois Cristo se une corporalmente com pão e vinho. Há uma união na essência do pão com o corpo de Cristo e do vinho com o sangue de Cristo.

Na Ceia do Senhor, Cristo se junta corporalmente com o pão e o vinho. Desta forma, o homem, na sua integralidade, encontra Cristo. Assim, ele está presente na sua comunidade quando ela celebra a Ceia do Senhor, como vemos em Mateus 18.2: *“Porque onde estiverem dois ou três reunidos em meu nome, ali estou no meio deles”*. O objetivo maior é saber: *“Isto é o meu corpo, que é dado por vós; fazei isto em memória de mim”*, *“Este cálice é a nova aliança no meu sangue: fazei isto todas as vezes que o beberdes, em memória de mim”* (1 Coríntios 11. 23ss). Esta *nova aliança* é a oferta de perdão, da salvação, da libertação dos poderes do mal, do ilimitado amor de Deus, da misericórdia de Deus.

Na *Confissão de Augsburgo*, em seu artigo 10, luteranos assim confessam: *“Da ceia do Senhor ensinam que o corpo e sangue de Cristo estão verdadeiramente presentes e são distribuídos aos que comungam na ceia do Senhor. E desaprovam os que ensinam de maneira diferente”*. De *“como”* se dá essa presença, permanece um mistério inexplicável. S. Wanke assim o expressa: *“De que maneira pão e vinho materialmente são corpo e sangue de Cristo, continuará a ser um mistério. Importa recebermos o corpo e o sangue de Cristo na fé de que pão e vinho são dados por nós para remissão dos pecados. Quer dizer: a Santa Ceia não é outra coisa senão o evangelho anunciado pela Palavra de Deus. Mas, para confirmação da nossa fé nele, Cristo o incorpora em nós não somente pelos ouvidos, e sim também materialmente pela boca. O pão e o vinho não precisam se transformar na Santa Ceia. Mediante ela Cristo vem para transformar-nos, a nós, o que, em cada Santa Ceia, ele continua a fazer”* (Wanke, página 58s.).

Importa que Cristo está verdadeiramente presente **no, com e sob** o pão e vinho. Ou: assim como Deus se fez carne em Cristo e se tornam uma unidade, assim o corpo e o sangue de Cristo formam uma unidade sacral (sacramento) com o pão e o vinho. Essa compreensão é conhecida como *consustanciação*.

BIBLIOGRAFIA

ADAM, Adolf – BERGER, Ruprecht. Pastoraltheologisches Handlexikon. Fünfte Auflage, Verlag Herder Freiburg im Braisgau. 1990.

ALAND, Kurt. Lutherlexikon – Vierte Auflage, Vandenhoeck&Ruprecht in Göttingen. 1983.

ALBRECHT, Christoph. Einführung in die Liturgik. Vierte Auflage. Vandenhoeck&Ruprecht in Göttingen. 1989.

BÍBLIA SAGRADA. João Ferreira de Almeida - Edição Revista e Atualizada no Brasil. Brasília: Sociedade Bíblica do Brasil, 1969.

CULLMANN, Oscar. Urchristentum und Gottesdienst. Vierte unveränderte Auflage. Zwingli Verlag Zürich/Stuttgart. 1962.

DEEG, Alexander. Torgau. 1544 – Ein Beiläufiger Luther-Satz und seine liturgischen Implikationen – <https://bibliographie.uni-tuebingen.de> – p. 87-92.

DEINZER, Johannes. Wilhelm Löhes Leben (Band 2) Löhe als Liturg – [https://de.wikisource.org/wiki/Wilhelm Löhes leben \(Band 2\)/Löhe als liturg](https://de.wikisource.org/wiki/Wilhelm_Löhes_leben_(Band_2)/Löhe_als_liturg)

DER ALTAR IM EVANGELISCHEN GOTTESDIENST – www.calwer.com<mediaPDF – p. 63-77.

DIDAQUÊ. [https://spurgeononline.com.br>uploads>2021](https://spurgeononline.com.br/uploads/2021) PDF.

DIE BEKENNTNISSCHRIFTEN der evangelisch-lutherischen Kirche. Herausgegeben im Gedenkjahr der Augsburgischen Konfession 1930. 6., durchgesehene Auflage. 26.-30. Tausend. Göttingen. Vandenhoeck&Ruprecht. 1967.

DREHER, Martin N. Coleção História da Igreja. Volumes 1 e 2. São Leopoldo: Sinodal, 1994.

EVANGELISCHER ERWACHSENEN KATECHISMUS. Glauben-erkennen-leben. 6., völlig neu bearbeitete Auflage. Gütersloher Verl. - Haus - 2000.

GOTTESDIENST-ORDNUNG für die Gemeinden der Deutschen Lutherischen Kirche in Espírito Santo. Druck von Rotemund & Co., São Leopoldo.

KELTER, Gert. Gott ist gegenwärtig – Anregungen für die Feier des lutherischen Gottesdienstes – <http://www.sola-gratia-verlag.de>

KIRST, Nelson. Série Colmeia. Fascículos 1-3. São Leopoldo: Sinodal, 1993.

LÖHE, Wilhelm. Vom Schmuck der heiligen Orte – [https://de.wikisource.org/wiki/Vom Schmuck der+heiligen Orte](https://de.wikisource.org/wiki/Vom_Schmuck_der+heiligen_Orte)

LIVRO DE CONCÓRDIA – As Confissões da Igreja Evangélica Luterana. São Leopoldo: Sinodal/Concórdia, 1980.

MANUAL DO CULTO EVANGÉLICO. Sínodo Riograndense, 1952. São Leopoldo: Rotermund & Co.

MARTINI, Romeu R. Livro de Culto. São Leopoldo: Sinodal, 2003.

MOHR, Gerd Heinz. Lexikon der Symbole - Bilder und Zeichen der christlichen Kunst – Eugen Diederichs Verlag – 4. Auflage – 1976.

NITSCHKE, Horst. Lexikon Liturgie. Gottesdienst*Christliche Kunst*Kirchenmusik. 1. Auflage. Lutherisches Verlagshaus GmbH, Hannover 2001.

PRONTUÁRIO DO CULTO EVANGÉLICO LUTERANO. 1ª Edição – 1955 e 7ª Edição – 2008.

SCHMIDT, Kurt Dietrich. Grundriss der Kirchengeschichte. 5., durchgesehene Auflage. Vandenhoeck&Ruprecht in Göttingen, 1967.

WANKE, Siegmund. Questões litúrgicas. São Leopoldo: Sinodal, 1996.

WHITE, James F. Introdução ao culto cristão. São Leopoldo: IEPG/Sinodal, 1997.

IV - LECIONÁRIOS E INTRÓITOS NO ANO LITÚRGICO

P. Sidney Retz

4.1 – Lecionários

"Lecionário" é o nome dado para uma coletânea de leituras bíblicas cuidadosamente escolhidas para o uso nas diferentes ocasiões em que a comunidade cristã se reúne para o culto³⁵.

a) Série Histórica

Ao longo do desenvolvimento do Ano Eclesiástico foram surgindo diferentes conjuntos de leituras. As séries dos anos I e II são as históricas. Elas surgiram no final do período da Igreja antiga, quando os papas Dâmaso (366-384) e Gregório Magno (540-604) organizaram séries de textos para a pregação nos cultos. Já as séries III a VI são recentes, do séc. XIX, preparadas pela Igreja Luterana da Alemanha. Os intróitos no Prontuário são ainda dessa série antiga, de 1856. O que é preciso cuidar é que a tradição do culto do Prontuário no Espírito Santo é da Igreja da Baviera.

A IECLB herdou a Série Histórica. Esta série visa a pregação da Palavra, indicando um texto para cada domingo. Este Lecionário foi seguido pela IECLB até 2007 e continua tendo influências em algumas comunidades. Conforme a Série Histórica, "está previsto um trecho de Salmo ou mesmo um trecho profético para o intróito, do qual se retiraram termos latinos que cunharam o nome de certos domingos do tempo pré e pós-pascal"³⁶. No calendário do ano litúrgico, os nomes Invocavit, Reminiscere, Oculi, Laetere, Judica, Palmarum, Quasimodogeniti, Misericordias Domini, Jubilate, Cantate, Rogate e Exaudi, ali referidos, pertencem ao Lecionário chamado "Série Histórica".

A Série Histórica em uso nas Igrejas da Alemanha teve atualização nos últimos anos. Esta "nova série de perícopes" foi, depois de um período experimental, introduzida no 1º domingo de Advento de 2018. Todas as comunidades receberam um Lecionário, que é usado dominicalmente. Sempre há um período de transição, por isso também constam no hinário e são citados nos auxílios homiléticos e litúrgicos.

b) Lecionário Comum, Trienal ou Lecionário Ecumênico

Como uma Igreja engajada no movimento ecumênico, a IECLB não ficou indiferente ao Lecionário Comum (também denominado Lecionário Trienal ou Lecionário Ecumênico), elaborado na década de 1980 por centenas de especialistas de diferentes tradições, inclusive da luterana. Esse lecionário foi adotado na IECLB, ao lado da Série Histórica, a partir de 1990 e passou a orientar os subsídios homiléticos publicados no periódico Proclamar Libertação a partir daquele ano.

O lecionário usado na IECLB desde então, no entanto, desconhecia as revisões que deram origem ao chamado Lecionário Comum Revisado (LCR), de 1992. Isso causava um descompasso em alguns períodos do ano em relação a Igrejas que usavam o LCR. Esse descompasso passa a ser superado agora, visto que as revisões foram contempladas no novo Lecionário Comum Revisado da IECLB.

³⁵ Cf. **LECIONÁRIO Comum Revisado da IECLB**. Coord. Sissi Georg. São Leopoldo: Oikos; Porto Alegre: IECLB, 2007. p. 5.

³⁶ Cf. **LECIONÁRIO Comum Revisado da IECLB**. Coord. Sissi Georg. São Leopoldo: Oikos; Porto Alegre: IECLB, 2007. p. 6; WEHRMANN, Günter K. F. O ano da igreja. Estudos Teológicos, São Leopoldo, n. 2, p.113-125, 1992.

c) Lecionário Comum Revisado da IECLB

O Lecionário Comum Revisado (LCR) foi adotado majoritariamente pelas igrejas do mundo inteiro. O mesmo se dá nos países latino-americanos, onde, algumas vezes, o LCR aparece ao lado da Série Histórica.

Na IECLB, o Lecionário Comum Revisado foi aprovado no Concílio de 2006, publicado em 2007, indicando os textos bíblicos para as leituras e a pregação de cada domingo e dia festivo do ano eclesialístico. Na agenda Vade-Mécum Luterano aparecem as indicações de textos da Série Ecumênica do Lecionário Comum Revisado da IECLB e a Série Histórica em vigor nas Igrejas Luteranas da Alemanha.

Nesse período, a liturgia do Prontuário não passou por uma revisão e atualização, como ocorreu na Igreja Luterana na Baviera e com os Lecionários. Essa é uma tarefa que fica para os próximos anos. O tema de cada domingo ou dia festivo não mudou. Por isso, de momento, sugerimos utilizar, na Liturgia da Palavra, os textos bíblicos indicados no Lecionário Comum Revisado, atualmente em uso na IECLB, conforme a agenda Vade-Mécum Luterano e o auxílio homilético Proclamar Liberdade.

d) Os intróitos do Prontuário seguem a Série Histórica.

O Prontuário do Culto Evangélico-Luterano está ancorado na Série Histórica. Conforme a Liturgia da Palavra, estão previstas apenas as leituras de um texto da epístola e um texto do Evangelho.³⁷ Pressupõe que a parte de um Salmo (ou sua combinação com outros versículos bíblicos), é cantada no Intróito.³⁸ No entanto, os intróitos não contemplam todos os domingos. No Prontuário não há uma indicação de qual intróito utilizar em determinado domingo.

4.2 – Os intróitos no Ano Litúrgico

Para ajudar a identificar o intróito do Prontuário correspondente ao domingo do ano Eclesialístico, propomos o seguinte quadro:

Tempo Litúrgico	Intróito	Textos bíblicos dos intróitos
Advento	03	Sl 11.26; Zc 9.9, Sl 25.4
	07	Nm 24.17b; Dn 27b; Sl 72.11
	23	Sl 92. 1, 5, 8
Natal	04	Is 9.6; Sl 98.1a
Fim de Ano	05	Lc 24.29 b; Sl 119.105; Sl 103.1
Ano Novo	06	Hb 13.8; Sl 39.12b; Sl 86.1b
Epifania	07	Nm 24.17b; Dn 27b; Sl 72.11
Pós Epifania	08	Is 9.2, Is 60.1 e 20

³⁷ Veja **Prontuário do Culto Evangélico-Luterano**, p. 12.

³⁸ Veja todos os intróitos do **Prontuário do Culto Evangélico-Luterano**, conforme p.8 e de 31-45.

Septuagesimae	33	Sl 106.2-5
Sexagesimae	17	Sl 65.1-2, 9
Estomihi	18	Sl 139.1-2, 23-24
	27	Sl 46.1-3, 7
Cinzas	44	Sl 51.1-2,11
Invocavit	21	Sl 50.1-4, 6
	45	Sl 55.1, 4, 16, 22
Reminiscere	39	Sl 51.15; Sl 25.7-8, 10
Oculi	28	Sl 98.1-4
Laetare	25	Sl 33.1-2, 4, 21
	42	Sl 68.4, 11, 33-35
Judica	21	Sl 50.1-4, 6
	40	Sl 116.5; 12-14
Ramos	09	Lc 18.31; 2 Tm 2.11; Sl 25.1,2; Sl 43.3
	24	Sl 45.1-2, 17
Quinta-feira Santa	10	Sl 103.2,3; Sl 111.4
Sexta-feira Santa	11	Jo 1.29; Is 53.4-6
Páscoa	12	Lc 24.34; Lc 24. 5,6; Sl 8.5,6
Pós Páscoa	13	Sl 118.15,18-19
Quasimodogeniti	29	Sl 92.12-15
Misericordias Domini	32	Lm 3.22-23; Sl 33.18; Sl 37.5
	34	Sl 67.1, 3, 5, 7
	40	Sl 116.5; 12-14
Jubilate	02	Sl 34.1-3, 8
	25	Sl 33.1-2, 4, 21
	30	Sl 100.1-2, 4-5
Cantate	24	Sl 45.1-2, 17
	28	Sl 98.1-4
	36	Sl 95.1-2, 7
Rogate	32	Lm 3.22-23; Sl 33.18; Sl 37.5
	45	Sl 55.1, 4, 16, 22
Ascensão	14	Mc 16.19; At 1.11; Sl 47.1
Exaudi	35	Sl 145.15-18
Pentecostes	15	Sb 1.7; Is 44.3; Sl 118.24,27
Trindade	16	Is 6.3; Sl 95.6; Rm 11.36

Tempo Comum	01	Sl 67.1-2; Nm 6.24-26
	02	Sl 34.1-3, 8
	18	Sl 139.1-2, 23-24
	19	Sl 103.19-22
	20	Sl 78. 1-4, 7
	21	Sl 50.1-4, 6
	22	Is 52.7; Ef 2.20; Sl 89.1,5
	23	Sl 92. 1, 5, 8
	24	Sl 45.1-2, 17
	25	Sl 33.1-2, 4, 21
	26	1 Rs 8.57; Sl 51.18; Sl 93.5
	28	Sl 98.1-4
	29	Sl 92.12-15
	33	Sl 106.2-5
	34	Sl 67.1, 3, 5, 7
	37	Sl 104.24, 10, 13, 33
	38	Sl 84.1-3, 11
	39	Sl 51.15; Sl 25.7-8, 10
	40	Sl 116.5; 12-14
	41	Sl 119.2, 4-5, 13-14
	42	Sl 68.4, 11, 33-35
Reforma	22	Is 52.7; Ef 2.20; Sl 89.1,5
	27	Sl 46.1-3, 7
	41	Sl 119.2, 4-5, 13-14
Finados	31	Sl 90.12; Sl 42.2; Ap 1.7
	43	Sl 130.1-4
	45	Sl 55.1, 4, 16, 22
Antepenúltimo Domingo	21	Sl 50.1-4, 6
	39	Sl 51.15; Sl 25.7-8, 10
Penúltimo Domingo	01	Sl 67.1-2; Nm 6.24-26
	19	Sl 103.19-22
	34	Sl 67.1, 3, 5, 7
Domingo da Eternidade	33	Sl 106.2-5
	45	Sl 55.1, 4, 16, 22

Intróitos para outras celebrações

Celebração	Intróito	Textos bíblicos dos intróitos
Festa da Colheita/ Ação de Graças	17	Sl 65.1-2, 9
	32	Lm 3.22-23; Sl 33.18; Sl 37.5
	35	Sl 145.15-18
	36	Sl 95.1-2, 7
	37	Sl 104.24, 10, 13, 33
Pedra Fundamental	22	Is 52.7; Ef 2.20; Sl 89.1, 5
Inauguração	22	Is 52.7; Ef 2.20; Sl 89.1, 5
	30	Sl 100.1-2, 4-5
Penitência	44	Sl 51.1-2, 11
Batismo	01	Sl 67.1-2; Nm 6.24-26
	10	Sl 103.2,3; Sl 111.4
	18	Sl 139.1-2, 23-24
Confirmação	02	Sl 67.1-2; Nm 6.24-26
	18	Sl 139.1-2, 23-24
	20	Sl 78. 1-4, 7
Benção Matrimonial	01	Sl 67.1-2; Nm 6.24-26
	10	Sl 103.2,3; Sl 111.4
	30	Sl 100.1-2, 4-5
Sepultamento	31	Sl 90.12; Sl 42.2; Ap 1.7
	33	Sl 106.2-5
	43	Sl 130.1-4
	45	Sl 55.1, 4, 16, 22

Como podemos ver, os intróitos são constituídos de partes de um Salmo ou a combinação de versículos de outros textos bíblicos. Os intróitos variam e são determinados conforme o próprio (tema) de cada domingo ou dia festivo no ano litúrgico, assim como a oração da Coleta (ponto 12, p. 12), o Prefácio na Santa Ceia (ponto 25, p. 20).³⁹

Mesmo com todos esses recursos disponíveis, nada deveria nos desencorajar ao princípio de moldar a liturgia, com criatividade e com domínio do conteúdo e, a partir dos textos bíblicos propostos, em especial, o texto da pregação. Para tanto, é preciso estudo contínuo e muita dedicação. Considerando que o Culto é comunitário, somos encorajados/as e desafiados/as para a catequese litúrgica e a formação de equipes de liturgia.

³⁹ O Prontuário não apresenta um Prefácio para cada domingo ou dia festivo do ano litúrgico. Exemplos de Prefácios podemos ver em **Celebrações do Povo de Deus** (CPD), nas páginas 79 a 84.

V - A MÚSICA DO PRONTUÁRIO DO CULTO EVANGÉLICO-LUTERANO

Micaela Barbara Lhotzky Berger

5.1 - História por trás da música do Prontuário

As melodias entoadas no Prontuário são advindas do **Canto Gregoriano**, nome dado à música que se fazia na Igreja de Roma, em homenagem a São Gregório Magno (540-604), papa de 590 a 604. O Papa Gregório foi quem reorganizou, reestruturou e unificou os textos litúrgicos e também inspirou novas composições litúrgicas. O canto gregoriano é essencialmente vocal, em uníssono, sem acompanhamento instrumental. Só depois foi modificado e incluído o órgão e, mais tarde, os metais, dando suporte apenas na parte dos hinos executados pela comunidade. As partes do liturgo ainda são executadas à capela.

Na época medieval, as missas eram em latim e a liturgia era cantada exclusivamente pelos sacerdotes ou grupos vocais masculinos. Com o surgimento da Reforma, Martin Lutero, em sua proposta de reforma do culto, manteve o canto gregoriano na liturgia e incluiu hinos em alemão para que a comunidade pudesse expressar sua fé conjuntamente. No século XX, a Igreja Luterana procura as origens e busca mais contato com a Igreja Católica, que tem a tradição do canto gregoriano mais viva, pois Lutero não queria um rompimento com a Igreja da época, além de que o canto gregoriano é a primeira obra musical artística importante do cristianismo e a mais antiga forma musical do Ocidente até hoje viva.

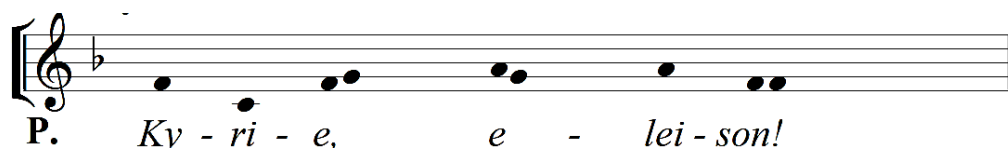
Quase todos os cantos do Prontuário se baseiam no canto gregoriano. Esse “jeito de cantar na igreja romana” já existe antes ainda do Papa Gregório, pois sua origem vem da música judaica na sinagoga, especialmente quando se cantava salmos em hebraico. Além do repertório histórico, tem criações novas “hymnen, Tropen, Sequenzen”, primeiro em grego, depois em latim. Tem duas formas básicas: o Accentus: são recitativos de textos litúrgicos e Conventus: são melodias livres.

Três partes muito comuns da liturgia até hoje, em que o canto gregoriano aparece, são “Leitura”, por exemplo, o Evangelho; “Salmos”, por ex. o Início e “Canto”, que são peças adicionais executadas por Coro ou Solo.

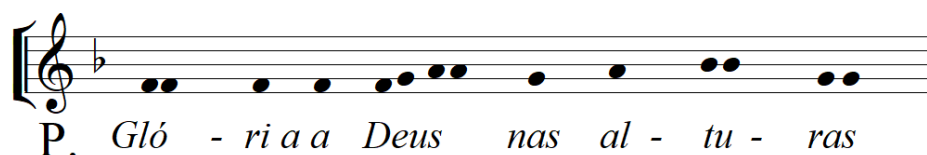
O canto gregoriano tem algumas classificações na sua composição, em que destacamos duas muito comuns:

a) Silábico: é o canto em que cada sílaba tem uma nota musical.

b) Melismático: é o canto em que há várias notas sobre uma única sílaba, prolongando as vogais, como no “Kyrie Eleison” do Prontuário (nº 09) ou no “Gloria in Excelsis” (nº 10).



Ex.: Prontuário, Kyrie Eleison, nº 09.



Ex.: *Prontuário, Gloria in Excelsis, nº 10.*

Como o canto gregoriano possui diferentes partes e formas, a sua execução também varia entre liturgo, coro e comunidade.

a) Forma direta: cantado inteiro do começo ao fim por todos, por um solista ou por um pequeno coro. A comunidade, quando não canta, escuta como se escutasse uma leitura da Palavra de Deus.

b) Forma responsorial: essa forma de cantar já era usada pelos judeus. Um solista cantava o refrão, no que a comunidade ouvia e internalizava, e, no fim de cada verso, a comunidade respondia com o refrão, sempre igual.

c) Forma alternada: essa forma é mais dinâmica, permitindo cantar o Salmo por versos ou por estrofes, entre comunidade e coro, entre solista e comunidade.

No caso de hinos, por serem mais fáceis, a comunidade sempre cantava. Já os cantos melismáticos e outros cânticos de ofícios eram executados por monges e especialistas que tinham mais tempo para ensaiar e conseguiam realizar os desafios melódicos.

5.2 - A escrita musical do Prontuário

Toda a escrita musical contida no Prontuário se baseia na escrita oficial da Igreja Luterana da Baviera, que está preocupada com a forma mais original possível do canto gregoriano.

Ritmo livre:

No canto gregoriano o ritmo é livre e as notas são todas iguais em duração, sem divisão de tempo. Portanto, não existem semibreves, mínimas, etc. Isso não significa que se pode cantar de qualquer jeito. O andamento segue o ritmo da fala, da prosódia (acentuação das palavras e sílabas fortes).

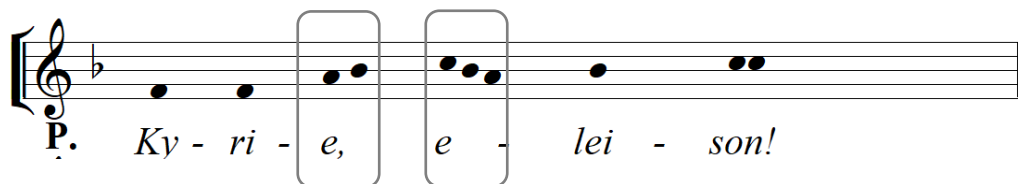


Ex.: *Prontuário, Saudação, nº 09.*

Deve-se priorizar a fluência do texto, sem arrastar nem acelerar ou atropelar nenhuma palavra. As notas com distâncias semelhantes podem ser cantadas com o mesmo ritmo.

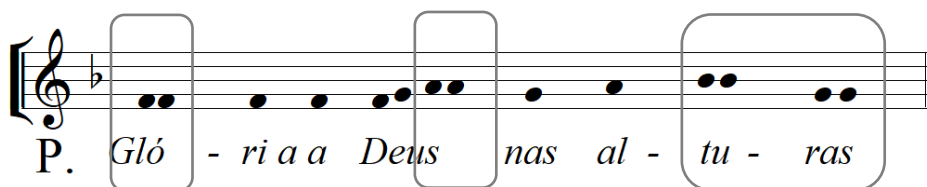
Sinais de prolongamento e expressão:

As notas mais juntas e em alturas diferentes representam um melisma, ou seja, a sílaba deve ter sua vogal sustentada e cantada em cada nota.



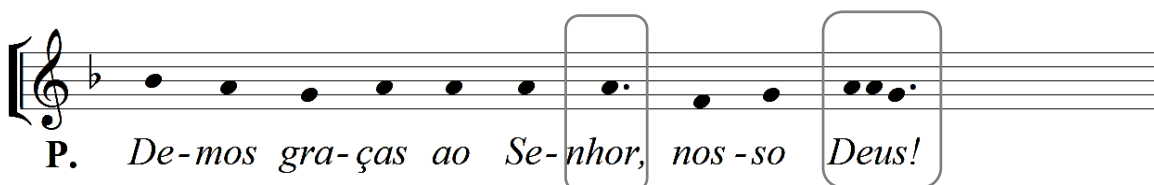
Ex.: Kyrie Eleison, Prontuário nº 09.

As notas juntas e de mesma altura (na mesma linha ou no mesmo espaço) indicam que a sílaba terá uma duração maior, ou seja, a vogal deve ser prolongada, mas sem definição de valor. Apenas deve-se sustentar um pouco mais o som.



Ex.: Prontuário, Gloria in Excelsis, nº 10.

Um ponto ao lado da nota significa prolongamento não determinado matematicamente.



Ex.: Prontuário, Saudação, nº 24.

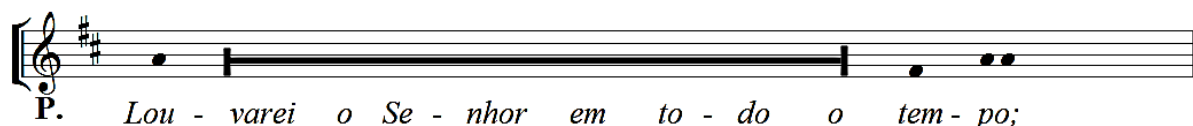
É muito comum, no canto gregoriano, ouvirmos a repetição de sons para uma ou mais palavras e até trechos de frases. Esta forma de execução pode ser representada de três maneiras:

1) Várias notas da mesma altura, repetidas e seguidas:



Ex.: Prontuário, Introito nº 01.

2) Uma barra longa na linha ou no espaço da nota a ser entoada:



Ex.: Prontuário, Introito nº 02.

3) Colocar a nota a ser repetida entre duas pequenas barras simples:

Two musical staves in G major. The top staff (P.) has a series of eighth notes: G4, A4, B4, C5, B4, A4, G4, F#4, E4, D4, C4. The bottom staff (C.) has a series of eighth notes: G3, A3, B3, C4, B3, A3, G3, F#3, E3, D3, C3. Below the bottom staff, the lyrics are: C. Pa - ra que co - nhe - ça - mos na ter - ra os seus ca - mi - nhos! Three small vertical bars are placed under the notes G3, B3, and G3 in the bottom staff.

Ex.: Prontuário, Introito nº 01.

Barras de Divisão: Fraseado e Respiração

1) Uma vírgula sobre a pauta indica uma respiração curta, assim como uma barra menor, entre o segundo e terceiro espaço.

A musical staff in B-flat major (two flats) showing a series of eighth notes: Bb4, C5, D5, Eb5, F5, G5, Ab5, Bb5, A5, G5, F5, Eb5, D5, C5, Bb4. A small vertical bar is placed between the 10th and 11th notes (F5 and Eb5). Below the staff, the lyrics are: Nos-so Se-nhor Je-sus Cris-to, na noi-te, quan-do foi tra - í - do,

Ex.: Prontuário, Palavras da instituição, nº 28.

Two musical staves in B-flat major. The top staff (1-) has a series of eighth notes: Bb4, C5, D5, Eb5, F5, G5, Ab5, Bb5, A5, G5, F5, Eb5, D5, C5, Bb4. The bottom staff (2-) has a series of eighth notes: Bb3, C4, D4, Eb4, F4, G4, Ab4, Bb4, A4, G4, F4, Eb4, D4, C4, Bb3. A small vertical bar is placed between the 10th and 11th notes (F5 and Eb5) in the top staff. Below the staves, the lyrics are: 1- A gló - ria se - ja só de Deus, de quem nos vei-o a
2- Na - da há que a - go - ra, sob os céus, pre - juí - zo ou mal nos

Ex.: Prontuário, Gloria in Excelsis, nº 10.

2) Uma barra maior, que atravessa todo o pentagrama, indica o final de uma frase ou trecho de uma frase e significa uma pausa maior, sem duração determinada, onde se deve respirar.



Ex.: Palavras da Instituição, Prontuário nº 28.

3) Uma barra dupla indica a finalização de uma frase ou a separação da parte do liturgo e da comunidade. A barra dupla mais grossa, ao final de uma pauta, indica o encerramento do canto.

Ex.: Prontuário, Benedicamus, nº 35.

5.3 - Acompanhamento instrumental

O acompanhamento aos cantos do Prontuário deve seguir sua proposta original, ou seja, à capela. Porém, é aceitável que um acompanhamento seja feito para dar apoio à afinação e condução do canto, principalmente das partes da comunidade e dos hinos. O acompanhamento precisa ser leve, mais simples e discreto, com teclado ou violão. Se houver grupos de metais, estes acompanham apenas os hinos. Os acordes do acompanhamento nas partes da comunidade podem ser alterados como ficar melhor.

Nas partes cantadas pelo liturgo (P.) sugere-se dar o tom da melodia para o liturgo se preparar e depois não tocar durante o canto, e retornar o acompanhamento na parte da comunidade (C.).

7. Intróito:

The musical score is written in D major (two sharps) and 4/4 time. It consists of four systems of staves. The first system shows the soloist (P.) singing a single note, followed by the community (C.) singing a four-note phrase. The second system shows the soloist (P.) singing a single note, followed by the community (C.) singing a four-note phrase. The third system shows the soloist (P.) singing a single note, followed by the community (C.) singing a four-note phrase. The fourth system shows the soloist (P.) singing a single note, followed by the community (C.) singing a four-note phrase. The piano accompaniment is shown in the bottom staff of each system, providing harmonic support for the vocal parts.

P. Deus nos se - ja be - nig - no e mi - se - ri - cor - di - o - so,

C. E nos dê a su - a bên - ção di - vi - na!

P. E fa - ça res - plan - de - cer o seu ros - to so - bre nós,

C. Pa - ra que co - nhe - ça - mos na ter - ra os seus ca - mi - nhos!

A execução do Introito possui três formas:

- 1) **Liturgo (P.)** canta uma parte e a outra parte a **Comunidade (C.)** responde com acompanhamento. Esta é a forma mais comum.
- 2) Um **grupo de canto** assume a parte do Liturgo (L.) e a Comunidade (C.) responde com acompanhamento.
- 3) **Dois grupos de canto** – pode ser também coral, um canta a parte do Liturgo (L.) e outro conduz a Comunidade (C.) na resposta.

5.4 - Algumas orientações para musicistas

Mudança de tonalidade do “Gloria Patri” para “Kyrie Eleison”

O Gloria Patri é executado na tonalidade de Ré Maior. No final do canto, sugere-se fazer uma modulação para iniciar o Kyrie Eleison na tonalidade de Fá.

los dos sé - - cu - los! A - mém

9. **Kyrie eleison:**

P. Ky - ri - e, e - lei - son!

C. Se - nhor, tem com - pai - xão!

Saudação: A Saudação posterior ao Gloria in Excelsis (nº11), e no final do culto (nº 34), pode ser executada na tonalidade de Fá Maior.

Kyrie Eleison e Gloria Patri: Executar a notas com duração semelhante, sem acelerar, principalmente nos melismas.

Gloria in Excelsis: O hino pode variar na parte do acompanhamento, podendo ser feito pelo teclado ou metais.

Obs.: O “Hino do Glória” pode ser substituído por outro com a mesma proposta para o momento litúrgico.

Prefácio, Palavra da Instituição e Pai Nosso: Nas partes executadas pelo liturgo não há regras quanto à respiração nas frases em que há muitas notas repetidas. A condução é livre, conforme as possibilidades de quem conduz.

Sanctus: O Hino Santo pode ser o que está no Prontuário, mas também pode ser substituído.

VI – PARTITURAS DA LITURGIA DO PRONTUÁRIO

ORDINÁRIO DO CULTO PRINCIPAL

1. Oração mental de entrada

a) Parte da Preparação

2. Hino:

Vem Santo Espírito, Senhor Deus

Introdução: Alexander Wagner

Arr.: Alexander Wagner

Melodia: Ebersberg, c.1480

Introdução



Coral



Vem, San-to_Es - pí - ri - to, Se - nhor Deus! I - nun-da_os co - ra - ções dos teus, e_a -



cen-de ne - les o fer - vor, do teu di - vi - no_e san-to_a-mor. Se-nhor que pe-lo



teu cla-rão, de to - da lín - gua e na - ção, a - jun - tas fi - éis ao po - vo teu, lou -



va-do se - jas cá e no_al-to céu. A-le - lui - a, A - le - lui - a!

Obs.: O canto é comunitário, portanto, precisa ser em uníssono, podendo ser acompanhado por teclado, metais ou coral.

3. Voto inicial:

P.: *Em nome de Deus Pai e do Filho e do Espírito Santo.*

C.: Amém.

P.: *Nosso auxílio está em o nome do Senhor,*

C.: *que fez o céu e a terra.*

4. Confissão dos pecados:

5. Absolição:

b) Parte da Adoração

6. Hino:

7. Intróito 1:



P.: *Deus nos se - ja be - níg - no e mi - se - ri - cor - di - o - so,*

C.: *E nos dê a su - a bên - ção di - vi - na!*

P.: *E fa - ça res - plan - de - cer o seu ros - to so - bre nós,*

C.: *Pa - ra que co - nhe - ça - mos na ter - ra os seus ca - mi - nhos!*

P.: *A - ben - çoe - nos Deus, o nos - so Deus!*

C.: *Deus nos a - ben - çoe e nos dê a su - a paz*

Obs.: Sugere-se que o canto seja à capela, ou o acompanhamento seja feito por teclado apenas nas respostas da comunidade.

Intróito 2:

P.: Lou - va - rei o Se - nhor em to - do o tem - po;

C.: Seu lou - vor es - ta - rá sem - pre na mi - nha bo - ca.

P.: A mi - nha al - ma se glo - ri - fi - ca - rá no Se - nhor

C.: Os man - sos o ou - vi - rão e se a - le - gra - rão.

P.: En - gran - de - cei o Se - nhor co - mi - go;

C.: E jun - tos e - xal - te - mos o seu no - me!

P.: Pro - vai e ve - de co - mo o Se - nhor é be - nig - no;

C.: Bem - a - ven - tu - ra - do o ho - mem que ne - le con - fi - a!

Obs.: Sugere-se que a comunidade cante em uníssono, sem acompanhamento.

8. Glória Patri:

P.: Gló - ria se - ja ao Pai e ao Fi - lho e ao Es - pí - ri - to San - to,

C.: Co - mo no prin - cí - pio, a - go - ra e sem - pre, pe - los sé - cu -

los dos sé - cu - los! A - mém.

9. Kyrie eleison:

P.: Ky - ri - e e - lei - son!

C.: Se - nhor tem com - pai - xão!

Obs.: O "Glória Patri" tradicionalmente é executado na tonalidade de Ré Maior (D) e o "Kyrie Eleison" em Fá Maior (F). Sugere-se, ao final do "Glória," fazer uma modulação conforme escrito acima.

P.: Cris - te e - lei - son!

C.: Cris - to tem com - pai - xão!

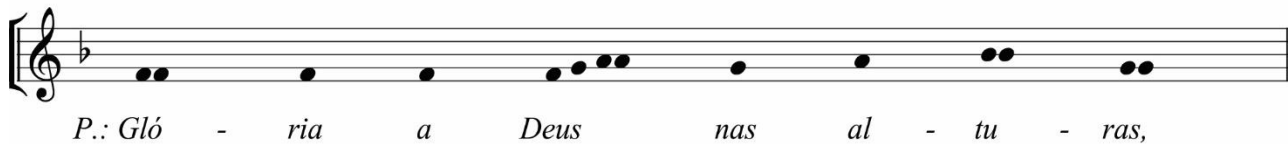
Obs.: Tanto no "Glória" quanto no "Kyrie" executar a notas com duração semelhante, sem acelerar, principalmente nos melismas.

P.: Ky - ri - e e - lei - son!

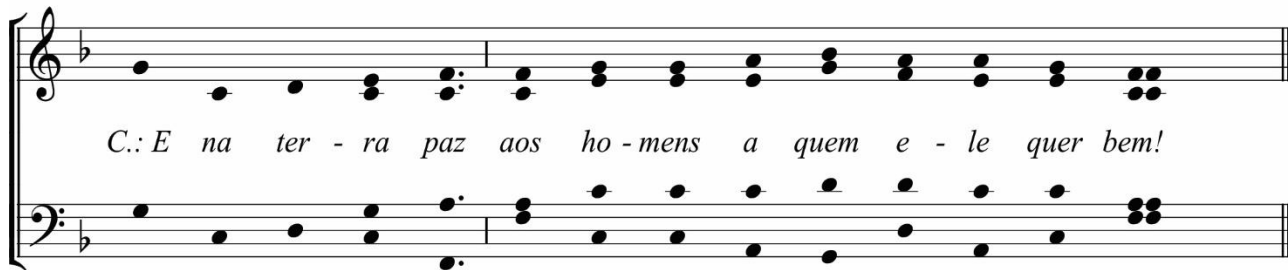
C.: Se - nhor tem com - pai - xão de nós!

Obs.: Sugere-se acompanhamento com teclado, sendo que este dê apenas o tom para a pessoa que conduz a parte do Pastor (P.) e depois o teclado pode tocar o arranjo que acompanha a comunidade.

10. Glória in Excelsis:



P.: Gló - ria a Deus nas al - tu - ras,



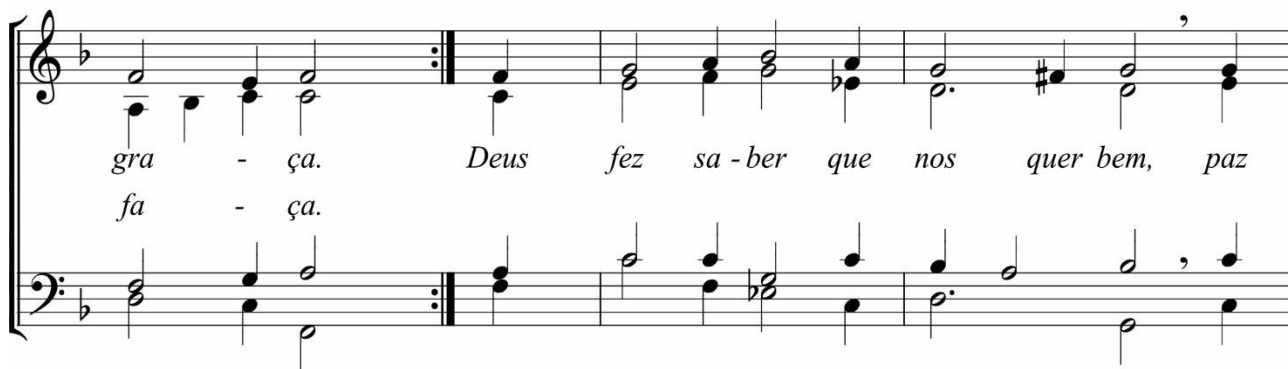
C.: E na ter - ra paz aos ho - mens a quem e - le quer bem!

Mel.: Nikolaus Decius, 1525

Arr.: Paul E. Kreisel



P. e C.: A gló - ria se - ja só de Deus, de quem nos vei - o_a
Na - da_há que_a-go - ra sob os céus, pre - juí - zo_ou mal - nos



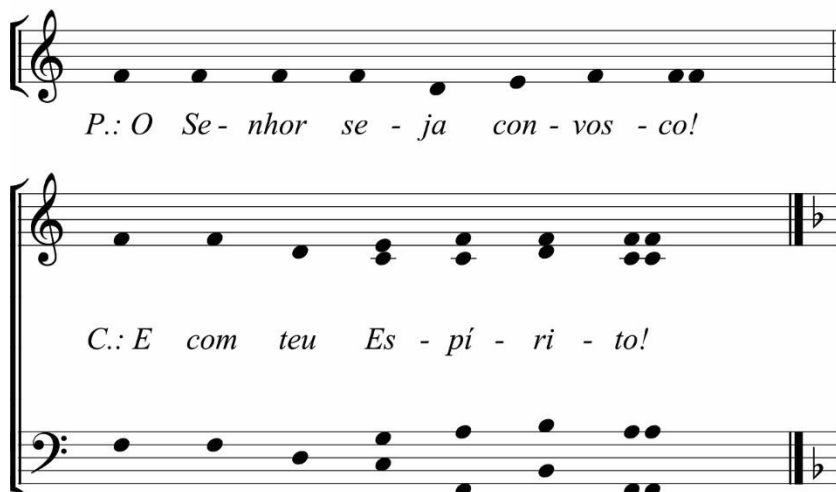
gra - ça. Deus fez sa - ber que nos quer bem, paz
fa - ça.



e_a - le - gri - a nos pro - vêm des - ta ben - di - ta no - va.

Obs.: 1 - Este hino pode ser acompanhado por teclado, coral ou metais. 2 - O "Hino do Glória" pode ser substituído por outro com a mesma proposta para o momento litúrgico.

11. Saudação:



P.: O Se - nhor se - ja con - vos - co!

C.: E com teu Es - pí - ri - to!

Obs.: A Saudação posterior ao "Glória in Excelsis" (nº 11), e no final do culto (nº 34), pode ser executado na tonalidade de Fá Maior

12. Coleta:

c) Parte da Palavra de Deus

13. Epístola:

14. Hino:

15. Evangelho:

16. Credo:

17. Hino:

18. Prédica:

19. Hino:

20. Anúncios:

d) Parte da Oração

21. Hino (Ofertório):

22. Oração geral:

23. Estrofe dum hino:

Obs.: Caso não seja celebrada a Santa Ceia, conclui-se o culto com as partes 34 a 37.

24. Saudação:

(Salutatio, Sursum Corda e Gratias Agamus)

P.: O Se - nhor se - ja con - vos - co!

C.: E com teu Es - pí - ri - to!

P.: Le - van - tai ao al - to os co - ra - ções!

C.: Nós os te - mos pa - ra o Se - nhor

P.: De - mos gra - ças ao Se - nhor, nos - so Deus!

C.: As - sim é dig - no e jus - to!

Obs.: Sugere-se acompanhamento simples, ao teclado, dando o tom para a parte do Pastor (P.) e deixando a comunidade (C.) cantar à capela ou o teclado tocando o arranjo que acompanha a comunidade.

25. Prefácio:

[I] P.: É, de - ve - ras, dig - no e jus - to, con - ve - ni - en - te e sa - lu - tar,
que, em to - dos os tem - pos e lu - ga - res, de - mos gra - ças a Ti,
Se - nhor San - to e o - ni - po - ten - te Pai, E - ter - no Deus, por Je - sus Cris - to, nos - so Se - nhor,

[II] [que en - vi - as - te ao mun - do pa - ra sal - vá - lo, pa - ra que, por su - a mor - te,
te - nha - mos a re - mis - são dos pe - ca - dos e, por sua res - sur - rei - ção, a vi - da e - ter - na]
pe - lo qual lou - va - ram a tu - a ma - jes - ta - de os an - jos,
a - do - ram - na as do - mi - na - ções, te - mem - na as po - tes - ta - des,
e ce - le - bram - na jun - to com os bem - a - ven - tu - ra - dos Se - ra - fins,
os céus e to - dos os po - de - res dos céus, ju - bi - lan - do u - na - ni - me - men - te.
Per - mi - te que u - na - mos nos - sas vo - zes com as su - as,
e te a - do - re - mos, can - tan - do sem ces - sar:

Obs.: As partes [I] e [III] não mudam, e a parte [II] entre colchetes alterna seguindo o texto do próprio.

Obs.: Sugere-se que seja cantado pelo Pastor ou Solista do grupo de canto. Nas partes executadas pelo Pastor (P.) não há regras quanto à respiração nas frases em que há muitas notas repetidas. A condução é livre.

26. Sanctus

San - to, san - to, san - to é o Deus dos E - xér - ci - tos!

The first system of musical notation for 'Sanctus' consists of a treble and bass staff. The treble staff begins with a treble clef and a key signature of one sharp (F#). The melody is composed of eighth and quarter notes. The bass staff begins with a bass clef and a key signature of one sharp (F#). The accompaniment is composed of eighth and quarter notes. The lyrics are written below the staves.

céu e ter - ra, de su - a gló - ria, chei - os es - tão. Ho - sa - na

The second system of musical notation for 'Sanctus' consists of a treble and bass staff. The treble staff begins with a treble clef and a key signature of one sharp (F#). The melody is composed of eighth and quarter notes. The bass staff begins with a bass clef and a key signature of one sharp (F#). The accompaniment is composed of eighth and quarter notes. The lyrics are written below the staves.

nas al - tu - ras! Ben - di - to (se - ja) o que vem em no - me do

The third system of musical notation for 'Sanctus' consists of a treble and bass staff. The treble staff begins with a treble clef and a key signature of one sharp (F#). The melody is composed of eighth and quarter notes. The bass staff begins with a bass clef and a key signature of one sharp (F#). The accompaniment is composed of eighth and quarter notes. The lyrics are written below the staves.

Se - nhor! Ho - sa - na nas al - tu - ras!

The fourth system of musical notation for 'Sanctus' consists of a treble and bass staff. The treble staff begins with a treble clef and a key signature of one sharp (F#). The melody is composed of eighth and quarter notes. The bass staff begins with a bass clef and a key signature of one sharp (F#). The accompaniment is composed of eighth and quarter notes. The lyrics are written below the staves.

Obs.: O hino "Sanctus" é um canto comunitário, então o uníssono deve estar em evidência, podendo ser acompanhado por teclado, metais ou coral. Este hino pode ser substituído por outro "Santo" com mesma proposta litúrgica.

27. Oração:

28. Palavras da Instituição:

The image displays the musical notation for the hymn 'Palavras da Instituição'. It consists of ten staves of music, each with a treble clef and a key signature of one flat (B-flat). The notes are represented by black dots on the staff lines. The lyrics are written in Portuguese below each staff, with hyphens indicating syllables that span across multiple notes. The text is as follows:

Nos - so Se - nhor Je - sus Cris - to, na noi - te, quan - do foi tra - í - do,
to - mou o pão, e, ha - ven - do da - do gra - ças, o par - tiu e o
deu ao seus dis - cí - pu - los, di - zen - do: To - mai e co - mei!
Is - to é o meu cor - po, que é da - do por vós; fá - zei is - so
em me - mó - ria de mim. E, i - gual - men - te, de - pois da ce - ia,
to - mou o cá - li - ce, ren - deu gra - ças, e deu - lho, di - zen - do:
Be - bei, to - dos, de - le! Es - te cá - li - ce é o no - vo tes - ta - men - to
em meu san - gue, que é der - ra - ma - do por vós, pa - ra
re - mis - são dos pe - ca - dos, fá - zei is - to, to - das as ve - zes
que o be - ber - des, em me mó - ria de mim.

Obs.: Nas partes executadas pelo Pastor (P.) não há regras quanto à respiração nas frases em que há muitas notas repetidas. A condução é livre.

29. Pai Nosso

Pai nos - so, que es - tás nos céus, san - ti - fi - ca - do se - ja
o teu no - me. Ven - ha o teu rei - no. Se - ja
fei - ta a tu - a von - ta - de, as - sim na ter - ra, co - mo
no céu. O pão nos - so de ca - da di - a nos dá ho - je.
E per - do - a - nos as nos - sas dí - vi - das, as - sim co - mo
nós tam - bém per - do - a - mos aos nos - sos de - ve - do - res.
E não nos dei - xes ca - ir em ten - ta - ção, mas li - vra - nos do mal.
Pois teu é o rei - no, o po - der e a gló - ri - a pa -
ra sem - pre! A - mém!

Obs.: Este canto é iniciado pelo Pastor (P.) até "livra-nos do mal". Em seguida, a Comunidade (C.) entra em uníssono, podendo ser acompanhada por teclado, metais ou grupo, reforçando o canto comunitário.

30. Saudação de Paz:

Single melodic line in G major, 4/4 time. The melody consists of quarter notes: G4, A4, B4, C5, D5, E5, D5, C5, B4, A4, G4. The lyrics are written below the staff.

P.: A paz do Se - nhor se - ja com to - dos vós!

Accompaniment in G major, 4/4 time. The right hand plays chords: G4-A4-B4, G4-A4-B4, G4-A4-B4, G4-A4-B4, G4-A4-B4, G4-A4-B4, G4-A4-B4, G4-A4-B4. The left hand plays chords: G3-A3-B3, G3-A3-B3, G3-A3-B3, G3-A3-B3, G3-A3-B3, G3-A3-B3, G3-A3-B3, G3-A3-B3. The lyrics are written below the staff.

C.: A - mém!

31. Distribuição:

32. Versículo Final:

Single melodic line in D major, 4/4 time. The melody consists of quarter notes: D4, E4, F#4, G4, A4, B4, C5, D5, E5, D5, C5, B4, A4, G4, F#4, E4, D4. The lyrics are written below the staff.

P.: Dai gra - ças ao Se - nhor, por - que e - le é bom, (A - le - lui - a!)

Accompaniment in D major, 4/4 time. The right hand plays chords: D4-E4-F#4, D4-E4-F#4, D4-E4-F#4, D4-E4-F#4, D4-E4-F#4, D4-E4-F#4, D4-E4-F#4, D4-E4-F#4. The left hand plays chords: D3-E3-F#3, D3-E3-F#3, D3-E3-F#3, D3-E3-F#3, D3-E3-F#3, D3-E3-F#3, D3-E3-F#3, D3-E3-F#3. The lyrics are written below the staff.

C.: E su - a be - nig - ni - da - de du - ra pa - ra sem - pre! (A - le - lui - a!)

Obs.: O "Versículo Final" é cantado conforme textos do prontuário, págs. 45 e 46, e possui a mesma melodia dos "Intróitos".

33. Coleta Final:

34. Saudação:

Single melodic line in D major, 4/4 time. The melody consists of quarter notes: D4, E4, F#4, G4, A4, B4, C5, D5, E5, D5, C5, B4, A4, G4, F#4, E4, D4. The lyrics are written below the staff.

P.: O Se - nhor se - ja con - vos - co!

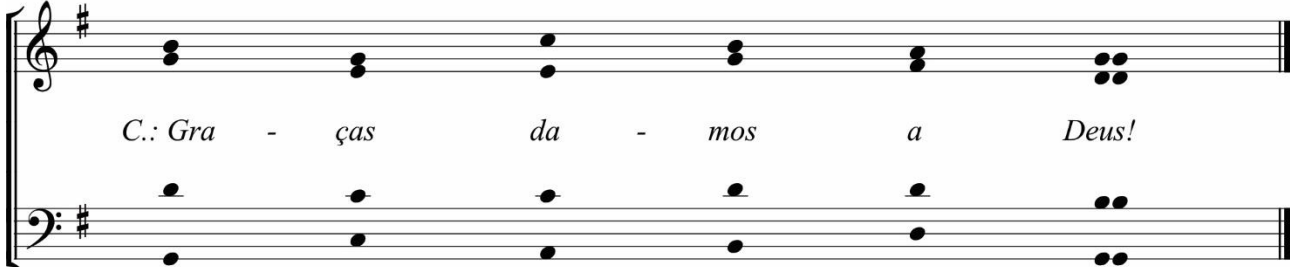
Accompaniment in D major, 4/4 time. The right hand plays chords: D4-E4-F#4, D4-E4-F#4, D4-E4-F#4, D4-E4-F#4, D4-E4-F#4, D4-E4-F#4, D4-E4-F#4, D4-E4-F#4. The left hand plays chords: D3-E3-F#3, D3-E3-F#3, D3-E3-F#3, D3-E3-F#3, D3-E3-F#3, D3-E3-F#3, D3-E3-F#3, D3-E3-F#3. The lyrics are written below the staff.

C.: E com teu Es - pí - ri - to!

35. Benedicamus:



P.: Ben - di - ga - mos ao pi - e - do - so Se - nhor!

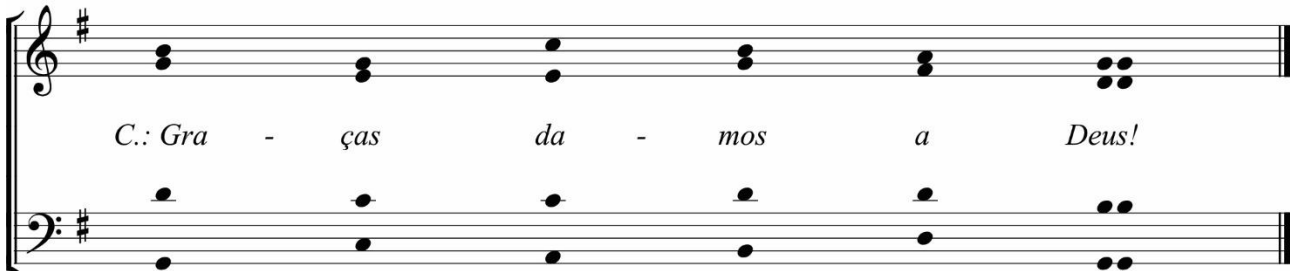


C.: Gra - ças da - mos a Deus!

(Depois da Santa Ceia:)



P.: I - de - vos, a - go - ra, na paz do Se - nhor!



C.: Gra - ças da - mos a Deus!

36. Bênção:

37. Hino Final:

38. Oração mental de saída: